

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

JULIANA CRISTINE KAPP DE OLIVEIRA VISNIESKI

**BELAS, PRENDADAS E DO LAR:
ENSINO DE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA “O
ASSUNTO É MULHER” DO JORNAL GAZETA DE PALMEIRA (1976 – 1982)**

PONTA GROSSA

2018

JULIANA CRISTINE KAPP DE OLIVEIRA VISNIESKI

**BELAS, PRENDADAS E DO LAR:
ENSINO DE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA “O
ASSUNTO É MULHER” DO JORNAL GAZETA DE PALMEIRA (1976 – 1982)**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Ensino de História, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.

Professora Orientadora: Dr^a. Angela Ribeiro Ferreira

PONTA GROSSA

2018

V832 Visnieski, Juliana Cristine Kapp de Oliveira
Belas, prendadas e do lar: ensino de história e representações femininas na coluna “O assunto é mulher” do Jornal Gazeta de Palmeira (1976-1982)/ Juliana Cristine Kapp de Oliveira Visnieski. Ponta Grossa, 2018.
163 f.

Dissertação (Mestrado em História – Área de concentração – Ensino de História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Ribeiro Ferreira

1.Representações sociais. 2. Relações de gênero. 3. Papéis sociais. 4. Mídia. 5. Ensino de história. I. Ferreira, Angela Ribeiro. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História. IV. T.

CDD : 301.412



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA CRISTINE KAPP DE OLIVEIRA

**BELAS, PRENDADAS E DO LAR:
ENSINO DE HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA "O ASSUNTO
É MULHER" DO JORNAL GAZETA DE PALMEIRA (1976 – 1982)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 10 de outubro de 2018, pela seguinte banca examinadora:

Angela Ribeiro Ferreira
Orientadora: Prof.^a Dr.^a ANGÉLA RIBEIRO FERREIRA

Carla Cristina Nacke Conrad
Prof.^a Dr.^a CARLA CRISTINA NACKE CONRADI (UNIOESTE)

Georgiane Garabelly Heil Vásquez
Prof.^a Dr.^a GEORGIANE GARABELLY HEIL VÁSQUEZ (UEPG)

Christian Marques Szesz
Prof.^a Dr.^a CHRISTIAN MARQUES SZESZ (UEPG)

Ponta Grossa, 10 de outubro de 2018.

Dedico este trabalho a minha querida e amada filha Yasmin, que o futuro seja brilhante e sem discriminações, principalmente de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as pessoas e os momentos bons em minha vida.

À Professora Dra. Angela Riberio Ferreira, por ter lembrado de mim na ocasião da oferta do curso ProfHistória, por todo apoio dado e por todas as contribuições na orientação desta dissertação.

À toda equipe do ProfHistória, professoras e professores, além da parte técnica que sempre estava pronta para nos ajudar no decorrer do curso.

Ao meu marido e companheiro de todas as horas, Elton Visnieski, por me aguentar em todos os momentos difíceis e por me dar força quando eu fraquejava.

À minha filha Yasmin, que com seu jeito meigo me cativa nos momentos de cansaço e que me dava forças para voltar ao trabalho.

À minha família, ao colo dado pela minha mãe, a força de meu pai, ao apoio de meu irmão, e às minhas irmãs, pelas confidências e noites que passamos juntas no decorrer do mestrado.

À minha família de coração, a do meu marido, por todo apoio, força e encorajamento que foram tão importantes durante todo o processo do mestrado.

Às minhas queridas amigas de gênero, Janaina e Solange, por todas as nossas confidências, angústias e anseios.

A toda equipe do jornal Gazeta de Palmeira, por me acolher e aceitar que executasse minha pesquisa em seus acervos.

A Myrian, por me receber e contar suas histórias.

As equipes das Escolas Estaduais do Campo Professor Leonardo Salata, Guarauninha, Colégio Henrique Stadler e Pinheiral de Baixo, por todo companheirismo e colaboração durante o desenrolar do mestrado.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

A cidade de Palmeira, localizada na região dos Campos Gerais, no Paraná, teve sua rotina movimentada a partir de abril de 1976, com o lançamento do periódico semanal intitulado Gazeta de Palmeira. O jornal, de propriedade feminina, foi inicialmente desenvolvido pela jornalista Ieda Matias e tinha o objetivo de manter a sociedade palmeirense a par dos acontecimentos regionais e nacionais. No período de 1976 à 1982 circulou em suas páginas a coluna “O Assunto é Mulher”, trazendo informações variadas às mulheres da cidade. A partir deste material, procura-se realizar a análise das representações femininas no jornal Gazeta de Palmeira, mais especificamente na coluna “O Assunto é Mulher”, no período de sua publicação, na tentativa de compreender o papel da mídia na construção e/ou manutenção de papéis sociais, identificando as temáticas abordadas na coluna e no jornal no que diz respeito às mulheres, através da problematização das representações femininas apresentadas, e confeccionar um material paradidático, com o intuito de levar estas discussões para a sala de aula, a fim de trabalhar junto com as alunas e alunos como a visão de mulher foi construída e disseminada pela mídia, problematizando questões como o respeito e a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Para que o trabalho seja realizado a contento, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, separando as colunas em categorias, de acordo com o tema apresentado. Para fundamentação são utilizadas as concepções de representações sociais de Serge Moscovici e de gênero de Joan Scott. Estas representações demonstram o caráter conservador da sociedade, que coloca a mulher dentro do espaço privado, como mulheres belas, prendadas e do lar.

PALAVRAS-CHAVE: representações sociais, relações de gênero, papéis sociais, mídia e ensino de história.

ABSTRACT

The town of Palmeira, located in the region of Campos Gerais, Parana, had its routine very busy from April 1976, with the release of the weekly newsletter titled "Gazeta de Palmeira." The newspaper, owned by women, was initially developed by the journalist Ieda Matias and had the objective of keeping the society of Palmeiras aware of regional and national events. In the period from 1976 to 1982 circulated in its pages the column "The Subject is Woman", bringing varied information to women of the town. From this material, the analysis of the female representations in the Gazeta de Palmeira Journal, more specifically in the Column "The Subject is Woman", in the period of its publication, in the attempt to understand the role of the media in the construction and / or social roles, identifying the topics covered in the Column and in the Journal with regard to women, through the problematization of the representations of women presented, and making an educational material, with the intention of taking these discussions to the classroom, in order to work together with all the students as the vision of women was built and disseminated by the media, problematizing issues such as respect and equal rights between women and men. In order for the work to be carried out satisfactorily, we used Laurence Bardin's Content Analysis, separating the columns into categories, according to the theme presented. In order to justify it, the conceptions of social representations of Serge Moscovici and of genre of Joan Scott are used. These representations demonstrate the conservative character of society, which concentrates women within the private space, as beautiful, crafty and homemaker women.

KEYWORDS: social representations, gender relations, social roles, media and history teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa Ed. nº 01 de 02 a 08 de maio de 1976	45
Figura 2 - Capa Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976	46
Figura 3 - Capa Ed. nº 263 de 26 de junho a 01 de julho de 1981	49
Figura 4 - Ed. nº 275 de 17 a 23 de setembro de 1981	62
Figura 5 - Ed. nº 123 de 08 a 14 de setembro de 1978.....	65
Figura 6 - Ed. nº 293 de 04 a 10 de fevereiro de 1982.....	73
Figura 7 - Ed. nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978.....	75
Figura 8 - Ed. nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978.....	76
Figura 9 - Ed. nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978.....	76
Figura 10 - Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976.....	79

LISTA DE FIGURAS DO MATERIAL DIDÁTICO

Figura 01 - Capa Ed. nº 01 de 02 a 08 de maio de 1976	105
Figura 02 – Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976	108
Figura 03 – Ed. nº 100 de 31 de março a 06 de abril de 1978	108
Figura 04 – Ed. nº 176 de 14 a 20 de setembro de 1979	112
Figura 05 – Ed. nº 176 de 14 a 20 de setembro de 1979	112
Figura 06 – Ed. nº 125 de 22 a 28 de setembro de 1978	114
Figura 07 - Ed. nº 275 de 17 a 23 de setembro de 1981	116
Figura 08 - Ed. nº 123 de 08 a 14 de setembro de 1978	117
Figura 09 - Ed. nº 293 de 04 a 10 de fevereiro de 1982	119
Figura 10 - Ed. nº 04 de 23 a 29 de maio de 1976	120
Figura 11 – Ed. nº 192 de 04 a 10 de janeiro de 1980	121
Figura 12 - Ed. nº 165 de 29 de junho a 05 de julho de 1979	122
Figura 13 - Ed. nº 221 de 15 a 21 de agosto de 1980	124
Figura 14 – Ed. nº 119 de 11 a 17 de agosto de 1978	126
Figura 15 - Carta e Resposta para Leitora Sônia – Ed. nº 156 de 27 de abril a 03 de maio de 1979	127
Figura 16 - Ed. nº 38 de 16 a 22 de janeiro de 1977	129
Figura 17 - Ed. nº 141 de 12 a 18 de janeiro de 1979	130
Figura 18 – Ed. nº 124 de 15 a 21 de setembro de 1978	135
Figura 19 – Ed. nº 135 de 01 a 07 de dezembro de 1978	135
Figura 20 – Ed. nº 144 de 02 a 07 de fevereiro de 1979	135
Figura 21 – Ed. nº 146 de 16 a 22 de fevereiro de 1979	135
Figura 22 – Ed. nº 258 de 20 a 26 de maio de 1981	137
Figura 23 – Ed. nº 124 de 15 a 21 de setembro de 1978	138
Figura 24 – Ed. nº 156 de 27 de abril a 03 de maio de 1979	139
Figura 25 – Ed. nº 220 de 08 a 14 de agosto de 1980	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados gerais temas encontrados.....	57
Tabela 2 - Dados Categoria Beleza	58
Tabela 3 - Dados Categoria Trabalho	66
Tabela 4 - Dados sobre o Tema Casa	70
Tabela 5 - Dados Categoria Casamento	78
Tabela 6 - Dados Categoria Lazer	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O início	12
A luta pela Igualdade.....	14
O uso de Fontes no Ensino de História.....	19
A Dissertação.....	20
CAPÍTULO 1	23
1 GÊNERO, FEMINISMO, REPRESENTAÇÃO FEMININA E ENSINO DE HISTÓRIA	23
1.1 A PRESENÇA FEMININA NA HISTÓRIA.....	23
1.2 A IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA.....	31
1.3 IMPRENSA, REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA	34
1.3.1 Gênero e representações de gênero.....	34
1.3.2 Gênero, educação e ensino de história.....	36
1.3.3 Gênero, imprensa e seus usos no contexto escolar.....	40
CAPÍTULO 2	43
2 GÊNERO E A COLUNA “O ASSUNTO É MULHER”	43
2.1 HISTÓRIA DA CIDADE DE PALMEIRA E O JORNAL GAZETA DE PALMEIRA.....	43
2.2 A AUTORA MYRIAM FREIRE DE FREITAS.....	49
2.3 A COLUNA “O ASSUNTO É MULHER”	53
2.3.1 Mulher e Beleza	58
2.3.2 Mulher e Trabalho	66
2.3.3 Mulher e Casamento	78
2.3.4 Mulher e Lazer	83
2.3.5 Cartas das Leitoras	90
CAPÍTULO 3	94
MATERIAL DIDÁTICO	94

APRESENTAÇÃO	95
SUMÁRIO.....	96
VAMOS COMEÇAR?	97
3.1 RELAÇÕES DE GÊNERO	98
3.2 A IMPRENSA – OS JORNAIS.....	101
3.3 GÊNERO E IMPRENSA – O JORNAL GAZETA DE PALMEIRA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS	103
3.4 AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA O ASSUNTO É MULHER	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS	133
Atividades	134
Sugestões de leitura	141
Sugestão de filmes	143
REFERÊNCIAS	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
FONTES.....	151
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICE A – Tabela dos dados das categorias	160
APÊNDICE B – Tabela com os dados sobre o Tema Casa da Categoria Trabalho	161
APÊNDICE C – Tabela com os Dados Gerais	162
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	163

INTRODUÇÃO

O início

As indagações e anseios que levaram a realização deste trabalho, não são fruto apenas do momento presente, mas fazem parte de experiências de vida. Entender porque meninas e meninos eram tratados de formas diferentes sempre foi alvo de questionamentos. A imposição de padrões de comportamento, de condutas que deveriam ser seguidas, foram elementos importantes nesta trajetória, pois marcaram negativamente todo esse processo.

Por que deveria usar saias, vestidos, roupas mais justas e salto alto, ao invés de simplesmente uma boa calça larga, camiseta e tênis? Por que não poderia subir em árvores, correr, pular e jogar bola? Por que sempre escutar a frase que deveria se comportar como uma menina? O que seria se comportar como uma menina? Por que meninas e meninos não poderiam simplesmente viver, sem ter estereótipos vinculados a seus comportamentos? Viver da forma que quisessem, brincar com o que quisessem, falar o que quisessem, ou seja, serem livres sem se preocupar com a imposição de padrões de comportamento.

Durante toda a adolescência, por não se encaixar nos ditos padrões que eram esperados às meninas, houve uma aproximação com o sentimento de luta por igualdade entre meninas e meninos. Eram horas e horas de conversas com colegas que tinham o mesmo pensamento, o início de uma certa militância pela causa do empoderamento feminino.

Os anos passaram, o jeitão despojado, sem se preocupar com padrões de beleza e que era visto com maus olhos por familiares e pessoas mais próximas, foi aos poucos sendo deixado de lado, porém o sentimento de que o mundo deveria ser mais justo para com as mulheres continuava.

Quando surgiu a oportunidade de pesquisa do Mestrado Profissional em Ensino de História, foi possível articular os questionamentos passados, sobre a imposições de padrões de comportamento, com o trabalho do curso, na tentativa de entender como, na sociedade palmeirense, esses estereótipos foram criados e/ou disseminados e qual o papel dos meios de comunicação da cidade neste processo.

A partir de diversas leituras e análises, visitas ao jornal da cidade, surgiu a chance ideal para tentar sanar, ou ao menos amenizar, todos os questionamentos que

tanto fizeram parte da vida da pesquisadora. Entender como a Gazeta de Palmeira, que teve o início de sua veiculação em meados da década de 1970, abordava a questão feminina.

Embasado nestes questionamentos que esta dissertação procura apresentar como os papéis femininos, dentro da sociedade palmeirense, foram veiculados pela mídia da cidade entre os períodos de 1976 a 1982, a partir da análise da coluna “O Assunto é Mulher” publicada neste período.

Toda a problemática do trabalho foi produzida no decorrer do contato com as fontes, pois desde o primeiro momento foi possível observar a existência de uma coluna feminina, veiculada desde a 2ª edição do jornal Gazeta de Palmeira, tendo a duração de seis anos de publicação. A coluna tinha o intuito de levar às leitoras e leitores do periódico curiosidades, dicas e conselhos destinados ao universo considerado feminino.

A escolha deste jornal como fonte principal do trabalho, se deu pelo conhecimento das festividades de aniversário do periódico, que no ano de 2016, início desta pesquisa, estava completando seus 40 anos de veiculação, sendo assim, o veículo impresso local com maior tempo de circulação dentro da sociedade palmeirense.

Desde o primeiro contato com as fontes, optou-se por fotografar as edições, para assim facilitar a análise das mesmas. Logo no início vários outros questionamentos surgiram, ao verificar que eram mulheres que estavam encabeçando a publicação do jornal, que era inicialmente, propriedade da senhora Marilena Dutra, e tinha como editora chefe a jornalista Ieda Matias. Onde estariam estas mulheres? Qual foi o objetivo das mesmas com esta iniciativa? Iniciou-se então uma tentativa de contato com estas mulheres, que já não residem mais na cidade de Palmeira, porém sem sucesso.

A partir da edição nº 100 de 1978, outra mulher entrou em cena. A coluna, passou a ser assinada por Myriam Freire de Freitas. Novamente se buscou o contato com esta mulher para tentar entender um pouco mais sobre ela e sua participação dentro da sociedade palmeirense. A autora, hoje com seus 88 anos, nos recebeu como muita alegria e orgulho pelo fato de seu trabalho estar sendo alvo de uma investigação acadêmica. Foram dois encontros marcados com simplicidade, cumplicidade e aconchego. Apesar do foco da pesquisa ser a coluna, a entrevistada, durante todos os momentos de entrevista, pouco falou sobre o desenvolvimento da

mesma, mas sim sobre sua vida, permitindo a observação sobre quem foi a Myriam e qual o seu papel na condução dos materiais publicados na coluna. Esta entrevista, foi um meio encontrado para enriquecer as informações obtidas, não sendo necessária a adoção de métodos veiculados à História Oral para sua problematização.

Após meses de trabalho, fotografando as fontes, se iniciava o desenvolvimento desta dissertação.

A luta pela Igualdade

A produção historiográfica ocidental durante muito tempo deixou a história das mulheres como um apêndice do homem, sempre colocada à margem, silenciada. A história escrita, em grande parte, ainda hoje é uma história do espaço público (político e econômico), masculino, cristão e heterossexual.

Alguns trabalhos, ainda no século XIX, tratavam da participação feminina, porém eram escassos e abordavam o tema de forma superficial. Com o movimento dos Annales, no início do século XX, uma nova perspectiva se abriu ao campo historiográfico, sendo que a partir da década 1960, esta situação começou a ser alterada. Com a inclusão de novos problemas, novos objetos e novas abordagens, através de pesquisas diversas com fontes ampliadas, sobre os excluídos da história, é que surgiu a produção historiográfica sistemática em relação as mulheres. A partir deste momento, houve uma inclusão das mulheres como sujeitos históricos. Entretanto, as pesquisas ainda não alteraram consideravelmente a história ensinada na escola. Na década de 1980/90 a temática gênero começou a ganhar força na educação escolar e atualmente vem perdendo terreno com políticas curriculares que retiraram, inclusive, o termo gênero dos documentos, como o caso do Plano Nacional de Educação, o qual cita apenas a palavra gênero, indicando as alterações realizadas para que o texto fosse aprovado: “O Senado alterou esse dispositivo, retirando a ênfase na promoção da ‘igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual’, expressão substituída por ‘cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação’” (BRASIL, 2014, p. 22).

O conceito de gênero utilizado neste trabalho é filosófico e histórico, baseado na teoria de Joan Scott, indicando que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (1995, p. 86), ou seja, trata-se de pensar sobre os papéis sociais de homens e mulheres e como esses

papéis se definiram ao longo do tempo nas relações entre os indivíduos. É um debate sobre as relações entre homens e mulheres.

Vivemos em um mundo heterogêneo que vêm buscando a inclusão das mais variadas formas de viver, das diversas culturas e da diversidade de sujeitos dentro da sociedade. Neste contexto, a discussão acerca da temática gênero, é algo necessário para que esta inclusão seja realizada, principalmente no que se refere a educação escolar. A escola e a educação escolar são muito dinâmicas, tudo o que acontece na família e na sociedade reflete diretamente dentro da escola. Com a crescente inclusão, a partir da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, de todas as crianças e jovens na escola, entraram também inúmeros problemas relacionados a pobreza, a violência, dificuldades de aprendizagem, assim como, também os excluídos e as excluídas, negras e negros, homossexuais, deficientes, etc. e a escola, da mesma forma, está aprendendo a mediar os conflitos e lidar com todas essas situações. É em meio a isso que a temática de gênero adentra o contexto escolar, porém quando o assunto é “concepção de gênero”, várias polêmicas aparecem, discussões calorosas, preconceitos enraizados se tornam visíveis e todos, mesmo aqueles que nunca se posicionam, querem dar sua opinião a respeito. Arraigado de significados do senso comum, a temática desperta controvérsias e poucos fazem um aprofundamento teórico para entendimento. O termo gênero passa a ser utilizado de forma genérica, diferente do seu tratamento acadêmico, no qual gênero,

[...] tem sido o termo utilizado para teorizar a diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens. A categoria de gênero não se constitui numa diferença universal, mas permite entender a construção e a organização social da diferença sexual. A história das mulheres e a história de gênero estão interligadas, sendo que o gênero se situa no campo relacional, porque só se concebe mulheres se elas forem definidas em relação aos homens. (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 299).

Apesar de estar assegurado em nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988), no seu Artigo 3º, Inciso IV “*promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer formas de discriminação*” e em seu Artigo 5º “*todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]*”, o que é considerado ou considerada como diferente pela sociedade ainda é visto como algo errado e que deve viver a margem, sem inclusão no dia a dia, muito menos no cotidiano escolar e ainda abrindo espaço para teorias infundadas e preconceituosas.

Segundo Reis e Eggert (2017), uma corrente de fundamentalistas vem tentando sabotar as políticas voltadas para a promoção da equidade entre os gêneros, além da promoção de ações voltadas ao combate da discriminação. Para estes autores nas últimas décadas, tanto nacional como internacionalmente, existe a tentativa de criar todo um processo de políticas para a erradicação do preconceito e a disseminação de campanhas de respeito a diversidade sexual. Neste contexto a educação seria o carro chefe para que estes objetivos sejam alcançados.

Infelizmente uma falsa concepção, chamada de ideologia de gênero, disseminada por grupos evangélicos e católicos fundamentalistas, vem se alastrando e impedindo que novas políticas educacionais sejam adotadas. Com a falsa premissa que pelo caráter de construção social por parte do conceito de gênero, qualquer pessoa poderia mudar seu gênero quantas vezes quisesse, no que Jorge Scala denomina de 'autonomia absoluta' (2011, p. 14), este discurso homofóbico e preconceituoso vem angariando conquistas, como a retirada do termo gênero em grande parte dos Planos de Educação Estaduais e Municipais, além do Plano Nacional de Educação em 2014. Estes grupos fundamentalistas, antes antagônicos, se reuniram no intuito de criar uma agenda contra as políticas de equidade e promoção de uma educação voltada ao respeito.

O que é preciso defender é a erradicação das iniquidades de gênero, que fazem uma distinção binária entre masculino e feminino, relegando o feminino a um plano inferior, estabelecendo papéis inflexíveis de gênero para o masculino e o feminino que apenas servem para reforçar as desigualdades [...]. (REIS e EGGERT, 2017, p. 20).

Para Georgiane Vásquez (2017), “a expressão ‘ideologia de gênero’, que tanto tem sido empregada nos dias de hoje para criticar os Estudos de Gênero, não é uma categoria acadêmica ou um objeto de pesquisa”, e ainda continua afirmando que para as pesquisadoras e pesquisadores de gênero, “a expressão ‘ideologia de gênero’ é estranha, uma anomalia.”

Esta expressão tem angariado força junto ao movimento intitulado Escola sem Partido¹, o qual defende que a escola tem sido utilizada como espaço para “doutrinação” de crianças e adolescentes. Neste sentido, seria papel do Estado intervir

¹ Projeto este já considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal, através da Medida Cautelar 5.537, do Relator Ministro Roberto Barroso. Disponível em <<http://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=311456113&ext=.pdf>>, acesso em 14/11/2018.

para que esta “doutrinação” não ocorra (MOURA, 2016). Assim, a chamada ideologia de gênero entraria no rol de “doutrinações” praticadas em sala de aula. É necessário e extremamente válido ressaltar que isto é uma falácia, pois não existe doutrinação e muito menos uma ideologia de gênero. Os Estudos de Gênero não buscam modificar a sexualidade das pessoas, até porque, acreditam que isto não seja possível, eles buscam sim “compreender como a ideia de uma masculinidade hegemônica influencia nas relações sociais de mulheres, de crianças e dos próprios homens, e propor estratégias de libertação.” (VÁSQUEZ, 2017).

É neste cenário, de luta contra o preconceito e pela construção de um mundo mais justo, na busca pelo respeito e pela inclusão dos diversos sujeitos históricos, e na tentativa de levar a discussão acerca da temática gênero para dentro do contexto escolar, que esta pesquisa se desenvolve. Através da análise da representação feminina no jornal Gazeta de Palmeira, na coluna “O Assunto é Mulher”, o trabalho procura demonstrar quais eram os papéis atribuídos às mulheres neste período na tentativa de verificar junto às alunas e alunos as transformações e permanências no que se refere ao que é esperado para as mulheres na atualidade.

A imagem feminina na história, principalmente na história dentro do contexto escolar, fica sempre atrelada ao universo masculino e, na medida em que não faz parte do cotidiano escolar de nossas crianças e adolescentes, os estereótipos que foram construídos através dos tempos e que ainda hoje estão presentes na sociedade, como a questão da *mulher ideal*, ou a questão da *mulher submissa ao homem*, ou ainda, *homem não chora*, ou *coisa de mulher*, continuam a serem reproduzidos. A discussão sobre a construção social dos papéis esperados pelas mulheres é fundamental para a superação do preconceito e da visão de mundo machista, que coloca a mulher à margem e atrelada ao masculino.

Vários avanços já foram conquistados na inclusão desta temática no universo escolar, exemplo disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 (PCN's), que propuseram a inclusão dos diversos sujeitos na escola, se aproximando da chamada Nova História, no qual as excluídas e os excluídos, como as mulheres, negras, negros, indígenas e homossexuais, passaram a ser contemplados, tentando uma aproximação entre o conhecimento escolar e as produções acadêmicas.

Apesar de uma maior visibilidade feminina dentro da sociedade, é possível perceber que ainda existem diversas discriminações na sociedade e que falta o entendimento de que estas discriminações partem das construções de sentido

históricas que trazem a mulher como inferior ao homem, a sexualidade como algo biológico e natural, que a identidade de gênero deve ser a mesma da identidade do sexo biológico. Estas visões foram disseminadas no decorrer da história e hoje, muitas vezes são consideradas naturais.

Neste sentido, entende-se que os papéis sociais de mulheres e homens são papéis construídos no decorrer da história e são diferentes de uma cultura para outra, de um povo para outro e que são transformados no decorrer do tempo. Estas relações se dão com a imposição de um sobre o outro, formando uma teia de poder, e que o fato de a mulher ser silenciada pela história também é fruto dessas relações de poder (FOUCAULT, 1988; COLLING; TEDESCHI, 2015).

A educação tem um papel de destaque na desconstrução e/ou manutenção dessas representações construídas, tanto através dos conteúdos trabalhados, como na forma como são trabalhados. Guacira Lopes Louro (1997) defende que além de pensarmos o que ensinar as nossas alunas e alunos, devemos também pensar como ensinar, entender o que estão assimilando, que sentidos estão criando com o que aprendem. Daí a importância de disponibilizar as alunas e alunos a história dos diversos sujeitos históricos, apresentando e problematizando a interligação destes sujeitos no decorrer do tempo, dissolvendo a versão masculina, branca e heterossexual da história. Porém, o que se percebe é que mesmo com a inclusão de novos temas e abordagens para o ensino de história, a questão gênero ainda não está contemplada no cotidiano escolar de nossas alunas e alunos, ou muitas vezes aparecem apenas através de trabalhos extracurriculares ou em épocas distintas como forma de seguir um calendário específico.

Diante dessa constatação o ensino de história tem papel fundamental, pois, conforme FONSECA (2003, apud VALLE, ARRIADA; CLARO, 2010) “[...] o ensino de história possui um papel relevante na superação da exclusão social, na construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos.”

A história vivida pertence a todos, e isto é que deve ser trazido à tona, não só temas abordados, em formato de texto complementar, em quadros desconexos dos Livros Didáticos. A escola deve propiciar para as alunas e alunos um espaço de inclusão, em que todas e todos se sintam livres para debater e questionar, sem medos e receios. A escola é o espaço no qual a cultura é compartilhada e construída, é o espaço no qual a aluna e o aluno entra em contato com a humanidade, que aprendem a se socializarem e que, enfim, entram em contato com a educação. (BOCK;

FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Assim, o papel da escola é valorizar as diferenças praticando o respeito e aceitando a diversidade e não o de reproduzir visões simplificadas da realidade, do senso comum, mas o espaço do conhecimento científico. (VIANNA; UNBEHAUM, 2007).

A escola, entre as instituições influentes na construção do pensar e do agir, tem um papel de destaque na construção das relações de gênero, porque é o lugar onde se continua a exigir que meninas se comportem bem, sejam quietas, meigas e educadas. Além disso, é a escola que aproxima alunos e alunas do pensamento científico, ali se fala em nome da ciência, utilizam-se livros e se delimita o lugar das brincadeiras e espaços de convivência entre meninos e meninas (SALVA; RAMOS; OLIVEIRA, 2014, p.230).

Cabe então, possibilitar que realmente o espaço escolar atenda seus objetivos, o de incluir todas e todos, sem discriminação para que assim possa transformar suas alunas e alunos em cidadãos e cidadãs conscientes de que a sociedade deve ser igualitária, sem discriminações e preconceitos.

O uso de Fontes no Ensino de História

Para a construção do saber científico, o uso de fontes históricas em sala de aula, se torna indispensável, para que as alunas e os alunos possam analisar e compreender as construções sociais através da história, como foram construídas, além de entender o porquê de determinados padrões de comportamento da sociedade. A quantidade de informações que podem ser extraídas das fontes justifica seu uso para o enriquecimento da prática pedagógica, contribuindo para um melhor aprendizado das alunas e alunos, que poderão contextualizar o conteúdo com a prática (VALLE; ARRIADA; CLARO, 2010).

Cerri e Ferreira (2010) discorrem também sobre a importância da fonte, ao pensarmos em uma história que dá condições para formação de um pensamento crítico, permitindo que alunas e alunos percebam, através do documento, que o conhecimento histórico não está pronto e acabado, e que elas e eles podem participar desta construção. Essa reflexão é válida para o uso da fonte histórica de maneira geral, inclusive para o jornal, que é a fonte principal deste trabalho.

O texto jornalístico traz várias vantagens, conforme a escolha feita e a utilização desenvolvida pelo professor: pode ser capaz de dar visibilidade ao cotidiano, ao registro contemporâneo do evento estudado, ao tipo de atenção ou análise que tal evento despertou em sua época. Permite acompanhar

dados ausentes na “grande história”, como o acompanhamento do cotidiano, a parcialidade e a velocidade das mudanças, o desenrolar das polêmicas e seu esquecimento. Por ser uma fonte relativamente acessível, o jornal pode aproximar a história ensinada da história local, ajudando a relativizar a ideia de processos históricos amplos (nacionais) submetidos a apenas uma lógica. Permite algum acesso à opinião pública, pois, apesar das seleções operadas pela linha editorial do jornal, o sucesso de vendas está ligado a atender os interesses de informações da população – seja a polêmica, os crimes ou as mudanças políticas e econômicas. (CERRI; FERREIRA, 2010, p. 53).

Ao analisar fontes jornalísticas é possível abrir um leque de possibilidades, com informações e abordagens variadas, enriquecendo o trabalho em sala de aula e trazendo a prática histórica para as crianças e adolescentes.

Para trabalhar com a história das mulheres, o jornal é uma alternativa, visto que é possível analisar as representações sociais de uma época, os papéis atribuídos a homens e mulheres, e ainda, ajuda a compreender o papel da mídia na transmissão e construção de valores de uma sociedade. Assim, na tentativa de incluir a questão de gênero e da história das mulheres no contexto escolar, além da prática de análise de fontes históricas, que o presente trabalho busca responder é, “quais os papéis atribuídos às mulheres na cidade de Palmeira através da coluna ‘O Assunto é Mulher’ do jornal Gazeta de Palmeira, entre 1976 e 1982?”

A fonte de pesquisa encontra-se disponível na sede do jornal Gazeta de Palmeira, na cidade de Palmeira – PR, e por se tratar de um periódico semanal, desde sua fundação, optou-se por fazer o recorte temporal, iniciando em abril de 1976, fundação do mesmo, até maio de 1982, fim da publicação da coluna “O Assunto é Mulher”.

A Dissertação

Para alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa, as edições do jornal foram fotografadas, catalogadas e analisadas, estando arquivadas no acervo da autora. Algumas, mais específicas foram utilizadas no material paradidático produzido no final da pesquisa.

Para análise da fonte foi adotada a prática da análise de conteúdo, conforme Bardin (1977, p. 38) que se caracteriza como um “conjunto de técnicas de análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” e ainda,

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p. 03).

Toda a análise se pautou na teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, para assim, identificar os papéis atribuídos às mulheres nas edições da coluna jornalística estudada e, ter um entendimento maior das representações sociais de gênero.

Conforme Ferreira (2006), representações seriam as construções sociais estabelecidas entre os sujeitos, os conhecimentos construídos e assim, para qualificarmos as representações seria necessário o entendimento do porquê da produção destas representações. Entender o que está por de trás das informações obtidas, levando em consideração que a representação pode estar ancorada em elementos como economia, religião, questões como moralidade e imoralidade, senso comum, e os conceitos sobre os papéis femininos esperados como mulher/beleza, mulher/boa mãe, mulher/boa esposa, entre outros.

Com o intuito de ampliar as discussões dentro do contexto escolar, será produzido um livro paradidático, produto deste trabalho, que terá o objetivo de continuar as discussões apresentadas na pesquisa em sala de aula, para alunas e alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, 9º ano, e para o Ensino Médio, através da análise das construções sociais, na propagação de valores morais, e na padronização de comportamentos de um determinado período. A ideia é trabalhar a produção do conhecimento histórico e realizar junto as alunas e alunos, atividades que desenvolvam visões mais igualitárias e de respeito entre todas e todos. Escolhemos este produto, o paradidático, por entender que o trabalho com a história das mulheres no cotidiano escolar, é facilitado por materiais que possuam formato e linguagem mais flexível, que podem despertar na aluna e no aluno um interesse maior e, conseqüentemente tornar o aprendizado prazeroso, alcançando os objetivos desta pesquisa.

Segundo Thomson (2016) os paradidáticos são produzidos para despertar o gosto da leitura, seria uma forma de trazer um conhecimento diferenciado daquele trazido pelo livro didático, além de abordar temas diferenciados. Já para Zamboni (1993, p. 175),

As formas narrativas de construção do conhecimento histórico, presentes nos livros paradidáticos de História, destinam-se a dar apoio ao trabalho docente, objetivando a intenção dos autores em atrair, para leitura dos livros de conteúdo histórico, um tipo especial de leitor [...].

Assim, a escolha do paradidático como produto final desta pesquisa, vem a calhar na tentativa de atrair a atenção das alunas e alunos no que se refere a história das mulheres e a importância desta história na formação da sociedade.

A fim de discutir e apresentar os resultados da pesquisa optou-se por organizar esta dissertação em três capítulos. No primeiro capítulo, o referencial teórico sobre gênero, feminismo, utilização da fonte jornalística na produção do conhecimento histórico e os seus usos, no que se refere a história de gênero e a prática do ensino de história. Já no segundo capítulo, uma breve contextualização sobre a cidade de Palmeira e o início da publicação do jornal Gazeta de Palmeira, apresentando os resultados da análise da coluna “O Assunto é Mulher”. No terceiro capítulo, apresentamos o material paradidático produzido a partir destes estudos.

CAPÍTULO 1

1 GÊNERO, FEMINISMO, REPRESENTAÇÃO FEMININA E ENSINO DE HISTÓRIA

Todo trabalho acadêmico nasce de um questionamento presente na vida de pesquisadoras e pesquisadores. Uma inquietação que parte de seu meio, daquilo que é parte integrante de sua personalidade e realidade. Neste sentido, a história das mulheres e os papéis sociais que são atribuídos a elas e aos homens sempre foi alvo de inquietação por parte desta pesquisadora, que nunca entendeu o porquê de mulheres e outros grupos, como negras e negros, homossexuais, trans e travestis, serem deixados a margem, discriminados e muitas vezes considerados como inferiores. Neste capítulo abordaremos o contexto teórico que fundamentará esta pesquisa, trazendo informações pertinentes a história das mulheres, a utilização do conceito gênero para fundamentar o trabalho, a ligação entre gênero e educação, além da importância de se incluir efetivamente esta temática no contexto escolar, para que realmente haja uma educação inclusiva e democrática, além do conceito de representações sociais para entender como foi se dando a representação feminina na coluna “O Assunto é Mulher” do jornal Gazeta de Palmeira.

1.1 A PRESENÇA FEMININA NA HISTÓRIA

A mulher, apesar de sempre ter feito parte da sociedade, ficou a margem, subordinada a uma história excludente, invisível do processo de construção do passado, silenciada. Presa ao ambiente privado de seus lares, sendo vista muitas vezes apenas como a esposa que cuida dos filhos

Este silenciamento, pode ser explicado quando analisamos a história do movimento das mulheres. Conforme Trigo e Brioschi (2007), a expansão do capitalismo trouxe diversas mudanças no cotidiano das pessoas, principalmente na vida das mulheres, pois as da classe média, as mulheres burguesas, passaram a viver confinadas em casa e as operárias a competir por um espaço dentro do chão de fábrica com os homens, sendo colocadas sempre em posição subalterna e com baixos salários. A partir da chamada Revolução da Burguesia, a ótica conservadora da mesma passou a ser questionada,

[...] propiciando o acirramento de uma série de reivindicações por parte das mulheres, segundo a sua posição social: acesso à educação em todos os

níveis, direito à gestão econômica dos seus bens, ao exercício de ofícios e profissões liberais, melhoria de salários e redução de jornada de trabalho, direito ao voto, recusa da dupla moral sexual e outros. (TRIGO; BRIOSCHI, 2007, p. 107).

Neste contexto passou a existir um aumento na atuação das mulheres, porém ainda as mulheres da classe alta. E é neste momento que se iniciou, no Brasil, um processo de publicações, literaturas voltadas ao público feminino. "Começam então um outro nível de controle da educação feminina. Ficam reservados a elas a literatura de tom moralista e doutrinário e os romances folhetinescos." (CABRAL, 2008, p. 03).

O final do século XIX e início do século XX, foi marcado por diversas transformações, transformações estas, que não abalaram os costumes e visões tradicionais da sociedade, que continuavam trazendo as mulheres como inferiores. Esta visão de mulher cuidadosa e zelosa permaneceu, inclusive anos depois com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Para ela ainda eram colocados como postos de trabalho o de professoras, enfermeiras, ou seja, cuidadoras e sua educação voltada para exercer sua função feminina e não para sua evolução.

É aí que o movimento feminista se destaca, na tentativa de modificar as estruturas da sociedade. No Brasil esta realidade não é diferente, com o advento da Primeira República, e o processo de modernização, as mulheres também passaram a lutar por igualdade e valorização.

O movimento feminista organizado, passou por algumas fases durante sua história, as chamadas ondas do feminismo. A "primeira onda" teria acontecido por volta do fim do século XIX e início do século XX, organizado em prol da luta pelos direitos políticos, o sufrágio feminino. Já a segunda onda surge após a Segunda Guerra Mundial, voltada para lutas relacionadas ao corpo e prazer, além de serem contra ao patriarcado. Nesta segunda onda é que o termo gênero começa a ser utilizado dentro do feminismo, principalmente na década de 1980 a partir do trabalho da historiadora Joan Scott. (PEDRO, 2005).

Já o sociólogo Pierucci (2007), divide a história do movimento feminista em três fases distintas, diferenciando estas de fases igualitarista e diferencialista. O autor indica que na primeira onda, a reivindicação se resumia na igualdade entre os sexos e a segunda onda acompanha os movimentos de contestação que afloram na década de 1960. Nesta onda, a diferença é ressaltada, dando início a uma reviravolta teórica e é o início da utilização da expressão diferença de gênero, a distinção sexo/gênero.

Já na terceira onda, a discussão começava a ressaltar sobre a multiplicidade feminina, iniciando a crítica das justificativas e das teorias baseadas no essencialismo (sexo biológico determinando o gênero, os comportamentos ditos femininos e masculinos).

Este pensamento essencialista é que traz a concepção de natural, trazendo a heterossexualidade como o padrão ideal da sociedade, sendo o homem o provedor da mesma, e são estes ideais que dão base ao pensamento conservador e excludente presente na sociedade. Porém, ao analisarmos as relações considerando as questões culturais, que englobam as lutas por direitos e que produzem diversos sentidos para masculinidades e feminilidades, percebemos que esta visão de mundo essencialista é extremamente simplista e de fácil contestação (MEYER, 2013), pois existem diversas identidades na sociedade, que não são explicadas através destes conceitos.

No Brasil o movimento feminista teve suas particularidades. Pinto (2003, p. 09) inicia seu trabalho discorrendo que

Desde suas primeiras manifestações, ainda no século XIX o movimento foi muito particular, pois desafiou ao mesmo tempo a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público – portanto, dos direitos como cidadã – e também as propostas revolucionárias, que viam na luta das mulheres um desvio da pugna do proletariado por sua libertação.

Ainda sobre o movimento feminista brasileiro, a autora indica que este teve sua primeira onda com os mesmos objetivos do movimento internacional, a luta por direitos políticos. Esta primeira fase apresentaria organizações diferentes, sendo a primeira um movimento mais organizado e comportado, liderado por Bertha Lutz, o segundo mais intelectual e difuso, que se usava de uma imprensa feminista alternativa para divulgar suas lutas no campo de uma educação feminina e contra a dominação masculina, e o terceiro mais radical, dentro do seio anarquista e futuramente no Partido Comunista. Após a conquista do direito ao voto em 1932 o movimento teria sido colocado a margem, por horas esquecido (PINTO, op. cit.).

A volta do movimento no país se daria no contexto ditatorial, principalmente a partir da década de 1970, “época em que as discussões em torno dos direitos das mulheres retornam com maior ênfase ao cenário político-cultural brasileiro [...]” (MANINI, 1995/1996, p. 50). Enquanto que no restante do mundo ocidental o movimento estivesse acompanhando a onda dos movimentos contestatórios, aqui ele estaria ligado aos movimentos de base, de bairros e até, em alguns momentos ligados

a Igreja, em prol da luta por melhores condições de vida e contra o autoritarismo do governo militar. Sarti ressalta que (1988, p. 41),

O feminismo foi se impondo dentro deste quadro geral de mobilizações diferenciadas. Procurou conviver com essa diversidade, sem negar sua particularidade. Isso envolveu muita cautela. Inicialmente, ser feminista tinha uma conotação negativa. Vivia-se sob fogo cruzado. Para a direita, era um movimento perigoso, imoral. Para a esquerda, reformismo burguês e, para muitas mulheres e homens, independentemente de sua ideologia, ser feminista tinha uma conotação antifeminina. Associava-se feminismo a uma oposição homem X mulher, que nunca existiu de forma radical em suas manifestações no Brasil. A imagem feminismo X feminino repercutiu inclusive internamente, no movimento de mulheres, dividindo seus grupos, como autodenominações excludentes. A autodenominação feminista implica a convicção de que os problemas específicos à mulher não serão resolvidos com a mudança da estrutura social, mas necessitam tratamento especial. O feminismo brasileiro desenvolveu-se interligando os grupos de camadas médias e os movimentos populares. Contribuía para isso sua estreita ligação com as lutas democráticas em oposição ao regime militar.

Ainda para Sarti (op. cit) o movimento só passou a realmente defender as questões feministas a partir do processo de abertura política no país, momento no qual foram desenvolvidas publicações feministas como o jornal *Brasil Mulher* e o *Nós Mulheres*. O movimento se consolida a partir de 1978, porém passa por dificuldades no final da década de 1980. Neste contexto, Pinto (2003, p. 91) indica que a virada do milênio, assim como toda a década de 1990, inicia-se com o questionamento: “[...] o feminismo acabou?”. A autora continua afirmando que o movimento tal como ocorreu nas décadas passadas realmente já não existia, porém, uma nova forma mais difusa perdura na luta por direitos, contra a violência e engajado na política.

No sentido de aprofundar e continuar estas discussões é que entra o papel da escola e da educação. Maria Alexandra Côrte-Real (2011, p. 21) indica que a educação é a atividade que “procura o desenvolvimento de todas as capacidades do indivíduo, assim como sua inclusão na cultura atual, e que se deverá estender ao longo de toda a vida da pessoa”. Assim se pensarmos na questão de gênero, verificamos que a educação deve ter o papel de incluir os diversos sujeitos para que estes possam se educar e se desenvolver em plenitude.

Ao se analisar a vida escolar das crianças, é notável que desde o seu início, e até mesmo antes de adentrarem na escola, em casa com suas famílias, e até mesmo dentro do útero da mãe (MEYER, 2013 e SALVA; RAMOS; OLIVEIRA, 2014), são impostos padrões de comportamento ideais para os meninos e para as meninas baseados em uma concepção essencialista de gênero, marcados pela dualidade dos

sexos, definindo os atributos que constituem as masculinidades e as feminilidades, atributos estes construídos culturalmente e que com a dinâmica da sociedade estão em constante metamorfose (SALVA; RAMOS; OLIVEIRA, 2014). A mente das crianças desde sua concepção está sendo educada para as relações heteronormativas, para a educação de como deve ser seu comportamento, de como devem ser seus pensamentos. Desde os brinquedos ofertados, operam trazendo diversos significados, levando meninos a um rol de possibilidades e meninas a serem excelentes 'mães e donas de casa'. As autoras ainda enfatizam que as relações de gênero estão presentes no decorrer de nossas vidas e que revelam certas hierarquias e discriminações que muitas vezes são despercebidas por serem naturalizadas na sociedade.

Butler (2016), relaciona estas questões com a questão do poder. Para ela toda representação que se espera do feminino e de gênero, está pautada na imposição de um discurso jurídico, que impõe normas e padrões de conduta para a sociedade, e que aqueles que estão a margem destes padrões são refutados, criticados e considerados como inferiores. Os corpos estariam sendo educados, tratados apenas como meros receptáculos passivos da cultura dominante, "alvo de práticas disciplinares." (VIANNA; FINCO, 2009, p. 268). Para estas autoras as preferências que meninas e meninos apresentam, não são oriundas de suas características físicas, mas sim de construções culturais, sociais e históricas; e que é na educação infantil das crianças que os corpos são educados, marcados pelas concepções de adultos.

Andrade (2013, p. 110) afirma que não é apenas a escola o local de aprendizado, local no qual "os corpos são educados, moldados, governados", a chamada 'pedagogia cultural' engloba os mais diversos meios em que as pessoas estão inseridas, e estes meios também continuam desenvolvendo e afirmando estereótipos sobre o que é certo e o que é errado no que tange as masculinidades e feminilidades.

É neste contexto que se torna pertinente a discussão de gênero, na educação escolar, pois é através dela que é possível aprender e compreender nossos direitos e deveres e é "um campo propício para uma análise sobre as políticas públicas favoráveis à igualdade, e em particular, à igualdade de gênero." (VIANNA; UNBEHAUM, 2007, p.118). As autoras ainda destacam sobre o impacto da não inclusão da questão de gênero nas políticas públicas educacionais, impacto este visível na "discriminação das mulheres no livro didático e nos currículos, na limitação

do acesso à educação e da permanência na escola de jovens grávidas, no fracasso escolar que nitidamente marca de maneira distinta a trajetória escolar de meninas e meninos.” (VIANNA; UNBEHAUM, 2007, p. 128). Vianna e Finco (2009) ressaltam que a discussão das questões de gênero no contexto escolar, faz parte do direito de alunas e alunos a uma educação de qualidade, desde a educação infantil.

A escola deve fazer parte da sociedade, trazendo para seu cotidiano os diversos sujeitos sociais e respeitando as diversidades. Problematizar sobre a história das mulheres, as lutas, as conquistas, enfim, a participação na formação desta realidade é essencial, pois isto se torna imprescindível para a superação da violência através de discursos preconceituosos e homofóbicos.

A reflexão de gênero deve fazer parte do cotidiano escolar, do cotidiano de todas as áreas de ensino, do currículo escolar. Fonseca (apud ZARBATO, 2015), ainda aponta que, quando se trata de currículos, não adianta introduzir a temática de gênero, se nas práticas escolares ainda são utilizados processos de exclusão e de divisão; de que a sala de aula é só mais um meio de aprendizagem, o aluno tem contato com diversos meios que também trazem valores e ditam normas, como a televisão, e por último, que além da educação temática, a mudança também deve estar presente na formação dos professores.

Neste sentido é importante, no dia a dia escolar, problematizar a temática, buscando desconstruir a visão simplista e preconceituosa de que o diferente é errado. Deve-se buscar a igualdade, sem negar a diferença.

A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração. (SCOTT, 2005, p. 15).

Quando se fala em igualdade deve-se levar em conta que esta não significa negar as diferenças e dizer que todos são iguais, está diretamente relacionada ao respeito as diversidades e a valorização das diversas identidades presentes na sociedade.

Analisando estas diferenças, é possível refletir como estas foram construídas, qual o processo histórico em que foram afirmadas, e assim, entender e reconhecer estas não como algo natural, e sim como algo que foi se transformando e solidificando em nossa sociedade. Zarbato (2015) afirma que para isto é necessário historicizar

gênero, apresentando às alunas e alunos os significados, as contradições, o processo de construção destes significados e a interligação dos conceitos homem e mulher.

É imprescindível uma discussão sobre o natural e o construído como um mecanismo que possibilite uma reflexão sobre as fronteiras estabelecidas, geralmente por relações arbitrárias de poder dos homens e das mulheres. (SALVA; RAMOS; OLIVEIRA, 2014, p.229).

Trabalhar com a temática gênero, significa trazer para os alunos a concepção de que a “condição das mulheres e dos homens não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política.” (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 299). Estas relações se compõem em uma rede complexa de poder, trazendo a supressão de um sobre o outro. É neste contexto que a indagação de Joan Scott (1995, p. 27) é oportuna: “Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como é que as coisas mudam?” E a resposta talvez seja esta,

São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo e reconhecemos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. (SCOTT, op. cit., p. 28).

Buscar, junto com as alunas e alunos o entendimento de que a história é formada pela relação de homens e mulheres, e que a ausência feminina na história é só um dos exemplos da imposição de poder de uma sociedade masculina e heterossexual.

‘Gênero’ dá ênfase ao caráter fundamentalmente social, cultural, das distinções baseadas no sexo, afastando o fantasma da naturalização; dá precisão à ideia de assimetria e de hierarquia nas relações entre homens e mulheres, incorporando a dimensão das relações de poder; dá relevo ao aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, de que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois poderia existir através de um estudo que os considerasse totalmente em separado, aspecto essencial para “descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 289).

Entender, também, que a sociedade masculina e heterossexual, é reproduzida, muitas vezes sem sentirmos, quando negamos a presença feminina, quando “aprendemos que, em muitas situações, a palavra supõe todas as pessoas, englobando, portanto, homens e mulheres” (LOURO, 1997, p. 67), ou seja, a naturalização do termo masculino para designar o todo. Demonstrar o poder da linguagem na relação de gênero, pois ela traduz esta imposição de poder, a imposição das hierarquias.

Na linguagem é importante falar do papel da Imprensa no que diz respeito a temática de gênero. Os meios impressos podem ser considerados fontes importantes tanto para a história como para a educação, porém nem sempre puderam ser usadas com este fim, devido a busca pela objetividade histórica pelos historiadores do século XIX.

Segundo Capelato (1988, p.13) a imprensa, permite acompanhar a história da humanidade através dos tempos, e que o jornal, apesar de já ter sido visto com maus olhos pelos pesquisadores, se mostra uma fonte riquíssima para o estudo de uma época.

[...] o conceito de jornal como fonte suspeita merece revisão. A historiografia mais recente tem refletido muito sobre o significado do documento e foi a partir de redefinições nesse campo que as “suspeitas” contra a imprensa desapareceram. (CAPELATO, op. cit., p. 20).

Na utilização da imprensa para os estudos de gênero, o campo se torna fértil, pois no que se refere a representação feita das mulheres no decorrer da história a mídia foi um dos veículos utilizados para este meio, assim como também na questão das publicações realizadas pelos movimentos feministas que utilizaram os jornais para veicular suas ideias, suas lutas.

Muito trabalho ainda se tem pela frente, muita luta para quebrar todos os preconceitos enraizados na sociedade. Devemos quebrar o que Bourdieu (2002) chama de “paradoxo da dóxa”

[...] o fato de que a ordem do mundo, tal como está, com seus sentidos únicos e seus sentidos proibidos, em sentido próprio ou figurado, suas obrigações e suas sanções, seja grosso modo respeitada, que não haja um maior número de transgressões ou subversões, delitos e “loucuras” [...]. (p. 3).

Ou seja, devemos buscar juntos as nossas alunas e alunos o real respeito a diversidade, a valorização do papel feminino na construção da história, como sujeito histórico, entendendo que a formação do mundo não se deu apenas pelo masculino, e sim, através da relação deste com o masculino, sempre interagindo entre si.

1.2 A IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA

A imprensa escrita nem sempre foi utilizada pelos historiadores como fonte histórica. Os historiadores do século XIX acreditavam que a história era a disciplina que traria voz a verdade histórica, assim para ser usado como fonte o documento deveria ser oficial. Por se tratar de um documento que representaria os interesses dos grupos que os manipulam, o jornal estaria excluído do rol de documentos históricos.

Já no século XX, com as historiadoras e historiadores ligados aos Annales, esta perspectiva passou por algumas alterações. A necessidade de se entender o cotidiano das pessoas, no passado, fez com que estas historiadoras e historiadores passassem a buscar novas abordagens, identificassem novos problemas, e assim, conseqüentemente novas fontes para responder a estes novos questionamentos. O jornal passou a ser uma opção de fonte, mas ainda assim, deveria ser utilizado com cautela.

A partir da década de 1970, em especial com Jacques Le Goff e Pierre Nora, o jornal se tornou uma importante fonte de pesquisa, seja para se extrair informações do cotidiano de determinadas épocas, cotidiano este não só dos grandes nomes, mas de novos sujeitos históricos; e como objeto, para se entender sua importância, seu alcance como meio de comunicação.

Nesta perspectiva, o passado passou a ser visto sob a ótica do tempo presente, e o cotidiano da sociedade um mar de possibilidades. Por se tratar de uma publicação que está presente neste contexto, a imprensa passou a ser encarada como algo vivo e cheio de informações, prontos para serem desbravadas. Maria Helena Capelato ainda ressalta que no jornal “encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas.” (1988, p. 21).

No Brasil a utilização da imprensa como fonte ocorreu de forma lenta e até mesmo com certa desconfiança por parte dos historiadores, que estavam acostumados com o rigor estabelecido pela historiografia do século XIX. Havia uma certa hierarquia entre as fontes e estas deveriam ser “[...] marcados pela objetividade,

neutralidade e credibilidade, algo que as fontes produzidas pela imprensa não poderiam oferecer [...]” (CARVALHO, 2011, p.297). A imprensa estava marcada pela subjetividade dos jornalistas, pela manipulação e escolha das notícias a serem veiculadas, transformando, assim, em uma fonte não confiável.

No campo da imprensa como objeto de pesquisa, Zicman (1985) destaca que ainda existe um longo caminho a ser percorrido, pois existem problemas em conseguir material para análise, devido a quantidade limitada de dados e falta de fontes estatísticas. Situação esta que só passou a ser um pouco desmistificada a partir da década de 1970, com o surgimento de trabalhos que levavam os periódicos como objeto de pesquisa, como é o caso da tese de doutoramento de Arnaldo Contier em 1973 e as dissertações de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado em 1974. (DE LUCA, 2005). Aliado ao fato de que os caminhos da imprensa com a disciplina história são caminhos que se cruzam tardiamente, pois no interior da mesma “o debate em relação ao uso dos impressos periódicos ganhou especial destaque nas últimas décadas do século passado.” (MARTINS; DE LUCA, 2012, p. 10).

Presente no dia a dia da sociedade, a imprensa permite acompanhar a história humana, através do tempo e do espaço, e apesar de um período em que o jornal fora visto com ressalvas, hoje ele é um grande aliado dos historiadores que buscam o entendimento do cotidiano, da visão pública sobre determinados fatos, entre tantas outras abordagens.

Quando se trata da história do Brasil, o jornal sempre esteve presente, sendo muitas vezes decisivo em processos de nossa história.

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. (MARTINS; DE LUCA, 2012, p. 6).

Como objeto de pesquisa, o trabalho de Nelson Werneck Sodré, “História da Imprensa no Brasil”, publicado pela primeira vez em 1966, teve um grande destaque ao trazer informações sobre a imprensa brasileira de 1808 até os anos de 1960. De caráter marxista, até hoje esta obra é referência para quem se aventura nos caminhos desta temática. Dividida em cinco partes, o trabalho de Sodré, procura retratar a evolução da imprensa na sociedade brasileira, sendo que na quarta e quinta parte,

este traça um panorama das transformações ocorridas na sociedade brasileira e conseqüentemente no desenvolvimento dos jornais.

Neste período, os pequenos jornais de estrutura simples começaram a ser substituídos por empresas jornalísticas com estrutura complexa, dotadas de equipamentos gráficos sofisticados. Novos processos de produção foram introduzidos e as tipografias perderam o seu espírito artesanal para conquistar a posição de indústria gráfica. (RIBEIRO, A. 2015, p. 278).

Para aqueles que resolverem desbravar as páginas dos periódicos para realização de suas pesquisas, Capelato (1988) orienta que é necessário, antes do começo dos trabalhos, contextualizar o jornal analisado. Deve-se levar em conta: ‘quem produziu o jornal’, ‘para que’, ‘quais seus objetivos’, ‘como e quando foi produzido’, ‘qual seu público alvo’, entre outras questões, a fim de entender o posicionamento da fonte. Outro elemento importante está na delimitação nítida do problema de pesquisa a ser respondido, para que o pesquisador não se perca em meio a todas as informações presentes nas páginas do jornal.

Estas informações são pertinentes, principalmente no que se refere ao entendimento do público ao qual o periódico foi produzido, e assim entender quais as intenções que o mesmo tinha e quais informações eram pertinentes para este público. Segundo a Teoria da Agenda, de Maxwell McCombs e Donald Shaw, os meios de comunicação, principalmente os de massa, tem o poder de influenciar a opinião pública, no que diz respeito aos temas considerados relevantes (MACHADO; STRONGEN, 2016). Assim, caberia ao jornal, muitas vezes, entreter o público e tirar o foco de outros temas.

Outro apontamento necessário, que não deve ser esquecido, está no fato do jornal ser uma empresa particular que detém de informações que pertencem ao público. (CAPELATO, 1988 e RIBEIRO, A. 2015). Neste sentido, o entendimento dos objetivos do periódico se faz de grande importância, a fim de entender quais notícias teriam um impacto maior para serem veiculadas no mesmo.

Dito isto, é necessário entender que, assim como fonte para pesquisas ou até mesmo como objeto, a imprensa também pode e deve ser utilizada no contexto escolar. Hoje, se observa que o Livro Didático é o grande aliado do professor, usado em todas as aulas em uma tentativa de aproximar o aluno do conteúdo trabalho. O problema desta prática consiste, muitas vezes, na falta de problematização deste produto, demonstrando as alunas e alunos que o livro também é uma fonte histórica

e que seu uso deve ser acompanhado de outras fontes para assim enriquecer o aprendizado dos alunos.

1.3 IMPRENSA, REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA

1.3.1 Gênero e representações de gênero

No que se refere a trabalhos sobre gênero e representações de gênero é possível identificar algumas abordagens. Uma delas trata da naturalização das relações. Trigo e Brioschi (2007) e Salva; Ramos e Oliveira (2014) procuram demonstrar como os papéis ditos femininos e masculinos na sociedade são construídos e naturalizados no decorrer da história, tendo as concepções biológicas um importante papel para legitimar estas construções.

Ao analisar as relações sociais, especialmente as relações familiares é notável e até esperado uma certa dominação masculina, e isto pode ser explicado levando em conta as diferenças biológicas que são utilizadas para justificar a naturalização das desigualdades, não considerando as construções socioculturais. No decorrer de seu trabalho Maria Trigo e Lucila Brioschi (2007) traçam um padrão dos dias atuais na questão dos comportamentos femininos e masculinos e como as mulheres estão buscando superar as fronteiras impostas, muitas vezes através do exercício de profissões que por muito tempo eram consideradas apenas para homens. Para realização deste panorama foi preciso identificar toda uma teia de poder imposta na sociedade, poder este que coloca o homem como provedor e presente no ambiente público, já a mulher como submissa ao homem e pertencente ao espaço privado.

No contexto escolar as práticas relacionadas ao natural e a naturalização de conceitos pré-estabelecidos também são realizadas, porém estes conceitos estão tão enraizados que nem se percebe sua vivência no dia a dia. Salva; Ramos e Oliveira (2014), através do trabalho de discussão e reflexão da concepção de gênero no contexto educativo escolar afirmam que “as relações de gênero fazem parte das nossas vidas revelando diferenças, hierarquias, discriminações, porém, nem sempre são percebidas em decorrência da naturalidade com que as encaramos.” (p. 223, 2014).

No que se refere a questão de gênero e sexualidade, encontramos, principalmente dentro do ambiente escolar, certa ressalva, pois muitas vezes o tema

sexualidade é visto como "tabu", despertando inúmeras curiosidades entre os alunos, curiosidades estas que nem sempre são sanadas. Jimena Furlani afirma que “as escolas que não proporcionam a educação sexual a seus alunos e alunas estão educando-as parcialmente.” (2013, p. 69). Neste sentido a autora enfatiza que para uma educação da sexualidade inclusiva é necessária que a mesma seja realizada de forma contínua desde as séries iniciais do Ensino Fundamental e que se deve ter em mente a questão da problematização do assunto ao invés de, apenas, respostas fáceis e prontas. Despertar nas alunas e alunos o interesse, para assim identificar as particularidades da sociedade, seja na questão sexual, como também nas concepções familiares, abarcando todos os sujeitos sociais.

A questão gênero no contexto escolar é tão importante que interfere, inclusive, no rendimento escolar das e dos estudantes, no interesse em frequentar a escola e se sentir incluso neste ambiente. Picchetti (2012) apresenta duas abordagens relacionadas a questão gênero, e que estão presentes no cotidiano escolar: o Construcionismo (gênero é algo construído na pessoa, com o que ela se identifica e a sexualidade é só um reflexo desta construção) e o Essencialismo (determinista, o sexo biológico determina o gênero e a sexualidade, de certa forma é a base para o pensamento conservador). Neste quadro afirma-se que infelizmente nas práticas pedagógicas curriculares a discussão sobre sexualidade fica atrelada apenas às disciplinas específicas, como ciências ou biologia, e que a visão ensinada é, na maioria das vezes, de maneira essencialista, dando ênfase a anatomia dos corpos femininos e masculinos, ignorando toda e qualquer dimensão da sexualidade ou da identidade de gênero. A versão masculina e heterossexual continua sendo posta como ideal e assim conceitos, como o da mulher sendo inferior ao homem, acabam sendo, mesmo que não explicitamente, reproduzidos aos alunos formando uma cadeia de informações e assim mantendo os padrões sociais.

Neste contexto as e os jovens acabam por procurar outros meios para sanar suas dúvidas. Em um mundo virtual, no qual a internet e os diversos meios de comunicação estão diretamente presentes no cotidiano da sociedade, a mídia passa a ser o veículo usado para reparar a defasagem de conhecimentos que o contexto escolar não apresenta. As e os jovens passam a se sentir inclusos nos temas abordados por programas televisivos, que incluem os dilemas do cotidiano destes adolescentes. “Juventude e sexualidade são categorias sociais que a mídia explora como indissociáveis uma da outra e como centrais na nossa vida.” (SILVA; SOARES,

2013, p. 87). Neste contexto, para eliminar a distância existente entre as vivências e os anseios das alunas e dos alunos com as práticas escolares é preciso construir formas de trabalho inclusivas, trazendo para o espaço escolar os mecanismos que tanto fazem parte da vida dos educandos, como por exemplo a TV, através de uma educação inclusiva.

1.3.2 Gênero, educação e ensino de história

A educação e as políticas públicas caminham juntas, uma fortalecendo a outra, e assim a inclusão da questão gênero do ambiente escolar deve ser problematizada. Neste sentido, Vianna e Unbehaum (2007) e Melo (2010) discutem sobre os problemas e também sobre os avanços referentes a esta temática no Brasil. Através de uma reflexão sobre o Plano Nacional de Educação de 2001, Vianna e Unbehaum (2007) apresentam três colocações sobre o texto PNE 2001: em primeiro lugar a questão de gênero é apresentada de forma genérica e diluída englobando o geral (a afirmação de direitos e valores para todos); em segundo está a questão da escola, que não coloca a temática em destaque, pois o Plano não menciona e não explora todos os vieses; e em terceiro está na forma em que são tratadas questões como igualdade, pois o mesmo apenas assegura de certa forma um acesso escolar igualitário para meninas e meninos, sem levar em consideração toda a trajetória destes sujeitos até o término de seus estudos. Apontam, também, que para superar os estereótipos e comportamentos preconceituosos da sociedade as políticas educacionais, no caso o Plano Nacional de Educação, devem

[...] introduzir o ponto de vista da mulher nos livros didáticos, nos conteúdos escolares; não hierarquizar significados masculinos e femininos; interferir na reprodução de estereótipos pelas crianças/jovens; evidenciar a existência de inúmeros esquemas, sentidos e ações para cada sexo que não têm relação com capacidades inatas, comportamentos espontâneos e, principalmente, trabalhar com vários modelos de feminino e masculino. (PNE, 2007, p. 145-146).

Porém, infelizmente o que se vê é que na atualização do Plano Nacional de Educação obtivemos retrocessos no que se refere a inclusão da temática gênero. Em 2001, mesmo genericamente o termo era abordado, agora em 2014 o termo foi até suprimido do texto oficial.

Além destas preocupações é importante acompanhar a trajetória escolar das meninas e meninos, pois conforme Melo (2010, p. 143) “as mulheres começaram o século XX analfabetas e terminaram este século mais escolarizadas que os homens.” Ao analisar a trajetória escolar das mulheres no decorrer do XX, é possível perceber diversos avanços, e nos últimos anos conquistas dos movimentos sociais e das mulheres.

Entre estas conquistas cita-se o Primeiro e Segundo Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres, a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial e o Programa Brasil sem Homofobia, além de políticas no âmbito da formação continuada de professores para que estes possam reconhecer e respeitar a diversidade dos diversos públicos existentes no cotidiano escolar.

Ainda relacionado com políticas públicas, Ferreira (2006) aponta que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997 já previam, na perspectiva da “Nova História”, a história das mulheres e, de certa forma tentava aproximar o conhecimento acadêmico do conhecimento escolar. Porém a prática cotidiana da escola, e a produção dos livros didáticos, ainda estão longe de acompanhar este processo, demonstrando uma discrepância entre o que se produz na academia e o que está sendo praticado, produzido e reproduzido no cotidiano escolar.

O ambiente escolar é o local no qual a aluna e o aluno deve estar incluso, onde deve ser preparada e preparado para viver em sociedade, isso significa aprender a conviver com toda diversidade presente na mesma. Nunes (2010) relata a experiência do Projeto ‘Discutindo Gênero na Escola: Por uma Abordagem Científica e Interdisciplinar’, executado na Escola de Referência em Ensino Médio Oliveira Lima, em Pernambuco, com o intuito de discutir as relações de gênero. O projeto nasceu como resposta aos vários casos de violência contra Mulher na região, pelos preconceitos em relação a gênero e pela restrita vida doméstica, além da falta de diálogo sobre a temática no cotidiano escolar. Os principais objetivos do projeto eram a aproximação da comunidade escolar com as discussões e abordagens científicas sobre gênero, a discussão sobre gênero, a análise de como são construídas as relações na sociedade e o desenvolvimento, junto à comunidade, de atividades que demonstrem a importância de se lutar pela igualdade de gênero. Ao final, o autor concluiu que muitas pessoas não têm conhecimento das leis referentes a proteção da mulher, os alunos puderam discutir e ampliar os seus conhecimentos sobre gênero e

que a escola deve, com urgência, realizar atividades interdisciplinares que discutam e problematizem a questão de gênero.

Porém, para que a escola possa incluir e problematizar a questão de gênero, é necessária uma abordagem formativa com as professoras e os professores. Alguns projetos vêm sendo realizados. Ribeiro, P. (2010) relata a experiência do grupo de pesquisa Sexualidade e Escola, através do curso de formação para os docentes da região Sul do Rio Grande do Sul, Gênero e Diversidade na Escola. O curso de formação é ofertado em cinco módulos e busca incentivar a adoção de práticas pedagógicas que enfrentem o preconceito e a discriminação. Foram realizados fóruns e relatórios para analisar o alcance do projeto, e com a análise dos mesmos, a autora conclui enfatizando o alcance junto à comunidade dos trabalhos e discussões realizados no decorrer do curso.

No que se refere a currículo Louro (2013) e Britzman (2000), apontam sobre as dificuldades em planejar um currículo mais atrativo, com a inclusão dos diversos sujeitos e os debates sobre a sexualidade.

Para Louro (2013) os currículos devem não apenas buscar respostas simples para as questões da modernidade, mas questionar as certezas implantadas. Buscar a atualização destes currículos no que se refere aos grupos sociais presentes dentro da sociedade. Hoje percebe-se uma alteração nas composições do que seria o centro e a margem da sociedade, existe uma mescla de sujeitos, todos em luta por seus direitos. Porém quando se analisam os currículos, estes, infelizmente, ainda trazem uma visão singular de gênero e sexualidade, a visão branca e heterossexual e que, para incluir os demais grupos apenas obrigam as escolas a trabalhar com os mesmos em datas pré-estabelecidas, muitas vezes sem nem o devido preparo por parte dos educadores.

Voltando para a questão sexualidade, novamente, quando falamos em currículo, ela volta a apresentar discrepâncias entre a realidade da aluna e do aluno e o cotidiano escolar. Britzman (2000), relaciona curiosidade, liberdade e sexualidade; além dos problemas que impedem que seja realizada, na escola, uma pedagogia da sexualidade mais atrativa aos estudantes. Infelizmente, ao invés de se criar um ambiente propício para perguntas, o que se espera das alunas e alunos é que elas e eles decorem respostas prontas e sem reflexão. A autora convida professoras e professores, educadoras e educadores a repensar as suas próprias concepções sobre sexo e sexualidade, e neste processo se deixem levar pela curiosidade, para que,

junto com as e os estudantes, seja possível criar um conhecimento novo e mais prazeroso, longe de respostas prontas e acabadas.

Desta forma, um dos papéis do ensino de história é problematizar a questão das relações de gênero, trazendo para os alunos todo o processo pelo qual a mulher foi esquecida e aprisionada. Para Colling e Tedeschi (2015) e Zarbato (2015), o papel da história é historicizar o gênero, a fim de demonstrar para os alunos as construções históricas sobre os papéis de homens e mulheres. Além de trabalhar a questão da flexibilidade naquilo que é considerado feminilidade e masculinidade no decorrer da história, e que a problematização das questões de gênero auxilia no processo de questionamentos da naturalização destes papéis pela sociedade. (ZARBATO, 2015, p. 53).

Esta historicização do gênero, trará voz às mulheres, pois “quando nega visibilidade às mulheres perpetua também sua subordinação e sua imagem de receptora passiva da ação dos demais sujeitos da história. (SCOTT *apud* ZARBATO, 2015, p. 50). Esta prática acaba por continuar reproduzindo os estereótipos femininos, como mulher passiva, por exemplo.

Uma das fontes mais utilizadas por professoras e professores em sala de aula, o Livro Didático também é utilizado neste processo de silenciamento. Ferreira (2006) aponta sobre a evolução da história das mulheres, porém indica a discrepância entre esta evolução e a inclusão desta história nos Livros Didáticos, que muitas vezes citam a temática de forma breve, ou em quadros complementares desconectados com o restante do conteúdo. Louro (1997) evidencia que das pesquisas realizadas sobre a questão de gênero nos Livros Didáticos é possível observar a defesa de paradigmas instaurados na sociedade.

Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres. Também têm observado a representação da família *típica* constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina. (LOURO, 1997, p. 70).

O Livro Didático tem que ser capaz mediar o diálogo entre conhecimento histórico e as e os adolescentes, jovens, professoras e professores. Com isto seria possível desestabilizar as ideias das e dos jovens e desconstruir visões simplistas e preconceituosas que perpetuam na nossa sociedade.

1.3.3 Gênero, imprensa e seus usos no contexto escolar

No que se refere a gênero e imprensa, o campo se expande para discursos educativos, os usos da imprensa na representação feminina, a diferenciação entre a imprensa feminina e a feminista, além da trajetória destas duas vertentes.

Ao analisar a representação, da construção de estereótipos e da concepção de gênero, publicações femininas tem, em sua composição, discursos educativos e representações de padrões de comportamentos que são esperados das mulheres. Neste quesito de discurso educativo, Teixeira (2014) e Andrade (2013) ressaltam a questão das Pedagogias Culturais, meios externos a escola e que estão presentes no dia a dia da humanidade e que acabam transmitindo ensinamentos, muitas vezes assimilados com maior interesse e facilidade do que os conhecimentos transmitidos pela escola. Neste contexto das Pedagogias Culturais, pode-se dizer que existe “pedagogia em qualquer espaço em que se efetua educação, em que se ensina aos indivíduos modos de proceder, de viver, de fazer, de comprar, de comer, de vestir, de falar [...]” (ANDRADE, 2013, p. 110).

Neste sentido as revistas devem ser encaradas como artefatos pedagógicos, pois as mesmas acabam por exercer poder sobre o corpo feminino. Exemplo disto está na questão da revista Boa Forma (foi lançada em 1986, sendo a primeira revista sobre esta temática lançada no Brasil), que com o seu programa Desafio de Verão desafia suas leitoras a buscarem o chamado corpo ideal feminino. Andrade (2013) procura, através da análise desta revista e deste programa, demonstrar o poder da mídia na imposição de valores e verdades sobre o corpo feminino e o alcance que este veículo tem junto ao seu público alvo.

Com uma abordagem parecida, através de reportagens e anúncios publicitários da revista A Bomba (publicação trimestral Curitibana, do início do século XX), Teixeira (2014) demonstra como a mulher era representada no início do século XX. A partir deste trabalho, foi possível concluir que existem várias representações, e que estas, trazem visões daquilo que se considera certo para o comportamento feminino, daquilo que se considera ser mulher.

Voltada ao público jovem, outra revista de alcance nacional também é analisada. Figueira (2013), enfoca a revista Capricho (publicação quinzenal para o público adolescente que tem alcance nacional) e o comportamento das adolescentes. A onda de culto ao corpo, culto ao alcance da eterna juventude, e o papel da revista

em questão na formação de todas as esferas culturais do comportamento das jovens é ressaltando, demonstrando que estes comportamentos acabam por criar meios de formação de identidade das mesmas.

Mônica Yumi Jinzenji (2012) e Elizabeth Cardoso (2004) nos seus trabalhos apresentam a evolução da imprensa feminina no Brasil. Jinzenji identifica a escrita feminina no final do século XIX no Brasil, e analisa a leitura das mulheres neste período, ressaltando que o ensino da leitura era realizado antes do ensino da escrita, assim muitas vezes as pessoas sabiam ler, mas não sabiam escrever. A autora afirma que faltam informações precisas para dizer o número de mulheres que tinham este conhecimento, porém em alguns periódicos escritos da época, quando se falava das mulheres, os escritores descreviam as mesmas como curiosas e interessadas pelo hábito de escutar histórias. Quanto a aprendizagem da escrita, as primeiras manifestações são relatadas em periódicos, no início do século XIX, voltados para mulheres, como o *Espelho Diamantino* e o *Mentor das Brasileiras*, e que grande parte dos textos femininos era acompanhado do anonimato ou do uso de pseudônimos, e que jornais redigidos e dirigidos por mulheres só iriam se desenvolver no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

Neste contexto, é necessário ressaltar que as primeiras publicações realizadas no Brasil, para o público feminino, eram normalmente escritas por homens. Após a fundação do periódico *Espelho Diamantino*, o Brasil vivencia a fundação de outras publicações femininas, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e São Paulo. (CABRAL, 2008, p.3).

Segundo Buitoni (*apud* CABRAL, 2008), estas publicações do século XIX podem ser divididas em dois grupos, o primeiro tradicional, voltado para a exaltação das questões femininas, da mulher ideal, presente no espaço privado, e que estas publicações normalmente eram escritas por homens, normas de conduta estipuladas por estes homens e que deveriam ser seguidas pelas leitoras; já o segundo grupo, o progressista, voltava suas publicações para a defesa dos direitos femininos, se tornando assim os primórdios de uma imprensa feminista.

Já Cardoso (2004) procura realizar uma análise da trajetória da imprensa feminina no Brasil após 1974, identificando que ela se divide em duas vertentes: a primeira voltada para as questões de classe e a segunda, editadas a partir de 1981, voltada para a discussão da temática de gênero, como ela explica.

Nota-se que, enquanto a primeira está marcada pelo debate entre “questão da mulher” *versus* “questão geral”, feminismo liberal *versus* feminismo marxista ortodoxo, por reivindicações de ações públicas que coloquem as mulheres em igualdade com homens, pela questão da autonomia partidária e pelo combate a ditadura, já a segunda geração da imprensa feminista incorpora o conceito de gênero, assume os temas relacionados direta e exclusivamente às mulheres (como sexualidade, planejamento familiar e violência contra a mulher); tende para a especialização por temas; luta pelo direito à diferença e opera em parceria com um novo ator social, a sociedade civil organizada, na forma de ONGs e associações voltadas para a questão de gênero. (CARDOSO, 2004, p. 38).

Muitos outros trabalhos abordam a questão da temática da imprensa feminina e imprensa feminista, ressaltando que a primeira, em sua maioria trazia temas voltados à educação de mulheres, para que estas se tornassem belas esposas e mães, como o caso da Revista Feminina, uma das mais importantes publicações deste cunho no Brasil no início do século XX. (LIMA, 2007).

No que diz respeito a imprensa feminista, esta se fortaleceu na segunda metade do século XIX, e no Brasil teve cunho de imprensa alternativa, circulando assim em um público menor, fora da grande mídia, e normalmente com baixos recursos. A temática gênero é um campo que está em constante movimento, assim, os trabalhos citados são apenas uma parcela minúscula dos trabalhos existentes sobre o assunto. É necessário que as discussões continuem e que este campo ultrapasse fronteiras, para que assim possamos contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária que valoriza a diferença e faz desta diferença o caminho para a prática de uma real solidariedade entre as pessoas.

CAPÍTULO 2

2 GÊNERO E A COLUNA “O ASSUNTO É MULHER”

Neste capítulo abordaremos as questões pertinentes à fonte que fundamenta esta pesquisa, na tentativa de entender como o principal meio de informação escrita da cidade de Palmeira, residência da pesquisadora, abordava a questão dos papéis atribuídos às mulheres, como as relações mulheres e homens eram representadas, através da coluna intitulada “O Assunto é Mulher”. Esta análise será pertinente para a confecção de um material paradidático, apresentado no próximo capítulo, no que se refere a demonstração do papel da mídia na criação, manutenção e extirpação de papéis sociais, dentro de uma sociedade.

Para um melhor entendimento do contexto o capítulo está dividido da seguinte forma: um breve histórico da cidade de Palmeira, a história e a organização do jornal Gazeta de Palmeira, fonte de pesquisa do trabalho, história da principal autora da coluna Myriam Freire de Freitas e para finalizar a análise das temáticas encontradas na coluna “O Assunto é Mulher”.

2.1 HISTÓRIA DA CIDADE DE PALMEIRA E O JORNAL GAZETA DE PALMEIRA

A cidade está localizada na região Sul do Paraná, na região dos Campos Gerais, e tem como dados, que explicam o seu surgimento, a junção de dois elementos que marcaram e ainda marcam a cultura social: a antiga parada na rota de Tropeiros que viajavam de Viamão, Rio Grande do Sul à Sorocaba, São Paulo; e a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora Imaculada Conceição. A questão religiosa está presente até os dias atuais no cotidiano da cidade, principalmente o catolicismo, trazendo normas e condutas sociais à grande parte da população palmeirense².

Fortemente centrada numa tradição agrária, católica e conservadora, a cidade contava, entre a década de 1970 e 1980, com uma população de cerca de 24.506 pessoas³. Foi neste período que a cidade passou a sentir um início modernizador, com a vinda da 2ª CIA de Suprimentos do 5º Batalhão de Suprimentos do Exército, a

²Informações do site da cidade de Palmeira, <www.palmeira.pr.gov.br/perfil-do-municipio>, acesso em 27/10/2017.

³ A população de Palmeira era de 29.046 em 1990, 30.847 em 2000, 32.123 pessoas em 2010. E a estimativa do IBGE para 2017 era de 34.023 pessoas.

instalação de postos de gasolina, o Banco do Brasil e reforma do Terminal Rodoviário, além de um incentivo à cultura com o lançamento do jornal impresso Gazeta de Palmeira e da organização do Museu Histórico da cidade. No início da década de 1970 ainda contava com a linha férrea para o transporte público até que esta foi perdendo seu espaço para as rodovias e em 1975 foi totalmente fechada⁴. Outra importante transformação foi a ampliação das indústrias madeireiras, que movimentaram a economia palmeirense e a partir da segunda metade da década de 1980 começaram a sentir os impactos da crise financeira, iniciando um processo de declínio.

Foi nesta conjuntura que o jornal Gazeta de Palmeira foi fundado, como comemoração do aniversário de 157 anos da cidade, no final de abril de 1976 (Figura nº 01). O periódico semanal foi criado e dirigido inicialmente por Marilena Dutra e seu esposo, o Capitão do Exército José Evane Dutra, juntamente com a jornalista Ieda Matias Ferreira. O jornal tinha o objetivo de levar mais informações do município e da região aos cidadãos palmeirenses, que na época contavam apenas com uma Rádio AM local, fundada em 1948, para trazer informações à sociedade⁵. Mesmo com diversas dificuldades, e com algumas críticas de leitores que acreditavam que o jornal não conseguiria se manter, pois até aquela data os jornais que haviam sido publicados não perduraram, circulando apenas em períodos de eleições (Figura nº 02), o periódico se manteve e se mantém até hoje, sendo um dos principais veículos de informação da cidade. Durante o ano de 1980 chegou a cogitar seu fechamento, passou por mudanças de estrutura e direção, e após 15 dias sem circulação, voltou a ser publicado. No início da década de 1990 também passou por mudanças, foi transferido para Ponta Grossa, a fim de cobrir uma maior área, e passou a ser chamado de Gazeta Jornal Regional, até o ano 2000, quando, com nova direção volta para Palmeira, assumindo novamente seu antigo nome.

⁴FERREIRA JUNIOR, José Carlos. **Palmeira, Meios de Transporte em (1850 - 1950)**. Dicionário Histórico e Geográfico dos Campos Gerais. Disponível em <www.uepg.br/dicion/verbetes/n-z/palmeira.htm>, acesso em 27/10/2017.

⁵ Informações do site do jornal Gazeta de Palmeira, <www.gazetadepalmeira.com.br/quem-somos/>, acesso em 27/10/2017.

Figura 1 - Capa Ed. nº 01 de 02 a 08 de maio de 1976

GAZETA DE PALMEIRA

Ano 1 Nº 1 segunda 2 a 8 de maio de 1976 015 3.00

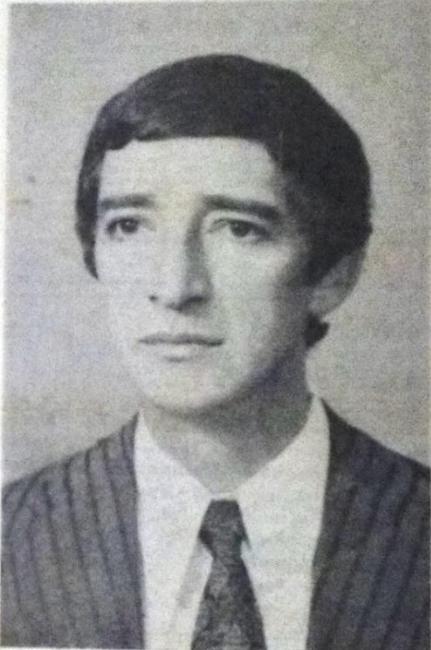
Prefeito parabeniza "Gazeta de Palmeira"

Palmeira: 157 anos com festa

7 de abril de 1976, foi marcado pelos diversos acontecimentos festivos em Palmeira. Seus 157 anos foram comemorados com desfiles colegial e militar, corrida rústica (1.ª Prova Baronesa), ainda sessões cinematográficas, e futebol.



Grande desfile saucitar comemora 157 anos de Palmeira.



O prefeito municipal de Palmeira parabenizou os fundadores, bem como a povo palmeirense pela criação da "Gazeta de Palmeira", prova insuperável do desenvolvimento sócio econômico do município, que aliado ao entusiasmo de seus adeptadores, faz do tempo por manter a criação de um jornal. Desse modo, graças a essa empreitada, somos certos que o mesmo será digno e terá divulgar notícias locais, com objetivo único de bem informar a população, que é ao mesmo tempo a única forma de aproximação dos habitantes que necessitam do trabalho abnegado e cheio de idéias dos seus fundadores.

Parabeniza também Palmeira pelo de Palmeira
Sr. Diogo Antonio M. Capraro
 (Prefeito Municipal)

O prefeito Diogo Antonio M. Capraro avalia a importância do jornal, para o desenvolvimento econômico e cultural do nosso povo.

Palmeira recebe o Exército Brasileiro



A 5.ª CIADAM em comemoração ao aniversário da cidade.

Por determinação do Exmo. Sr. Presidente da República foi transferido de Curitiba e instalada em nossa cidade a 5.ª Cia. DAM. Suas novas e modernas instalações foram construídas na área da antiga Fazenda Baronesa. Para o povo de Palmeira, este fato representa um destaque especial, pois, por estes locais que a implantação de uma Unidade do Exército em uma cidade, se constitui num acontecimento marcante de progresso e também cultural. Destacamos também ao nosso convívio e à nossa cidade todos os militares e suas famílias, particularmente aqueles que já tiveram residências aqui. Palmeira, cidade hospitaleira, muito orgulhosamente, destaca a chegada do Exército Brasileiro e deseja com muito entusiasmo e satisfação, por merecimento dos benefícios que esta importante Unidade da 5.ª Região Militar/Divisão do Exército, que é a 5.ª Cia. DAM, proporcionará, sem dúvida à nossa comunidade.

A REDAÇÃO

Incentivos

A propósito da recente notícia de lançamento do semanário "GAZETA DE PALMEIRA" é oportuno destacar que a iniciativa é digna dos maiores encômios, pois vem de suprir lacuna existente em nosso meio sócio-cultural.

Como dado indicador da cultura de um povo, a imprensa latente — agora uma realidade em nosso meio — deve ser recebida em nossa comunidade como um instrumento de nosso desenvolvimento, merecendo por isso todo o nosso apoio e aplauso.

Palmeira, 29/4/1975
Dr. Ayrton José Saldanha
 JUIZ DE DIREITO

Como representante do Ministério Público nesta comarca, congratulo-me com a Direção Organizadora da "Gazeta de Palmeira", que, com tal iniciativa, vem a cooperar de forma relevante com o progresso cultural da cidade. Tal iniciativa é digna de todos os elogios, visto que a fundação deste jornal será, sem dúvida, um marco decisivo na vida de tão hospitaleira terra.

São meus votos que uma sequência de sucessos transforme a "Gazeta de Palmeira" num dos jornais de maior destaque do Paraná.

Dr. Lineu Ordine Righi
 Promotor de Justiça
 29-04-75

Fonte: arquivo da autora

Figura 2 - Capa Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976

Críticas

Com tão pouco tempo de vida, nosso jornal já é alvo de críticas. Partindo do princípio de que, quem é importante é notado, sentimo-nos um tanto envaidecidos com os comentários.

Nosso objetivo não é seguir uma linha política nem mesmo religiosa. Pretendemos apenas proporcionar à Palmeira e cidades vizinhas um jornal com notícias de interesse geral, e que tenha uma vida longa. O fato de estar sendo lançado em um ano político é apenas uma mera coincidência. Pretendemos que ele crie raízes e se fortifique futuramente em uma base bem estruturada.

Estaremos semanalmente informando sobre agricultura, esportes, literárias, notas religiosas, sociais, e assuntos de interesse geral.

Pretendemos deixar em aberto nossas colunas, desde que não temos objetivo de tomar um partido político social ou religioso. Começamos agora, e como uma criança que inicia seus primeiros passos encontra dificuldades, mas que, com o passar do tempo, com orientação e apoio de seus familiares, consegue firmar-se, ter uma base, e caminhar sem vacilar, para o resto de sua vida.

Queremos seguir o exemplo de uma criança. Começamos a passos pequenos para termos alcance, mas se tivermos o apoio de pessoas que visualizam uma causa justa, estaremos muito em breve caminhando tão firme que jamais, alguém conseguirá nos fazer cambalear.

Deixamos à disposição dos habitantes de Palmeira e cidades vizinhas nosso setor de anúncios. Estaremos atendendo diariamente em nossa sede às pessoas que nos procurarem.

Se tivermos apoio cresceremos juntos, e nos orgulharemos de um trabalho conjunto, e bem estruturado!

A redação.

Brava imprensa interiorana: circulando o número da "Gazeta de Palmeira", com quatro páginas, bom material redacional e boa apresentação. A editora é a jornalista Ieda Matias.

O Estado do Paraná 08/05/1976 Coluna Zig Zag de Aramis Millarch.

A bicentenária cidade de Palmeira berço de Jesuíno Marcondes e Ivo Arzua, ex-ministro da Agricultura e também ex-prefeito de Curitiba já contou com vários jornais, que tiveram todos, curta existência.

Mais precisamente, esses jornais duravam apenas o período que antecediam eleições. Agora, anuncia-se o lançamento do semanário Gazeta de Palmeira. Justamente num ano político. Vem a indagação: será até às eleições?

Diário do Paraná 2.05.76. (coluna Fernanda — Destaques).

Fonte: arquivo da autora

De forma a abranger o maior número de leitoras e leitores o jornal apresentava matérias ligadas ao desenvolvimento da cidade e trazia também um acompanhamento de questões políticas, dando ênfase às ações de todas as esferas governamentais, seja federal, estadual e municipal. Apresentava algumas colunas fixas, como a coluna social intitulada “O Ponto Alto da Sociedade”, trazendo informações diversas sobre os acontecimentos da alta sociedade palmeirense; a coluna de esportes, “O esporte é notícia”, com informações de campeonatos estaduais e municipais; a coluna "Estante artística e literária do Tom" trazia semanalmente trechos de poemas e canções; uma coluna voltada à meditação religiosa, “Cristo é de todos”, com espaço para informações católicas e em algumas edições para a doutrina espírita; assuntos pertinentes ao público rural com o espaço “Agricultura & Pecuária”; e uma coluna voltada para o público feminino, “O Assunto é Mulher”, foco deste trabalho.

Apesar da análise dar preferência à coluna feminina, foi possível identificar nas demais páginas do periódico, também, informações pertinentes ao público feminino através de informações sobre saúde, planejamento familiar, entre outras. Em algumas edições do periódico, são trazidas à leitora e ao leitor curiosidades ao redor do mundo como é o caso da edição nº 16 de 1976 ao apresentar informações sobre a liberação do aborto na região de Sevesso na Itália:

Governo libera aborto

As mulheres da região de Seveso, na Itália, poderão fazer o aborto se assim decidirem, segundo anunciou um membro do governo. Os habitantes de Sevesso foram contaminados por um gás que vazou da fábrica ICMESA de produtos químicos e existe o perigo de que as crianças nasçam com deformação. Dal Falco, invocou uma sentença que permite o aborto em situação de urgência. Anunciou, depois, a conclusão de uma lei especial para indenizar a população contaminada. O gás já matou animais e plantas. Seus efeitos ainda não são totalmente conhecidos dos cientistas. (Ed. nº 16 de 15 a 21 de agosto de 1976).

O jornal apresentou esta notícia em relação ao aborto, mas justificou que foi autorizado pelo governo italiano apenas em uma região específica devido aos problemas que estas crianças, caso nascessem, poderiam desenvolver e não como um direito da mulher.

O tema do aborto era algo que despertava debates em periódicos femininos já no início da década de 1960, como aponta Cunha (2001, p. 204). A autora cita que

ao se tocar neste assunto, buscava-se entender os motivos que levam uma mulher a cometer este ato, sempre ressaltando as questões “morais e éticas”.

Ainda relacionado a saúde, a edição nº 29 de 1976, apresentou as mudanças do Ministério da Saúde no que se refere a distribuição de pílulas anticoncepcionais para as mulheres, com o título “Pílula dará mais lucro” apresentando uma crítica sobre o comércio de pílulas anticoncepcionais sem prescrição médica através da opinião do secretário geral da Associação Médica do Rio de Janeiro, Mário Victor de Assis Pacheco retratando a questão da saúde feminina. Vale ressaltar que, a pílula anticoncepcional foi uma das grandes ferramentas da emancipação sexual da mulher (CUNHA, 2001). A matéria permite questionar até que ponto a opinião deste secretário estava relacionado a preocupação com a saúde feminina ou com o receio da emancipação das mulheres.

Em outra edição, a nº 38 de 1977, foi publicado na capa o perfil de "Mulheres Ilustres" com informações sobre a Professora Paulina Perota, ressaltando os atributos de “exemplo de dignidade humana, um exemplo no mais alto grau, encarnando a bondade, a lealdade, a fidelidade humana” da referida figura pública. Na continuidade do artigo são trazidos os nomes de algumas de suas alunas e alunos, citando que “suas crianças fizeram-se **homens** e hoje se projetam nos mais diversos campos, político, social, econômico e cultural.” (grifo nosso), porém através de uma linguagem sexista, acabou por apagar suas alunas ao citar apenas os homens que se projetaram na sociedade.

Outra curiosidade apresentada com bastante ênfase foi a cobertura dada pelo jornal aos trabalhos culturais realizados com as detentas da Penitenciária Feminina do Paraná (edição nº 43, 51, 55, 67 e 78; 1977), como apresentações realizadas no local, cursos de costura e os trabalhos manuais realizados por elas. Apesar de retratar informações sobre mulheres que cometeram atos transgressores, o periódico traz a representação destas mulheres não como criminosas, mas sim como prendadas e que estão expondo seus trabalhos. Priori (2012, p. 26) ressalta que “a ideologia dominante nos discursos e representações é a de uma feminilidade passiva e amistosa”, e é o que as manchetes apresentadas no periódico confirmam ao demonstrar não os crimes destas detentas, mas suas atividades culturais.

Diversas são as informações destinadas ao público feminino, porém a partir da edição nº 258 de 1981, são também trazidas ao público reclamações da sociedade sobre o funcionamento de Casa de Prostituição (Figura 03) e a consequente ação da

Prefeitura Municipal no que se referia a estes estabelecimentos, chamados em algumas edições pelo nome de Casas de Comércio (edição nº 258, 263 e 269; 1981).



Na reportagem, o jornal alerta para o temor dos vizinhos da casa de prostituição que as crianças presenciem "cenas eróticas, deturpando a formação sadia das crianças."

Com notícias variadas o jornal possibilitou, para uma parcela da população da cidade, trazer informações variadas, para diversos públicos. Hoje, apesar do avanço das novas tecnologias da informação, a Gazeta de Palmeira ainda circula, com diversas alterações em seu corpo editorial e em suas páginas, mas ainda, como o mesmo intuito, levar ao maior número de pessoas, entretenimento e informação, principalmente às cidadãs e cidadãos palmeirenses.

2.2 A AUTORA MYRIAM FREIRE DE FREITAS

A partir do desenrolar da pesquisa para realização deste trabalho, surgiu a necessidade e ao mesmo tempo curiosidade de conhecer as autoras da coluna. Entender um pouquinho da vida dessas mulheres que fizeram a diferença para uma parcela feminina da população de Palmeira, e, além disso, buscar mais informações sobre a cidade, o jornal e o alcance da coluna.

A primeira tentativa de contato foi com a jornalista Ieda Matias, editora chefe do jornal em seus primeiros anos de circulação. O único meio encontrado foi via “Facebook”, porém sem resposta. Várias foram as tentativas, e todas elas levaram ao mesmo caminho, sem informações.

Como o trabalho de historiadoras e historiadores é o de investigar o passado para buscar informações, a pesquisadora, também via “Facebook”, encontrou a primeira proprietária do jornal, a senhora Marilena Dutra. Após vários meses da tentativa de contato, Marilena respondeu informando que estava morando na cidade de Curitiba, e que na medida do possível estaria disponível para fornecer algumas informações, porém devido a indisponibilidade da pesquisadora o contato pessoal não foi possível.

Ao término do processo de manipulação da fonte e confecção das fotografias da coluna, em uma conversa informal com o atual proprietário do jornal, veio o conhecimento de que a autora Myriam Freire de Freitas, ainda residia na cidade. A empolgação foi tamanha, pois como esta autora foi responsável pela maior parte das colunas, era imprescindível que o contato fosse realizado.

Foi nesta euforia de sentimentos que a ligação para a autora foi realizada. Assim que soube a natureza da ligação, Myriam se mostrou interessada em colaborar e em contar suas histórias, marcando já no mesmo dia o primeiro encontro. Foram realizados dois momentos de conversa, um no dia 25 de outubro de 2017 e outro em 14 de junho de 2018. Em ambos, Myriam separou uma caixa com seus escritos antigos, recortes de jornais com algumas edições da coluna de sua autoria, além de algumas de suas crônicas, todas falando sobre sua terra natal, a Bahia. Um ponto importante observado em suas memórias foi uma pasta, na qual a autora colecionava recortes de revistas de fofoca, com notícias sobre as festas dadas pelas celebridades da década de 1970 e 80, inúmeros vestidos de grife e festas de casamento. Myriam mostrou com muito entusiasmo sua coleção, a qual constava diversos assuntos que também foram compartilhados nos conteúdos da coluna feminina assinada por ela no jornal.

Apesar do foco da entrevista ser a verificação do alcance da coluna na sociedade palmeirense, a autora, Myriam, relatou apenas informações pertinentes a sua vida, desde sua infância na Bahia até os dias atuais na cidade de Palmeira. Na sequência estão as informações obtidas.

A autora da coluna Myriam Freire de Freitas⁶ nasceu em 07 de junho de 1930 na cidade de Salvador, na Bahia e mudou para Palmeira em 1952 com 22 anos de idade, acompanhando seus pais.

Hoje aos 88 anos de idade, e com uma vitalidade de dar inveja em jovens, ao ser procurada pela autora deste trabalho, se mostrou prestativa e feliz em poder compartilhar seus conhecimentos e um pouquinho de sua vida. Dona de uma energia e de uma alegria irradiante, os dois momentos em que foi entrevistada foram marcados de muitas risadas e histórias. Em ambos os encontros Myriam separou seus feitos artesanais, seus recortes de revista e seus escritos, os quais tem muito orgulho, para compartilhar com a entrevistadora.

Mulher de uma inteligência grandiosa, afirma que um de seus mais preciosos passatempos é a leitura, já que não pode se locomover para grandes distancias devido a sua idade e a de seu marido. Esse gosto, afirma ela, iniciou-se ainda jovem, em Salvador, quando estudava na Escola Getúlio Vargas, lá ela fez todos os estudos possíveis e, com seu professor Alberto de Assis, se apaixonou pela disciplina de história. Segundo ela, se interessava pela história de reis e rainhas. Ao lembrar de sua época na escola, conta orgulhosa que foi escolhida para jogar pétalas de rosa no Presidente Getúlio Vargas, no Palácio da Aclamação, quando de sua passagem por Salvador. Conta ainda que, na época, ao estudar o Brasil, tinha um vasto conhecimento sobre a Amazônia e o Nordeste, porém quando se falava do Paraná a única informação que seus professores lhe davam era que Curitiba estava nesta região.

Filha única, o pai era um engenheiro que trabalhava no escritório do Departamento Nacional das Estradas de Ferro e a mãe professora de Francês, possuía uma escola particular deste idioma em casa, quando moraram em Rui Barbosa, lecionando para crianças e jovens. Myriam foi logo cedo introduzida ao mundo das artes, aos 5 anos de idade iniciou seus estudos de piano, e hoje apesar de sentir falta de seu grande piano alemão, que teve que ser deixado para trás quando veio embora para o Paraná, ainda toca em um teclado que fica guardado em sua sala. Além do piano, desde cedo se interessou por artesanato, mas afirmou que tricô e crochê nunca aprendeu e nem fez questão de aprender. Para ela o que chamava atenção eram atividades de pintura, colagens e confecção de bijuterias com contas

⁶ Informações obtidas por meio de entrevista realizada pela autora deste trabalho.

baianas. Na adolescência passou a ajudar sua mãe na escola de francês, segundo ela sua mãe ficava com o grupo dos alunos maiores e ela com o grupo dos menores.

Em 1952 seu pai recebeu a notícia de sua transferência. Sua família vendeu tudo e se mudou, primeiro para São Paulo e depois para a cidade de Palmeira. Segundo ela a adaptação não foi das mais fáceis, devido ao clima muito mais frio do que estavam acostumados e um povo que, segundo ela, também era frio. Para se enturmar resolveu tomar a iniciativa, conforme afirma,

Então muita gente daqui que eu vim eu já comecei a me familiarizar e eu como eu sei fazer, por que quem diz: “Ai que a os baianos são muito bons”, mas aqui eles são frios, mas o frio não é porque são ruim, é porque eles são assim, eles não se abrem, e eu então comecei me abrir. Aí eu digo vocês vão me conhecer, eu pensei comigo. Se vocês não saber quem é, então vocês vão saber quem é, porque é preciso ser a pessoa, não pode se entregar numa pessoa sem você saber quem é, né? Porque as vezes, conhece a pessoa, tem quanta pessoa boa e quanta pessoa que não é, né? ⁷

Assim, Myriam foi fazendo amizades com as moças que ela encontrava na Igreja Matriz, além de suas vizinhas. Foi também na cidade, que conheceu seu marido, gerente da agência de Correios. Segunda ela, quando ia à missa passava sempre em frente à Agência de Correios e ele sempre estava na porta. Assim após várias trocas de olhares e paqueras, ela levou seu então namorado para conhecer seus pais e com 24 anos se casou.

Após o casamento passou a morar no andar de cima da Agência dos Correios. Manteve suas amizades e fez novas, surgindo daí alguns convites de trabalho. Primeiro, a convite da Igreja, sem salário, passou a apresentar suas crônicas na rádio local e depois, recebeu o convite de trabalhar na Prefeitura da cidade, no Departamento de Cultura. Foi neste período também, no ano de 1978 que foi convidada por sua amiga Marilena Dutra, dona do jornal e esposa do Major Dutra, comandante da base do Exército em Palmeira, para comandar a coluna “O Assunto é Mulher” e publicar suas crônicas. Escreveu a coluna por quatro anos, e iniciou a veiculação da mesma na rádio local, porém após mudanças no corpo editorial do jornal, em 1982, optou por continuar seu trabalho apenas na rádio. Após o término de veiculação da sua coluna ainda, esporadicamente, publicava suas crônicas, até que o jornal foi transferido para a cidade de Ponta Grossa. Neste mesmo período participou do evento "Debutantes", através do Clube Magnólia, clube este criado na cidade em

⁷ Entrevista concedida á autora, em 14 de junho de 2018.

1917 para organizar a apresentação de moças para a sociedade, as chamadas Debutantes. Todo ano eram realizados bailes, com atores famosos da época, para os quais as moças se arrumavam, com vestidos longos para serem apresentadas a sociedade. Myriam fez parte do Clube, como oradora, mais ou menos entre 1977 e 1988.

Hoje vive com seu marido, não sai de casa devido aos problemas de saúde decorrentes da idade. Adora receber visitas, assim como continua sua prática de leitura e artesanato, mas afirma que, apesar de morar na cidade nos últimos 66 anos, ainda não se acostumou com o frio, e que, principalmente no período de inverno, a saudade de sua terra Natal aperta com mais força no peito.

2.3 A COLUNA “O ASSUNTO É MULHER”

Como um meio de trazer a discussão acerca da temática de gênero, este trabalho, através da análise de conteúdo da coluna “O Assunto é Mulher” do jornal Gazeta de Palmeira, tem o intuito de problematizar os papéis atribuídos às mulheres.

A coluna “O Assunto é Mulher” teve sua publicação no período que engloba a segunda edição do periódico, de 09 a 15 de maio de 1976, até a edição nº 305, de 29 de abril a 05 de maio de 1982. A coluna fora apresentada já na capa da edição nº 02 de 1976, indicando o teor do que seria tratado durante sua publicação

PARA MULHERES

O Assunto é Mulher desta semana, está focalizando assuntos diversos, estamos orientando sobre o vinho. Quem deverá servi-lo será sempre o homem. Como servi-lo, o que acompanha, e quando. Está apresentando também receitas para enriquecer o seu cardápio.

Você conhece os nomes designados para todos os aniversários de casamentos? Pouca gente o sabe! Fizemos uma pesquisa e constatamos que os mais conhecidos são as bodas de prata e de ouro. E os outros? Será que não merecem também uma comemoração especial? Relacionamos neste número os nomes dados às comemorações de casamento, desde o primeiro ano até às bodas de ouro.

A coluna O Assunto é Mulher, procurará semanalmente, divulgar assuntos e curiosidades, não só de interesse da mulher, mas às vezes, interessam também ao homem. Focalizaremos moda, culinária, alguma coisa também sobre etiqueta. Não no prenderemos a assuntos determinados, mas à tudo que for relacionado com sua casa, marido e filhos, lhe interessa. Neste nosso segundo número, fizemos uma pesquisa sobre testes para medir o Q.I. de uma criança. Não está em nossa coluna, mas também é um assunto que todos os pais em geral se interessam por ele. Nada mais que algumas perguntas à *(parte ilegível)* [...] poderá dar condições de uma análise de sua personalidade, grau de desenvolvimento mental. Procuraremos, se for de interesse dos leitores, apresentar exercícios para desenvolver o raciocínio de uma criança.

Aceitaremos sugestões, e se houver aceitação, estaremos recebendo-as através de cartas em nossa sede (Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976).

Desde o início de sua vigência a coluna já indicava quais assuntos seriam tratados, assuntos que segundo o periódico eram de interesse feminino, indicando quais papéis a mulher deveria ter, o de esposa, mãe e dona de casa; e quando estivessem a margem destes, marcava como eles deveriam ser. Como exemplo disto, a edição nº 02 de 1976, que procurou demonstrar qual deveria ser o comportamento ideal da mãe que trabalhava fora em relação ao seu bebê. Pedro (2017), através da análise de periódicos que circularam nas capitais do Sul do Brasil entre o final do século XIX e início do XX, demonstra que no processo de urbanização destas cidades, os jornais traziam quais os comportamentos ideais esperados pelas mulheres, e no caso de Porto Alegre para os homens também. A visão que se tinha era exatamente a mesma da vinculada na coluna “O Assunto é Mulher”, de que para as mulheres cabia o espaço privado e o bem-estar da família.

Durante sua publicação, a coluna passou por dois momentos, da edição nº 02 de 1976 à edição nº 84 de 1977, foi publicada sem autoria, com períodos de falha, semanas em que a coluna não era veiculada, ou ainda edições que apresentavam apenas receitas culinárias. E o segundo momento, da edição nº 100 de 1978 até a sua última publicação na edição nº 305 de 1982, a coluna passou a ser assinada por Myriam Freire de Freitas, que procurou formar uma rede de contato com suas leitoras, através de cartas que as leitoras enviavam com dúvidas, sugestões, receitas e dicas diversas; e a autora sanava as dúvidas de suas leitoras, trazia novas informações, todas pertinentes ao ambiente casa, filhos e marido; conforme apresentação da nova autoria:

“As senhoras e senhoritas de Palmeira”

Nós vamos tentar chegar até vocês, através de uma coluna de assuntos femininos, com a pretensão apenas, na medida do possível, de ser útil e com um carinho todo especial, oferecendo-lhes sugestões que se relacionem com o lar, da decoração à cozinha.

Poderíamos formar, porque não, uma colmeia, que cresceria dia a dia, através de cartas de vocês, que solidárias bem serviriam à sociedade e à família que é a essência da nossa ideia.

Eu lhes daria novas ideias, vocês sugeriam outras, à colaboradoras de nossa coluna, e assim se formaria uma relação e um novo entretenimento. A mim foi confiada esta Seção Feminina, e através dela tentarei desdobrar-me para seu êxito, e para merecê-la.

Estaremos aguardando suas solicitações ou suas colaborações que poderiam ser por exemplo, de uma receita culinária testada, de um trabalho manual, de um motivo para decoração, etc.

Receberemos de vocês, selecionaremos as melhores, porque todas de uma vez, não poderão ser publicadas, e aí o nosso jornalzinho (quando digo nosso, porque ele de uma forma ou de outra contribue com elegância nas notícias de nossa comunidade) crescerá pelo sentido de ampliar nossos conhecimentos, pelo bem de nós mesmas e dos outros. Tenho conceitos muito louváveis de várias pessoas que eu sei prestimosas, com um grande potencial de conhecimentos culinários, de perfeitas donas de casa, e senhoritas que são espelho de mães tão prendadas. Então por que não? Vamos tentar?

As cartas poderão ser entregues no escritório da Gazeta de Palmeira à rua Cel. Vida, 122 – ou enviadas pelo Correio, para Seção Feminina. As colaborações também poderão ser publicadas com pseudônimo desde que venham assinadas com seus verdadeiros nomes.

Myriam Freire de Freitas

Palmeira (Ed. nº 100 de 31 de março a 06 de abril de 1978)

Na tentativa de formar uma “colmeia” com suas leitoras, a autora acabou por formar redes de contato que podem ser consideradas, assim como no diz Jean Baechler, formas de sociabilidade, redes que nascem espontaneamente das relações entre os indivíduos. As interações entre os grupos humanos podem ser divididas em três categorias: a “*sodalidade*” como a capacidade das pessoas em formar grupos, sejam famílias ou até grupos maiores como integrantes de uma mesma igreja; a “*sociabilidade*”, a formação de redes, nas quais há a circulação de informações compartilhadas, como gostos pessoais, opiniões entre outras; e a “*socialidade*”, a capacidade em manter unidos estes grupos e estas redes citadas anteriormente. (1995, p. 65-66, grifo do autor).

Durante todo o período de circulação, a coluna publicou assuntos variados, destinados às mulheres. A partir da catalogação das fontes foi possível encontrar os seguintes temas:

- Cartas das Leitoras: a partir da edição nº 100 de 1978, a autora Myriam procura formar uma rede com suas leitoras através do envio de cartas. Nesta categoria foram separadas as cartas publicadas, assim como as respostas.
- Mulheres e homens: apresenta tarefas que deveriam ser desempenhadas pelos homens além de dicas para um bom casamento;
- Mulher e artesanato: com dicas para confecção de ornamentações para casa, para festas de aniversários dos filhos e receitas caseiras para confecção de perfumes, aqui também são colocadas as dicas enviadas pelas leitoras;
- Mulher e Beleza: informações a respeito do cuidado com a pele, a melhor forma de fazer manicure e pedicure, dicas de perfumes entre outros cuidados com a beleza feminina;

- Mulher e Casa: dicas de limpeza e organização das tarefas de donas de casa, informações sobre economia doméstica e conselhos sobre como organizar o tempo para os afazeres domésticos;
 - Mulher e Casamento: conselhos de como organizar chás de panela, e ornamentações ideais para este tipo de evento;
 - Mulher e Culinária: informações sobre tempo de cozimento de alimentos, acompanhamento de bebidas e presentes culinários;
 - Mulher e Cultura: espaço destinado para o envio de poesias, trechos de livros, dicas de músicas e programas de TV. Aqui também são trocadas ideias sobre o Círculo do Livro;
 - Mulher e Espiritualidade: recortes de trechos sobre reflexão e orações;
 - Mulher e Etiqueta: dicas de comportamento a mesa, eventos e de como se vestir, além de bebidas ideais para cada ocasião;
 - Mulher e Filantropia: trocas de informação sobre como ajudar instituições, como o Orfanato da cidade;
 - Mulher e filhos: atividades para realizar com os filhos a fim de estimular a inteligência destes, dicas para festas de aniversário e até uma carta de uma leitora se posicionando contra o aborto (edição nº 107, 1978);
 - Mulher e Lazer: com informações e dicas para melhorar sua viagem de férias, dicas para organização de espaço para receber as amigas, além das recordações da viagem da autora para sua terra natal, o Nordeste;
 - Mulher e Moda: informações sobre os nomes da alta costura internacional, dicas sobre como conhecer tecidos e tendências da moda;
 - Mulher e saúde: Dicas para melhorar o dia a dia de uma dona de casa, além de uma lista de exercícios para relaxamento após um dia cansativo;
 - Mulher e Trabalho: com informações sobre a melhor forma de conciliar a maternidade com o trabalho.

Além destas temáticas a coluna ainda trazia dicas diversas ao cotidiano mulher, casa, filhos e marido e receitas culinárias variadas.

Ao realizar a análise destas colunas, observou-se que estas eram destinadas, em sua maioria, ao público feminino das classes sociais média e alta. Isso se evidencia especialmente na temática moda, em que era informado às leitoras sobre alta moda, como na edição nº 13 de 1976, com uma descrição dos grandes nomes da

alta costura, citando Chanel, Dior, Madame Grés, Saint Laurent, Cardin, Pierre Balmain, Louis Féraud, André Courrèges e Paco Rabanne. Além de apresentar e ter o patrocínio de uma Boutique da cidade, a Boutique Ana Cláudia entre outras lojas de roupas e artigos femininos.

Um elemento identificado nas colunas foi a linguagem utilizada, pois apesar de ser destinada ao público feminino, a coluna apresentava, normalmente uma linguagem sexista, utilizando substantivos masculinos e globalizantes, como na edição 24 de 1976 ao falar sobre a realização de recepções em casa afirma “[...] mas gostam de receber bem os **amigos**” (grifo nosso); e também na edição nº 167 de 1979, ao falar sobre etiqueta ao utilizar talheres ressalta que “**o convidado**” (grifo nosso), além de outras edições que também apresentam a mesma dinâmica linguística. Pires (1997) nos alerta que em nossa sociedade o direito da palavra sempre esteve reservado ao masculino, considerado como o ‘sexo forte’. É devido a isto que normalmente há um apagamento da mulher no discurso, ficando sempre invisível na linguagem patriarcal.

Os temas encontrados em maior número de edições estavam voltados para questões sobre Casa, Artesanato, Beleza, Moda, Cultura, Culinária, Etiqueta e Espiritualidade; sendo o tema Trabalho (o trabalho fora assalariado e fora do ambiente familiar), apenas duas publicações, conforme tabela a seguir,

Tabela 1 - Dados gerais temas encontrados

TEMA	EDIÇÕES	ARTIGOS
Casa	76	99
Artesanato	70	97
Beleza	49	56
Moda	41	45
Cultura	37	42
Culinária	32	40
Etiqueta	27	30
Espiritualidade	26	28
Filhos	14	14
Lazer	13	15
Saúde	9	7
Relações Homens/Mulheres	7	7
Filantropia	6	7
Casamento	5	4
Trabalho	2	2
TOTAL	414	492

Fonte: Arquivo da autora

Através da identificação destes temas foi possível verificar vários elementos sobre as representações femininas presentes no jornal, pois conforme nos aponta Serge Moscovici,

[...] representações são prescritivas, isto é, ela se impõe sobre nós com uma força irreversível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (MOSCOVICI, 2007, p. 36).

Para a análise, os temas encontrados foram agrupados em quatro grandes categorias: Mulher e Beleza, Mulher e Trabalho, Mulher e Casamento e Mulher e Lazer, além das cartas que eram enviadas pelas leitoras. A fim de trazer um melhor entendimento destas categorias e da questão das representações femininas, apresentamos com mais detalhes cada uma delas.

2.3.1 Mulher e Beleza

Os temas agrupados nesta categoria foram Beleza, Etiqueta, Moda e Saúde, pois estes foram entendidos como parte do universo comportamental feminino, aquilo que se esperava de uma mulher bela na sociedade representada na coluna. Ao todo foram catalogadas 107 edições retratando estes temas, sendo que algumas destas edições apresentavam artigos de vários temas e não apenas de um só, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 2 - Dados Categoria Beleza

CATEGORIA BELEZA		
TEMA	EDIÇÕES	ARTIGOS
Beleza	49	56
Moda	41	45
Etiqueta	27	30
Saúde	9	7 ⁸
Total	126	138

Fonte: arquivo da autora.

Nestas edições foi possível verificar que os assuntos eram destinados as mulheres de classe social mais alta, das quais se esperava que tivessem noções de

⁸ A edição nº 280 de 22 a 28/10/1981, apresentou o mesmo conteúdo abordado anteriormente na edição nº 123 de 08 a 14/09/1978. (Fonte da autora)

cuidados com a pele, conhecimento sobre a alta costura, além de informações sobre como se portar em sociedade. Este discurso educativo para as mulheres, de como estas deviam se portar, já era tema dos jornais paranaenses como mostra Léa Resende Archanjo (1997, p. 160), que analisa as representações de gênero no jornal O Estado do Paraná na década de 1950. Segundo a autora era comum artigos relacionados aos comportamentos ideais esperados das mulheres, e o enfoque era de “[...] como as mulheres devem cuidar da beleza, da casa, dos filhos, do marido ou mesmo como devem se portar em diversas situações.”

Em alguns artigos da coluna, o conteúdo apresentava afirmações generalizadas, como no caso da edição nº 04 e 12 de 1976 que inicia ressaltando que “Não há mulher no mundo que não se preocupe com sua beleza, e que não tenha um pouco de vaidade”, ou então “A maioria das mulheres esquece de cuidar da pele durante os meses de frio.” Estas generalizações apontam para a representação de que as mulheres devem ser vaidosas, sendo a preocupação com a beleza um dos aparatos da feminilidade.

Outro apontamento importante está na faixa etária das leitoras, apesar de apresentar informações pertinentes ao público jovem, como através da colaboração de uma das leitoras com dicas de moda destinada às “gatinhas” e aos “gatões” da cidade (edição nº 122, 1978), o conteúdo dos artigos destinavam-se a levar informações às mulheres casadas e donas de casa, seja com dicas de beleza para mulheres após os 30 anos (edição nº 12, 1976), orientações para a saúde da dona da casa nos artigos voltados para a saúde feminina, dicas de como se comportar em eventos como organização de jantares, além de um artigo em especial destinado às mulheres com mais de 40 anos, que evidencia as mudanças do olhar sobre a idade da mulher e a forma como é vista. Em 1979 aconselham a mulher de 40 anos a não se sentir velha, a usar roupas, maquiagens, joias que ressaltassem sua jovialidade.

Comece a viver se você já chegou aos quarenta; porque acreditar que é velha só porque tem filhos homens, e sempre é chamada de 'coroa'? Descubra a sua beleza, seu charme vestindo-se bem, tornando-se elegante e garanto que logo você verá que só tem quarenta anos. [...] Depois de tudo isso, você será mais moça e bem mais elegante. (Ed. nº 145, 09 a 15 de fevereiro de 1979).

No que se refere a beleza, os artigos publicados tinham um caráter informativo através de uma abordagem educativa sobre os cuidados que a mulher deveria ter consigo mesma, para afirmar o que era considerado sua feminilidade. Neste sentido

são publicados cuidados para se ter com a pele, com o corpo, tendências para os cabelos e até como escolher a fragrância de perfume ideal. Nestes artigos foi possível verificar que feminilidade era considerado, assim como fora citado por Salva; Ramos e Oliveira (2014) as características de sensibilidade, doçura e meiguice, além da preocupação com a beleza, os cuidados com a pele e cabelos, com o comportamento; já para os homens a virilidade, força e frieza. Em nenhuma edição são apresentadas mulheres que não eram vaidosas.

Sant'Anna (2000) aponta que entre os anos 1940 e 1960 diversas transformações ocorreram no que se refere ao chamado glamour feminino. Neste contexto os cosméticos passaram a fazer parte do cotidiano de muitas mulheres, para auxiliar no processo de embelezamento. Em vários artigos da coluna são publicados indicações de cremes hidratantes e anti-rugas, além de anúncio de empresas da cidade, nas quais as leitoras poderiam encontrar os tão sonhados produtos de embelezamento.

Marcas nas asas do nariz provocadas pelos óculos pesados, você melhora usando óculos mais leves e massageando com creme nutritivo da Carita ou da Revlon todas as noites. (Ed. nº 180, de 28 de setembro a 04 de outubro de 1979).

A Gazeta ganha mais um anunciante; a FARMÁCIA COLONIAL. O Assunto é Mulher dá a dica das firmas merecedoras da nossa indicação por serem nossas anunciantes e por apresentarem também algo de nota, como é o caso da Farmácia Colonial, do Nondas. Ele nos mostrou a linha completa da Helena Rubenstein, seus perfumes cosméticos, em embalagens maravilhosas e estojos finíssimos. (Ed. nº 191, de 28 de dezembro de 1979 a 03 de janeiro de 1980).

Alguns artigos traziam informações ou citações de reportagens publicadas em outros meios de comunicação que a autora queria compartilhar com suas leitoras. Um destes artigos tratava da beleza de acordo com cada signo, abordagem apontada por uma das entrevistadas do texto. A coluna iniciou o assunto com trechos de entrevistas de mulheres que eram consideradas destaques na sociedade, entre elas a condessa Luciana Pignatelli que cita as dicas de beleza para cada signo.

São tantas as mulheres que se destacam com rótulos de inteligentes, atraentes, femininas, elegantes, e por aí vão os adjetivos que as deixam em evidência; conquistaram seu lugar ao sol, e juntando opiniões de algumas delas das quais me lembro no momento, vocês verão as descobertas que elas fizeram.

Lembram de Lauren Bacall? Ela foi esposa do maravilhoso e extraordinário Humphrey Bogart. Ela dos diz:

- 'Uma coisa eu sei; o amor é dar muito, dar mais do que pedir; só que os homens estão mais preocupados em serem machões; hoje eles não entendem de nada de amor...'

Hebe Camargo primeira apresentadora de TV brasileira tem também seu conceito:

- 'Não sei se o trabalho interfere na educação dos filhos; diariamente meu filho me pergunta se eu estarei em casa quando ele chegar da escola; é importante para uma criança contar com uma hora que seja sua; o problema do adulto é que ele não gosta de ouvir...'

A Condessa Luciana Pignatelli linda e maravilhosa reside em Roma, é ela quem nos diz:

- 'Sou coordenadora de modas, meu marido é presidente de uma indústria de cosméticos, e isso me obriga a constantes viagens, e eu preciso estar sempre com boa aparência; não é nenhum sacrifício para mim; estou acostumada com a disciplina. Você pode não nascer bonita. Fazer os defeitos parecerem virtudes é uma arte difícil, mais olhe, ser feia, é melhor do que usar maquiagem horrorosa.' (Ed. nº 125, de 23 a 28 de setembro de 1978).

Na afirmação de Laureen Bacall sobre o amor “uma coisa eu sei; o amor é dar muito, dar mais do que pedir; só que os homens estão mais preocupados em serem machões”, se percebe a mesma reflexão apontada por Archanjo (1997) quando estudou as colunas voltadas ao público feminino na década de 1950 no Paraná, de que às mulheres cabia o “encanto feminino” e aos homens o “egoísmo masculino”. Além desta constatação está o destaque dado a esta mulher, não é ressaltado sua posição social através de um trabalho, e sim o conhecimento de seu marido; isto é, ela é apresentada como a “esposa” de alguém e devido a este fato ganha notoriedade; esta prática pode ser colocada na chamada Teoria do Espelho, no qual as mulheres são vistas sempre em um conjunto, elas são sempre filhas, mães e esposas de alguém. (ITURRIZA; PELAZAS, 2009 apud BUITONI, 2014). Outro ponto importante também citado na coluna, na fala de Hebe Camargo, é a culpa feminina ao deixar o lar para trabalhar, o peso referente aos filhos e filhas. Na década de 1950 teve início uma revalorização do espaço do lar, do casamento, então neste sentido o espaço privado seria o lugar da plena felicidade feminina, assim, ao ter que sair para trabalhar fora a mulher estaria prejudicando esta felicidade. (ARCHANJO, 1997).

No que se refere ao vestuário feminino, a coluna trazia para suas leitoras dicas sobre os nomes da alta costura, tecidos em alta, peças que nunca erram, além de dicas das próprias leitoras, tudo isto para que elas sempre estivessem antenadas com a moda.

Seguindo o padrão apontado tanto por Archanjo (1997) Sant’Anna (2000) e Alves et al. (2009), da influência norte americana e europeia nos padrões de comportamento divulgados e difundidos, alguns artigos apresentam informações

vindas das grandes grifes europeias ou as novidades que foram moda no velho continente, como é o caso da edição nº 34 de 1976 ao trazer informações sobre Moda primavera-verão, informando as leitoras que “A moda primavera-verão na Europa é antes de tudo uma linha reta que se impõe com suavidade e maleabilidade.”

A partir da edição nº 172 de 1979 a coluna passou a publicar artigos relacionados com os anunciantes, sempre informando as leitoras das novidades da Boutique Ana Cláudia⁹ (Figura 03), Cimber Boutique, Casa Milagrosa entre outras.



Fonte: arquivo da autora

No quesito comportamento, os artigos estavam relacionados normalmente ao cotidiano das donas de casa sofisticadas e elegantes, desde espaços para o lazer em casa, dicas de presentes, como se vestir em ocasiões diversas e como se portar em eventos formais e informais, organização de festas e o que era realmente considerado como ser elegante.

A questão social fica bem clara ao observar as dicas de comportamento. Dois artigos se destacam, o primeiro retratando o que seria chegar a idade da elegância e que esta não é um privilégio e sim algo que vai muito mais da maneira de se portar do que o fato de ter ou não ter dinheiro.

⁹ Principal anunciante, sendo que seu anúncio, mesmo quando não era citado no artigo da coluna, era publicado ao final do conteúdo.

Elegância não é privilégio

Chegar à idade da verdadeira elegância é antes de mais nada ter confiança em seu critério de escolha.

Ser bem tratada sem perder muito tempo inutilmente em cuidados de beleza, ser elástica e orgulhosa de uma silhueta discreta, ser alerta para o mundo, o que é o que faz a diferença entre mulher-boneca e a mulher-mulher.

Saber usar com sutileza o brilho do inverno, o lurex ouro e prata, a bijuteria preciosa, os complementos cintilantes, sem parecer uma árvore de Natal. Conhecer os segredos das misturas de detalhes, da escolha de tecidos, encontrar um toque original para cada traje, mesmo aquele que, comprado pronto, corre o perigo de se transformar em uniforme.

Conservar o estilo convencional do mantô, do chemisier, do vestido longo sem muitos detalhes, transformando-o sempre em algo bastante pessoal.

Gastando as reservas da imaginação, conservar intacto os limites do orçamento, mostrando que elegância não é privilégio. É saber vestir moda, e não apenas roupa. (Ed. nº 15, de 08 a 14 de agosto de 1976).

No segundo artigo de destaque a autora traz a visão de Martha Calderaro¹⁰ sobre o que é realmente a mulher elegante.

Muitas pessoas empregam mal, a palavra ELEGÂNCIA. Principalmente quando se trata das mulheres. 'Fulana é muito elegante, usa muita roupa cara, está sempre na moda atual.'

Você não teria dúvida quanto a esta Elegância?

Para mim, Elegância, é uma palavra muito elástica. Querem ver como MARTA CALDERARO se refere sobre este assunto? Vejam bem:

O que é a Mulher Elegante?

É aquela que se veste não só de acordo com a moda e com o seu tipo, mas apropriadamente para cada circunstância? Por certo que sim. Mas não apenas isso. A elegância da Mulher, como a do homem tem conotações estreitas com o seu modo de viver. É elegante na decoração da casa, na organização de suas reuniões, na hospitalidade com que recebe os amigos, na discrição com que se refere as amigas, na delicadeza com que presenteia e na simplicidade com que agradece. Aceitas as homenagens não como se lhes fossem devidas, mas por delicadeza com aquele que a homenageia. É elegante na direção do seu carro, na prática dos esportes, e, principalmente no ANTIEXIBICIONISMO. Mas é muito mais elegante na sua conduta familiar e social. E é ainda elegante no tratamento dispensado aos inferiores e na assistência aos necessitados. Na cordialidade com que trata o balconista, a costureira, a recepcionista e todos que a atendem ou que lhe prestem serviços. Elegante também no TOM DE VOZ e nas expressões. NÃO FALA ALTO, NÃO CRITICA, NÃO FOFOCA e NÃO É DESLEAL!' (Ed. nº 176, de 14 a 20 de setembro de 1979, grifo do autor).

Estas dicas servem para exaltar os padrões considerados ideais na sociedade. Para que seja formada a concepção de Representação Social, vários elementos são importantes, para que haja uma familiaridade no objeto a ser representado. (MOSCOVICI, 2007). Assim confirmar o senso comum através de

¹⁰ Autora do livro "Etiqueta e Boas Maneiras", Editora Nova Fronteira.

informações veiculadas por outros meios de comunicação e informação transfere à representação um tom maior de veracidade. Quando a autora informa que vê a palavra elegância como uma palavra elástica, ela procura, através da citação de alguém conhecido em âmbito nacional, corroborar com sua afirmação, dando um tom de veracidade à informação passada as leitoras.

O artigo da edição nº 259 de 1981 também traz a colaboração do autor Marcelino de Carvalho¹¹ com informações de como se deveria beber drinques. Segundo este artigo, “sendo beber uma arte, está sujeita a uma série de regras que formam uma disciplina, porque não basta ter uma boa bebida para que possa dizer que se bebe bem.”

A classe social a que a coluna se destina fica implícita ao analisarmos o conteúdo da edição nº 254 de 1981, quando a autora dá dicas para a confecção de uma Festa de Vinhos e Queijos. Neste artigo são dadas as sugestões dos melhores vinhos e queijos para se dar uma festa de qualidade, artigos caros que não são de fácil acesso a população menos abastada. Além disto, a introdução do artigo informa que para a festa ocorrer bem seria necessário que os integrantes fossem do mesmo nível cultural.

Nada pode ser mais íntimo e aconchegante do que uma festa de queijos e vinhos. Porém, devido à natureza desta dupla deliciosa, você precisa ser muito hábil em selecionar os convidados para que o encontro transcorra numa atmosfera agradável: eles devem ter o mesmo nível cultural e idêntica faixa de idade. (1981).

Referente a abordagem sobre Saúde, apesar do número de edições que abordaram o tema, estes reforçam a questão do bem-estar para a dona de casa. Foram publicadas dicas de relaxamento, exercícios de alongamento, informações enviadas pelas leitoras a respeito de vitaminas, além de conselhos para tornar o dia a dia mais agradável e saudável. Estas informações eram pertinentes para proporcionar as leitoras dicas de como ter uma vida melhor e mais saudável.

Segundo Archanjo (1997) citando Rocha-Coutinho, as mulheres durante os períodos de guerra no início do século XX foram colocadas no mercado de trabalho, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos, porém após o término das guerras houve a necessidade de retorno dessas mulheres ao ambiente privado de

¹¹ Autor do livro de boas maneiras “Guia de Boas Maneiras” da Editora Cia Nacional.

seus lares, para que houvesse emprego para os homens que estavam voltando. Neste sentido, houve um esforço conjunto para transformar a representação feminina, agora como a rainha do lar, e a casa o lugar de plenitude feminina, ao lado do marido e de suas filhas e filhos.

Neste contexto era importante transformar o lar em um lugar maravilhoso e a rotina da mulher dona de casa, cada vez mais prazerosa. Assim, na edição nº 123 de 1978, a autora traz as dicas do livro de Dale Carnegie¹² para tornar a vida da mulher mais saudável e prazerosa (Figura 04).

Figura 5 - Ed. nº 123 de 08 a 14 de setembro de 1978

O assunto é mulher

Myriam Freire de Freitas

Dale Carnegie escreveu um capítulo no seu livro "Como evitar preocupações e começar a viver" dedicado às donas-de-casa; ali ele se preocupa com os problemas diários, e até dá uns exercícios que você pode fazer em casa durante uma semana que por sua vez farão bem ao seu aspecto e o seu bem estar. Ei-los:

a) Estenda-se de comprido no assoalho sempre que você se sentir cansada. Role pelo chão se quiser. Faça isso duas vezes por dia.

b) Feche os olhos. Você poderá dizer como o Prof. Johnson recomenda, mais ou menos isto: "O sol está brilhando lá em cima. O céu é azul e resplandecente. A natureza é calma e controla o mundo

e eu como filha da natureza, estou em harmonia com o Universo"; ou melhor ainda — Reze.

c) Se você não puder deitar no chão, porque o assado está no fogão e você não dispõe de tempo, então poderá conseguir quase o mesmo efeito, sentando-se numa cadeira. Uma cadeira dura, de espaldar alto e reto, é melhor para o repouso. Sente-se erecta na cadeira como uma estátua egípcia, e descanse as mãos com as palmas para baixo, sobre a parte alta das coxas.

d) Depois, lentamente contraia os dedos do pé e, em seguida afrouxe-os. Distenda os músculos das pernas e,

depois faça-os afrouxar. Faça isso, lentamente de baixo para cima, com todos os músculos do corpo, até chegar ao pescoço. Então deixe a cabeça girar pesadamente, como se fosse uma bola de futebol. E continue a dizer aos seus músculos (vamos, vamos...).

e) Acalme os nervos respirando lenta, em ritmo. Respire profundamente. Os yogis da Índia tinham razão: a respiração rítmica é um dos melhores métodos já descobertos para acalmar os nervos.

f) Pense nas rugas e contrações do seu rosto e procure desfazê-las todas. Desfaça os sulcos das preocupações que você sente entre as sobrancelhas e nos cantos da boca.

Fonte: arquivo da autora

O artigo finaliza com a seguinte sugestão: "Faça isso duas vezes por dia, e talvez você não precise mais ir ao instituto de beleza, fazer massagem. É possível que os sulcos desapareçam de dentro para fora." (Ed. nº 123, 1978). Observa-se também que na rotina da mulher não se cogita o trabalho fora do lar, pois quando o texto referencia a falta de tempo que ela poderia sofrer e que impediria de realizar as atividades, não são por conta de um compromisso fora do lar e sim "porque o assado está no fogão e você não dispõe de tempo", reforçando a representação da mulher dentro do espaço privado e responsável pelos afazeres da casa.

¹² Autor norte-americano, escreveu diversos best-sellers sobre como falar em público. Nasceu em 1888, falecendo em 1955. Informações disponíveis em <https://www.pensador.com/autor/dale_carnegie/biografia/>

2.3.2 Mulher e Trabalho

Na categoria Trabalho, procurou-se identificar quais as concepções de trabalho eram representadas as mulheres. Exceto por duas edições que fizeram referência ao trabalho feminino fora de casa, não foram identificados artigos tratando desse tema. O que foi identificado como trabalho para as mulheres foram o artesanato, a casa, a culinária, a filantropia, os filhos e filhas, nada diferente do que Myriam Freire de Freitas apontou na entrevista como as atividades que desenvolveu e ainda desenvolve. Ao total foram analisadas 150 edições sobre estes temas, sendo que algumas destas edições traziam artigos de vários assuntos diferentes, conforme tabela 02.

Tabela 3 - Dados Categoria Trabalho

CATEGORIA TRABALHO		
TEMA	EDIÇÕES	ARTIGOS
Artesanato	70	97
Casa	76	99
Culinária	32	40
Filantropia	6	7
Filhos e Filhas	14	14
Trabalho	2	2
Total	200	259

Fonte: Arquivo da autora

O primeiro apontamento está exatamente na discrepância de artigos sobre os afazeres da mulher no universo privado e público. No universo privado são publicados diversos artigos, englobando atividades artesanais, cuidados com a limpeza e a decoração da casa e cuidados com os filhos, totalizando 249 artigos, já no que se refere ao trabalho fora, na esfera pública, apesar de ter em seu rol leitoras mulheres que trabalham, como fora identificado nas cartas enviadas, apenas duas edições da coluna abordaram o assunto, a primeira na edição nº 02 de 1976 orientando sobre os cuidados que a mãe que trabalha deve tomar ao retornar de uma licença maternidade, ressaltado as preocupações que a mulher/mãe deve ter com a criança, as responsabilidades que não pode delegar, a obrigação de cuidar da criança, e como esta obrigação não será realizada devido ao trabalho, é responsabilidade dela, como mãe, providenciar os melhores e possíveis cuidados ao filho ou a filha.

A mãe que trabalha fora, só deve reiniciar suas atividades ao completar 3 meses após o parto. Deve então, providenciar para que a criança fique com alguém da família, ou com quem está habituada. Desta forma, estará atenuando o seu afastamento que de outra forma seria sentido imensamente pela criança.

Na continuação do artigo são relatados também os procedimentos que a mãe deveria tomar no caso de ter que deixar seu filho na creche. Para finalizar faz um aviso sobre os perigos de deixar a criança sob a supervisão de várias pessoas.

Os pais devem atender seus filhos de acordo com as suas necessidades individuais, qualitativa e quantitativamente. Está provado por experiências que crianças que receberam, assistência material completa, mas que receberam tratamentos, por diversas pessoas, em forma de rodízio, foram prejudicadas e até lesadas no seu desenvolvimento.

E no segundo artigo, somente na edição nº 234 de 1980, retratando a opinião de duas mulheres que foram destaque no mundo público, a primeira senadora mulher do Brasil, Eunice Michelis falando sua opinião sobre o que seria o feminismo e o padrão de comportamento da maioria das mulheres da época; e a opinião da atriz Berta Loran, sobre os jovens e a educação recebida por seus pais.

EUNICE MICHELIS - nossa primeira senadora, primeira mulher a ocupar o Senado, inteligente e intelectual assim se expressa, em relação aos direitos da mulher: 'Ser feminista é defender os direitos da mulher, e não, atitudes gritantes, querendo suplantar o homem; se a atitude masculina em relação às mulheres ainda é racionária, que haja uma tomada de consciência, e por mais liberadas que sejam as mulheres a maioria delas ainda quer mesmo, é a segurança do lar, do marido... E conta bancária.'

BERTA LORAN - atriz do nosso teatro e TV, comediantes e maravilhosa apesar dos seus 53 anos, responde uma pergunta sobre os jovens:

- Os jovens coitados o que lhe falta é carinho e amor. As crianças ricas são criadas por babás e governantas, desde os dois anos já vão para o maternal. Aos 18 já têm carro e dinheiro; mas o que falta é ouvi-los; eles são carentes e os pais ricos dão dinheiro e os pobres trabalham tanto que não têm tempo para os filhos.

Ao olhar mais atentamente para a fala da Senadora Eunice Michelis, foi possível identificar contradições em seu discurso, pois apesar de afirmar que “ser feminista é defender os direitos da mulher”, finaliza sua frase afirmando que “a maioria delas [mulheres] quer mesmo, é a segurança do lar, do marido...”. Então indaga se, o que seria ser feminista em sua visão? Lutar por direitos ou se acomodar sob a proteção do marido? A visão apresentada não é anacrônica em relação ao movimento feminista? Sarti (1988) e Manini (1995/1996) apontam que no período desta

publicação, o ano de 1980, já existiam diversas bandeiras feministas no Brasil, sendo que o movimento no país ganhou força novamente a partir da década de 1970, aliado a outros movimentos de base, denunciando as discriminações sofridas pelas mulheres devido ao seu sexo, além da luta contra a Ditadura Militar. A partir dos anos 1980 o movimento perde sua unificação, porém sua luta passa a ser mais voltada para as questões que envolvem diretamente a mulher e as relações de gênero, “como sexualidade, prazer, direito ao corpo, maternidade, saúde, violência contra a mulher, aborto, etc.” (MANINI, 1995/1996, p. 56).

Outro apontamento importante, no que se refere ao feminismo e a abordagem do jornal, está na discrepância entre a fala apresentada pela Senadora e publicada na coluna acima, e a publicação da nota sobre o as feministas espanholas da edição nº 115 de 1978.

Feministas espanholas querem seu partido

‘Estamos organizando um partido feminista e pretendemos apresenta-lo dentre em breve’ – afirmou Lidia Falcon, uma advogada de Madri que reside há muitos anos em Barcelona e que chefia o grupo coletivo feminista desta cidade. As feministas Catalãs seguem assim o exemplo das francesas, encabeçadas pela advogada Gisele Halimi, com seu partido da mulher.

‘Nosso partido – explica Lidia Falcon – atuará da Catalunha e estamos certas de que mais tarde, na Espanha inteira, se formarão outros partidos como o nosso. As feministas de Barcelona pretendem ‘fazer proselitismo e agitação’, mas – ao mesmo tempo – ‘estudar e desenvolver uma ideologia da mulher’ sem que isso signifique ‘abandonar as reivindicações concretas como o aborto, o divórcio e a igualdade de direitos entre mulheres e homens’.

As feministas reunidas no colégio de Barcelona acham, ao mesmo tempo, que suas forças são demasiado ‘reduzidas’ para apresentar-se ‘sozinhas’ às eleições. ‘Um partido – declarou Lidia Falcon – será um meio para divulgar nosso programa. Até agora – concluiu a advogada feminista – as parlamentares espanholas não tiveram peso nenhum. Foi como se estivessem mudas... (Ed. nº 115 de 12 a 18 de julho de 1978).

Apesar de não ter sido publicada na coluna, a nota traz informações sobre a organização do movimento feminista espanhol, apontando que estas estavam seguindo “o exemplo das francesas.” Ao compararmos esta nota publicada em 1978 com a coluna de 1980 percebemos como a visão da senadora brasileira ainda estava bem distorcida sobre o que seria ser feminista e o feminismo, visão esta que ainda se faz presente em nosso cotidiano, quando diferenciamos feminismo de feminino.

Com base nestas informações é possível verificar que o espaço destinado e vinculado como correto para a mulher, era o espaço privado. Na década de 1950, como retrata o trabalho de Archanjo (1997) os jornais da capital do Estado, Curitiba, buscavam embelezar a vida doméstica e a importância da mulher no espaço da casa

como rainha do lar. As edições destinadas às mulheres deste período abordavam constantemente as vantagens e desvantagens de se trabalhar fora. Já na coluna “O Assunto é Mulher”, de duas a três décadas após, nem cogita demonstrar os prós e os contras, simplesmente deixa de lado e destaca apenas o universo do lar. Isto ressalta o que Pires (1997) aponta em seu trabalho sobre as relações de gênero na imprensa,

Os artigos em geral, bem como as propagandas, veiculam um discurso de gênero que, diferenciando, ideologicamente, os sexos, discrimina a mulher, excluindo sua presença ao nível público, ao mesmo tempo que a relega à esfera privada do lar. (PIRES, 1997, p. 104).

Percebe-se uma maior disseminação do modelo tradicional de família e o que o movimento feminista e outros movimentos de mulheres defendiam ainda tinha e tem pouco impacto nas representações dos papéis sociais de mulheres e homens.

O ato de cuidar de outras pessoas foi citado na coluna através do convite às leitoras para atividades Filantrópicas, para ajudar o Orfanato que estava sendo construído na cidade e na doação de revistas antigas para os estudantes da cidade. Ao total foram sete chamadas na coluna sobre o tema.

A mulher como cuidadora é um viés importante para análise, pois mesmo em situações de luta por direitos, militância ou até mesmo dentro dos padrões exigidos às mulheres, a noção do cuidado para com o outro recai ao sexo feminino. Conradi (2015) ao mencionar o que teria levado a um silenciamento sobre as lutas das mulheres militantes durante a Ditadura Civil Militar Brasileira, no período que corresponde também a vigência da coluna, aponta que à mulher acaba por ser imposto e naturalizado o perfil de cuidadora, por isso o caráter materno de cuidar e ajudar aos que necessitam. Guedes e Daros (2009, p. 123) afirmam que “no senso moral construído na sociabilidade burguesa, as atividades que derivam do ato de cuidar tendem a ser atribuídas às mulheres e naturalizadas de forma a aparecerem como exclusivas e constitutivas da condição feminina.” Assim, nas chamadas também há um apelo para que as leitoras ajudem as crianças órfãs e necessitadas, colaborando com este perfil de mulher cuidadora.

Outra importante informação, e que ressalta a questão da mulher como protagonista da esfera privada, está na quantidade de edições e artigos que apresentaram assuntos relacionados ao tema Casa. Como nos mostrou a tabela nº 02, foram 76 edições abordando a temática, com um total de 99 artigos, sejam eles

de autoria da própria autora Myriam, como também sugestões e dicas enviadas pelas leitoras da coluna. Estas publicações traziam assuntos diversos sobre o cotidiano da dona de casa e foram, também, subdivididos da seguinte forma:

Tabela 4 - Dados sobre o Tema Casa

TEMA CASA	
ASSUNTO	ARTIGOS
Donas de casa	30
Limpeza	27
Decoração/Ornamentação	42
Total	99

Fonte: Arquivo da autora

Esta nova divisão foi necessária para poder entender as várias áreas de atuação feminina dentro do espaço do lar, para assim poder verificar a presença das relações de gênero, já que assuntos como a administração do lar não apareceram deixando implícito que isto seria tarefa masculina.

Referente ao assunto Donas de Casa, foram encontrados artigos relacionados a dicas para melhorar a vida e o trabalho da dona de casa, como é o caso da edição nº 09 de 1976 que traz teorias de rendimento de trabalho em empresas, para o dia a dia da mulher, a fim de melhorar a condição de vida feminina.

Os tempos mudaram. Mude você também

Ser dona de casa, esposa e mãe não é tão fácil como muitos imaginam. Para que você não caia na rotina de dona de casa, organize seu trabalho.

Em cada dez donas de casa, nove reclamam das empregadas, dos filhos, da vida cara, do cansaço que deu lavar a roupa, dando razão ao ditado: 'Em casa que muito brilha, a dona de casa se aniquila.'

Vão chamá-la de irascível, e não sem razão. Seu humor desapareceu ao longo do dia. E esse comentário só faz aumentar o mau humor. Falar é fácil, quero ver é fazerem o que eu faço.' Você tem toda razão. Fazer tudo do jeito que você faz, é de endoidar. E todos os dias a mesma coisa, não é mesmo? Pois então ponha um método nisto.

Nas empresas este método chama racionalização de trabalho, que consiste em fazer as tarefas de uma maneira objetiva, menos cansativa e que dê maiores resultados. Para as firmas, o resultado se chama lucro. Para você, será a possibilidade de viver melhor.

Depois de levar as crianças para a escola, pare e trace um esquema de trabalho.

Para começar, esqueça o relógio e divida as tarefas por prioridades. Veja o que é mais urgente. Se for a limpeza da casa, desista de dar conta dela num dia. Resolva então o que mais a incomoda. Comece por aí. Com um dia inteiro para limpá-la o resultado será melhor.

É bom lembrar que uma casa toda de pernas para o ar, durante o período de limpeza, é muito incômoda. Limpando por partes, o resto da casa ficará pelo menos em ordem.

Intercale tarefas. Você sentirá muito menos tédio. Ao invés de passar toda a roupa num único dia, ficando em pé por horas e horas seguidas, divida o tempo em tarefas diferentes. E deixe sempre um horário para se arrumar.

Apesar do mundo das empresas, do trabalho fora de casa, não fazer parte da rotina destas donas de casa, o artigo procura demonstrar para as leitoras que as táticas, os métodos, a organização de trabalho dentro de empresas, pode também ser aplicado no cotidiano do lar, assim procura-se explicar o passo a passo deste “método” para facilitar a vida destas mulheres, evitando assim que elas enlouqueçam ou passem grande parte de suas vidas reclamando dos afazeres de casa. Porém, apesar de tentar aproximar a rotina empresarial com a vida doméstica, existe uma grande diferenciação, pois para as empresas tempo é lucro, já no caso da dona de casa, o artigo aponta para esta “esqueça o relógio” e divida suas atividades por prioridade.

Todos os artigos deste assunto tinham o objetivo de facilitar a vida da dona de casa, são dicas, conselhos e até uma edição apresentando um roteiro a ser seguido no caso de ter que contratar uma empregada doméstica.

Maria do Carmo Fontenelle, jornalista e professora de Economia Doméstica nos ensina como contratar e tratar uma empregada doméstica.

O assunto empregada é para algumas donas-de-casa, uma questão de vida ou morte. Para a maioria uma fonte de contrariedades e em geral o ponto fraco da organização do lar. Você observe o aspecto quando for contratá-la e a maneira de responder. Você pode usar mais ou menos o seguinte questionário:

- 1º - O que você sabe fazer com perfeição?
- 2º - Há quanto tempo trabalha em serviços domésticos?
- 3º - Quantos empregos teve?
- 4º - Você sabe ler e escrever?
- 5º - Deixe-me ver seus documentos.
- 6º - Onde e com quem mora?
- 7º - Quanto você espera ganhar?

Enquanto ela responde você deve observar:

- 1º - O aspecto geral e o seu grau de asseio corporal.
 - 2º - As suas roupas, só para determinar seu grau de capricho externo.
 - 4º - O tom das suas palavras para julgar o grau de disciplina e respeito.
 - 5º - As causas de saídas dos empregos anteriores e o tempo que ficou neles.
- Também procure meios de ajudar a sua empregada nos seus problemas pessoais. Pode ser alfabetização ou aprender corte e costura, etc... (Ed. nº 258, 20 a 26 de maio de 1981).

Mas e a empregada em questão? Ela não é mulher também? O artigo trata de uma questão que é problema para as patroas, porém em nenhum momento trata da mulher que trabalha como empregada doméstica. Sarti (1988, p. 39) relata que “a presença de empregadas domésticas na casa de grande parte das famílias das camadas médias e altas é uma particularidade brasileira, para não dizer latino-

americana” e continua afirmando que a modernização da mulher a partir da década de 1960 aconteceu dentro de um contexto hierarquizado, principalmente nos campos: classe, gênero e raça, gerando então um avanço para as classes mais altas e brancas e uma continuidade de exploração por parte da classe mais baixa, mulheres e homens e muitas vezes negras e negros. Um dado importante trazido por esta autora, é que havia muitas empregadas domésticas negras no país.

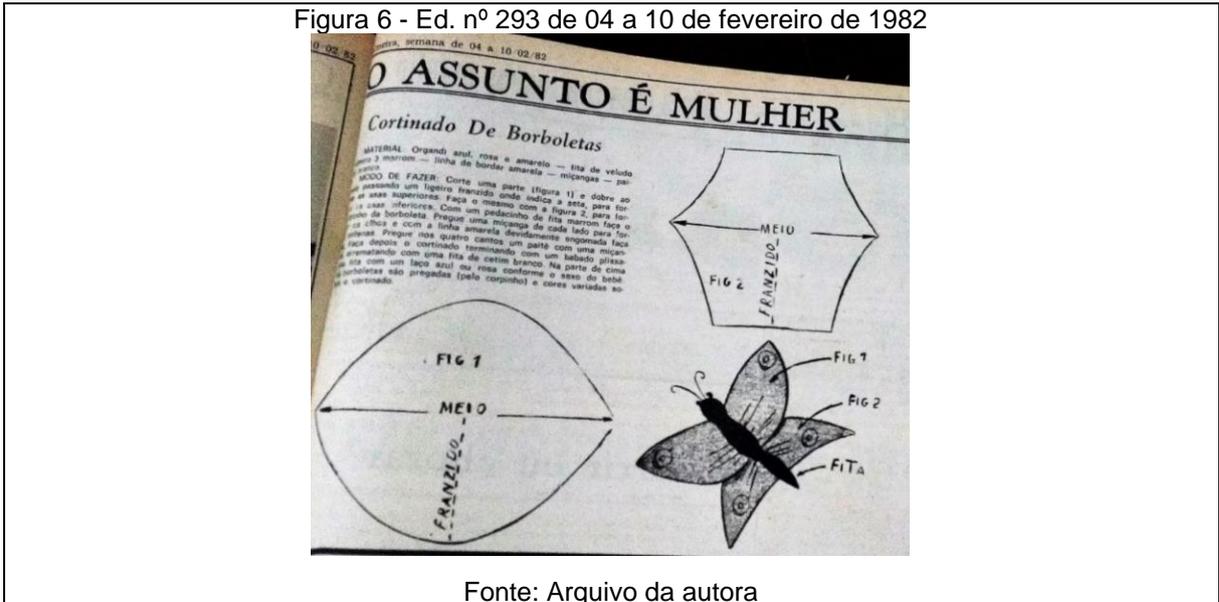
Outros assuntos também são retratados como economia doméstica, porém não no sentido de administração das finanças da casa, mas sim em como se comportar no supermercado e dicas para comprar mais barato (edição nº 23 de 1978 e edição nº 157 de 1979). Os outros assuntos, Limpeza, Ornamentação e Decoração também apresentam a mesma lógica, ressaltar o papel da mulher como “rainha do lar.”

No mesmo sentido do tema Casa, a abordagem sobre Artesanato busca explorar o lado criativo das mulheres, para que estas possam ocupar seu tempo além de estar sempre com ideias para o desenvolvimento de festas para as filhas e os filhos. Em um primeiro momento são trazidos desde receitas para confeccionar seu próprio perfume, como também o reaproveitamento de materiais na confecção de móveis para casa.

É a partir da edição nº 101 de 1978, após a troca de autoria, que os artigos relacionados a esta temática ganham maior destaque, trazendo na maioria das edições alguma nota sobre dicas artesanais, seja através de indicações das leitoras, como também orientações da autora Myriam.

Nas edições a partir de junho de 1981, além do texto com as orientações sobre as atividades artesanais, são publicados também as ilustrações, para demonstrar e auxiliar as leitoras na confecção do trabalho artesanal, conforme Figura 5.

Figura 6 - Ed. nº 293 de 04 a 10 de fevereiro de 1982



Fonte: Arquivo da autora

Seguindo a lógica das publicações voltadas para o público feminino, conforme dossiê feito por Teixeira (2014), o assunto Culinária também estava muito presente na coluna “O Assunto é Mulher”. Os artigos desta temática traziam dicas diversas para facilitar a vida da dona de casa na hora do preparo das refeições. As leitoras enviavam informações sobre temperos, dicas para preparo de alimentos; todas relacionadas ao bom funcionamento da cozinha. Na edição nº 109 de 1978, a autora, para responder uma solicitação de sua leitora chega a reproduzir informações retiradas de outros jornais ressaltando que, “esta sugestão é tirada do 'Club do Lar', todas elas eram ótimas e testadas, pelas 'abelhinhas' que faziam parte do Club tão útil que o Diário do Paraná publicava anos atrás.”

Para finalizar a questão do que era visto como trabalho para as mulheres neste periódico, não podemos deixar de lado a questão Maternidade, Filhos e Filhas. Assim como em outras categorias, aqui a figura da mulher no ambiente privado, esposa e mãe é ressaltado. São retratados assuntos pertinentes ao desenvolvimento das crianças, como amamentação e atividades para estimulação da inteligência dos pequenos e das pequenas.

O jornal não foge do que era esperado das publicações voltadas ao público feminino, pois em outros veículos de informação, de diversas regiões, desde o início do século, os “papéis definidores da feminilidade eram os de esposa, mãe e dona de casa.” (PEDRO, 2017, p. 293). Estes papéis fortemente disseminados pelas instituições “Família, Igreja, Mídia.” (TEIXEIRA, 2014, p. 85).

A educação das crianças era uma das grandes preocupações, conforme destacado na edição nº 192 de 1980,

As dificuldades para bem educar um filho

Parece muito fácil educar uma criança. Mais fácil do que domar um animal irracional. Mas, se ponderarmos bem sobre o assunto, veremos que não é tão fácil assim. O mundo de hoje, oferece tantos problemas, tantos apelos, tantas modificações que não havia em 'nosso tempo' que a educação de nossos filhos se nos apresenta muitas vezes acima de nossas forças e de nossas possibilidades. [...]

Um ponto básico é a questão de 'amizades'. Os pais devem escolher suas amizades de acordo com suas possibilidades econômicas e sociais. Nada de viverem em um mundo fictício, pois mais tarde os filhos sofrerão com o impacto da realidade quando quiserem acompanhar seus amigos sob todos os pontos de vista. Admitimos que tal nem sempre é fácil, mas devem os pais procurar intimidade maior com as famílias de mesmo nível educacional, social e econômico. Quantos há por este mundo de Deus que vivem um padrão de vida fictício. Quantos sofrem para acompanhar os outros, por uma simples questão de vaidade, de um falso status, como se isso fosse necessário para se firmarem na vida ou para serem felizes. Vivemos muito mais felizes, quando nossa vida é pautada dentro do orçamento doméstico. Isto porque desta feita não faremos dívidas, nem sacrifícios inúteis, pelo simples fato de querermos 'aparecer' na sociedade. Se cada um vivesse dentro de suas possibilidades, muitos problemas e tensões não existiriam.

Além da preocupação apontada no artigo sobre a educação dos filhos e filhas, é possível também verificar a questão social apontada. Teixeira (2014) relata que através da leitura destes periódicos é possível identificar as representações femininas e masculinas de uma época e para qual classe social a publicação de destinava. Apesar de identificarmos o público alvo como o pertencendo as classes mais altas, o artigo em questão está direcionado a uma classe média baixa, pois trata sobre os problemas sociais que ocorrem devido a inveja do padrão de vida de pessoas ricas, finalizando com a afirmação de que se todos vivessem dentro de seus padrões de vida muitos problemas não existiriam.

Na edição nº 107 de 1978, a autora publica a carta de uma leitora se posicionando contra o aborto, enfatizando o emocional no que se refere ao desenvolvimento do feto no ventre feminino (Figuras 07, 08 e 09).

Figura 7 - Ed. nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978

O assunto é mulher

Myriam Freire de Fre

Hoje inicio a coluna com uma carta.

"Prezada amiga Myriam:

Desejosa de colaborar com a sua coluna e também com você, quero em primeiro lugar cumprimentar-lhe por um cargo com tamanha responsabilidade e desejar-lhe, muito êxito, pois são dessas pessoas que precisamos em nossos meios.

E na minha modesta colaboração envio-lhe um pequeno recorte de jornal adventista, para que você veja, que num mundo onde só se fala em divórcio, desquite, aborto, adultério, crimes, mortes horrendas, também se fala em amor, em família, e que tem alguém preocupado com ela.

Obrigado pela participação que me oferece.
NANCY MAYER.

• • •

DIÁRIO DE UMA CRIANÇA QUE NÃO NASCEU
(autoria de M. Schuwab)

• • •

5 de OUTUBRO
Hoje teve início a minha vida. Papai e mamãe não o sabem. Eu sou menor do que a cabeça de um alfinete, contudo sou um ser independente. Todas as minhas características físicas e psíquicas estão já determinadas.



Fonte: arquivo da autora

Figura 8 - Ed. nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978

terminadas.
Por exemplo, terei os olhos do papai, os cabelos castanhos ondulados da mamãe. E isso também é certo: eu sou uma menina!

* * *

19 de OUTUBRO
Hoje começa a abertura da minha boca. Dentro de um ano poderei sorrir quando meus pais se inclinarem sobre o meu berço. A minha primeira palavra será mamãe. Seria verdadeiramente ridículo afirmar que eu não sou um ser humano na minha essência, mas somente uma parte de minha mãe.

* * *

25 de OUTUBRO
O meu coração come-

çou a bater. Ele continua sua função sem jamais parar, sem descansar, até o fim da vida. De fato, é isto um grande milagre!

* * *

2 de NOVEMBRO
Os meus braços e as minhas pernas começam a crescer. E continuarão a crescer até ficarem perfeitos e fortes para o trabalho: isto requererá algum tempo, mesmo depois do meu nascimento.

* * *

12 de NOVEMBRO
Agora nas minhas mãos estão despontando unhas. Com minhas mãos apoderar-me-ei do mundo e participarei

Fonte: arquivo da autora

Figura 9 - Ed. nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978

das fadigas dos homens.

* * *

20 de NOVEMBRO
Hoje pela primeira vez, minha mãe percebeu pelo seu coração que me traz em seu seio. Quem sabe sua grande alegria!

* * *

28 de NOVEMBRO
Todos os meus órgãos estão completamente formados. Eu estou muito grande.

* * *

11 de Dezembro
Logo mais poderei ver, porém meus olhos estão ainda costurados com um fio. Luz, cor flores... como deve ser magnífico! sobretudo enche-me de alegria o pensamento de que verei ver minha mãe. Oh! se não tivesse que esperar tanto tempo! Ainda mais de seis meses!

* * *

12 de DEZEMBRO
Crescem-me os cabelos e as sobrancelhas. Oh! Como ficará contente minha mãe com sua filhinha!

* * *

24 de DEZEMBRO
O meu coraçãozinho está pronto. Deve haver crianças que nascem com o coração defeituoso. Neste caso precisam sujeitar-se a delicadas intervenções cirúrgicas para corrigir os defeitos.

Graças a Deus o meu coração não tem nenhuma anomalia, e serei uma menina cheia de vida e de força. Todos ficarão alegres com o meu nascimento!

* * *

28 de DEZEMBRO
Hoje minha mãe me ASSASSINOUI!"

* * *

Nancy: Publiquei sua cartinha por extenso porque você me pediu; sua colaboração é sem dúvida valiosa, e mais, eu também quero lhe dizer muito obrigado, não porque eu mereça elogios, nem porque eu tenha algum mérito; eu estou apenas dizendo obrigado à sua elegância e gentileza; nada mais carinhoso do que receber de mãos amigas dúzias de palavras graciosas. Eu continuarei por aqui até quando Deus quiser, escrevendo com simplicidade, mesmo sabendo que nem sempre satisfazemos todas as pessoas.

Se todos nós tivéssemos a Sabedoria de compreender, de dar, de perdoar, de agradecer, o mundo seria maravilhoso; eu tenho comigo uma prece mágica: "Concede-me ó Deus, a serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, a coragem para modificar as coisas que posso, e a Sabedoria para saber a diferença".

* * *

A leitora que se assina Crisnagart, nos envia

Fonte: arquivo da autora

As lutas feministas ganharam força a partir da década de 1980, entre outras, pela bandeira do aborto, porém percebe-se que já havia uma “preocupação” com o tema, já que a leitora enviou o recorte de outro jornal. O cunho religioso, presente até hoje nas lutas por esta causa, também estava presente, pois o recorte foi feito de um jornal Adventista. Percebe-se o tom recriminatório para com a mulher-mãe que praticava o aborto, e a apelação do discurso narrado pelo feto que foi “assassinado” pela mãe. Segundo Cunha (2001) o tema aborto já estava nos jornais dos grandes centros brasileiros na década de 1960 e 1970, porém o que se levava em conta era realmente a questão emocional na tentativa de entender porque uma mulher iria abandonar aquilo que a definiria como mulher para praticar este ato.

Assim como na categoria Beleza, aqui, no que se refere aos filhos e filhas, a autora trouxe opiniões de outras pessoas para auxiliar em seu ponto de vista. É o caso da edição nº 166 de 1979, sobre o nome a ser dado as crianças ao nascer.

Quanto a escolha do nome que se quer dar à criança, o que geralmente se dá, é o que está na moda, ou de alguma pessoa em evidência; quantas Jacquelines, Carolines, Kellys e por aí vão nomes, quando eles não são os mais pretensiosos.

É Marta Calderaro quem fala:

'Devem ser abolidos os nomes muito em moda, especialmente os nomes de personagens de novelas e outros. Vide a atual de 'CARINAS'. Em italiano, 'carina' significa apenas 'queridinha, bonitinha, graciosa.'

Passado o entusiasmo despertado pela novela, o que resta? Um nome que nem ao menos é nome próprio, nem ao menos é nosso e que nada significará logo que outra novela tome o lugar de 'PAI HEROI'.

E a menininha irá pela vida afora carregando esse inexpressivo 'carina' quando estaria muito mais bem servida se lhe tivessem dado, por exemplo o nome de Maria Laura ou outro tão nosso como tantos!."

Como citado anteriormente, a utilização de outras referências sobre um determinado assunto, denota ares de verdade e assim contribuem para formação e disseminação da representação que se quer transmitir.

Toda esta esfera, de valorização da mulher no espaço privado, apresentada nas colunas reforçam o que Vera Lúcia Pires (1997) aponta em seu trabalho

A imprensa escrita difunde os lugares comuns da visão patriarcal, silenciando a voz da mulher e limitando-a à esfera privada. Ao destacar a presença feminina, referenda e reforça o preconceito histórico, pois trata de “assuntos domésticos”. (p. 112).

Esta prática acaba por reforçar e até mesmo recriar estereótipos que são consumidos e disseminados pelos leitores e pelas pessoas que estão direta ou

indiretamente envolvidos. São publicados os padrões de comportamento que são considerados ideais e difundidos para toda a sociedade como verdades absolutas.

Considerando que neste período, Palmeira, uma cidade pequena, com um centro urbano restrito, todos conhecem todos, estes valores e papéis passam a ser lei perante a sociedade, aplicando o conceito negativo de conveniência.

Ela reprime o que “não convém”, “o que não se faz”; ela mantém à distância, filtrando-os ou banindo-os, os sinais de comportamentos ilegíveis no bairro, intoleráveis para ele, destruidores por exemplo da reputação pessoal do usuário. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p. 49).

É neste sentido, que se mostra a importância de apresentar as alunas e alunos, como são apresentadas e disseminadas as representações femininas na mídia impressa no decorrer da história, para que elas e eles possam identificar a construção histórica do papel feminino e assim percebam que estes papéis não são imutáveis, mas que estão em constante transformação.

2.3.3 Mulher e Casamento

Nesta categoria foram agrupados os temas sobre os relacionamentos entre mulheres e homens e sobre festas de Casamento. Ao total foram 12 edições retratando estas temáticas conforme tabela abaixo.

Tabela 5 - Dados Categoria Casamento

CATEGORIA CASAMENTO		
TEMA	EDIÇÕES	ARTIGOS
Casamento	5	4
Relações Homens/Mulheres	7	7
Total	12	11

Fonte: Arquivo da autora

No que se refere as relações entre Homens e Mulheres apresentadas nestas edições os conteúdos encontrados apresentam as relações de gênero, os papéis que se espera de homens e mulheres, principalmente no que se refere ao casamento.

Como já retratado, Salva; Ramos e Oliveira (2014) indicam que Masculinidade são os atributos impostos pela sociedade aos homens, como virilidade, força e frieza, e Feminilidade os comportamentos esperados das mulheres, como sensibilidade, doçura e meiguice. Ao analisar esta categoria foi possível identificar o que se esperava

de homens e mulheres, o que se atribuía como masculinidade, o chefe provedor da família, e feminilidade, a esposa submissa que ensinava aos filhos que o pai é quem mandava.

Tarefas eram estipuladas aos homens, como no caso da edição nº 02 de 1976, de abertura da coluna, que trazia a escolha do Vinho como opção masculina, “ao homem sempre competiu a escolha do vinho a se servir, em qualquer ocasião.” (Figura 10).

Figura 10 - Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976

Vinho, tarefa do homem

Atirmou-se repetidamente que o vinho era tão velho quanto a civilização dos egípcios. Os Faraós se banhavam no precioso néctar. Ou que os romanos copiaram dos orientais o costume de se embebedarem nos banquetes atribuindo ao vinho virtudes divinas. Entretanto, o documento escrito mais antigo assinala que a descoberta do vinho remonta aos primórdios da vida humana sobre a terra. “Noé, que era agricultor, começou a cultivar a terra, e plantou vinha. E, tendo bebido vinho, embriagou-se...” (Gênesis, cap. vers. 20 e 21).

Velho, como o mundo, o vinho teve a primazia entre as bebidas. A princípio tomado sem muita técnica, ao sabor da necessidade ou da abundância, pouco a pouco seu uso tornou-se requinte nas festas e nos salões.

Ao homem sempre competiu a escolha do vinho a se servir, em qualquer ocasião. — Há vinhos de todos os gostos e dos mais variados paladares. E qualquer erro, por insignificante que seja, na sua escolha, ou num serviço complexo mas sem o devido conhecimento da variação e composição do paladar, pode ilidir completamente o valor do mais velho e melhor dos vinhos há que jamais serão servidos pelo critério de antiguidade pois que seriam intragáveis.

O velho ditado “vinho é como a amizade, que quanto mais antiga melhor é”, caiu de moda. Uma vez que pertence ao homem a escolha do vinho, é bom que o dono da casa, anfitrião, chefe da festa, proprietário de hotel ou restaurante, se acautele com o princípio de que “vinho bom é vinho velho”. Ora, nem todo mundo é um esperto e fino conhecedor de vinhos. Duas advertências: não adquira qualquer vinho, só pelo fato de o rótulo afirmar a antiguidade de uma safra ou da produção; confie unicamente nas melhores marcas, caso não se julgue um técnico no assunto e não deseje fazer

O assunto é mulher

feito. Por exemplo: um vinho rosê deve ser novo para ser bem saboreado. Um vinho tinto, de baixo teor alcoólico, perde completamente o paladar, se for velho.

A qualidade do vinho.

Os diversos tipos de vinho (pouco importa a marca por ora) se originam das diversas maneiras de cultura e preparação. O vinho branco vem do pouco contato do mosto com a casca e os caroços da uva.

O vinho tinto, ao contrário, denota que sua fabricação comportou a fermentação conjunta do suca de uva, com casca e caroços, por maior espaço de tempo. O vinho verde e o maduro mostram paladares diferentes, pois é a fruta verde e outra coisa o gosto da fruta madura. O vinho palhete, o licoroso, o seco e o doce apresentam cada qual uma distinção de gosto peculiar a cada tipo de vinho, e não se deixe enganar pelo modesto apreciador da bebida. Misturar esses vinhos com quaisquer pratos ou salgadinhos pode comprometer a finura de uma recepção pelo destoante que representa para o paladar dos seus convidados. Uma regra geral e fácil: a qualidade do vinho deve harmonizar-se com a qualidade da refeição ou manjar. Portanto, doces e salgados de condimento leve exigem vinhos leves e suaves. Ao contrário, salgados e doces fortemente condimentados requerem vinhos fortes, tintos e secos e maduros (para salgados e licoroso), doces e fortes (para os manjares).

Para recepcionar:

Sabido que o vinho se escolhe em função da comida, antes de tudo é mister conhecer a emenda ou a variedade dos pratos a se oferecer. Se lhe faltar a prática da escolha do vinho, melhor é consultar uma lista de pratos e vinhos combinados. Ou seguir, então um critério de simples utilização do vinho de acordo com a harmonia do paladar.

Fonte: Arquivo da autora

Apesar do contexto de lutas feministas por igualdade, presente nos grandes centros urbanos, o estereótipo de mulher submissa ao marido ainda estava presente no conteúdo das colunas que retratavam as relações entre as mulheres e os homens, ficando a mulher a mercê das decisões do marido. O artigo ainda frisava que “Uma vez que pertence ao homem a escolha do vinho, é bom que o **dono da casa, anfitrião, chefe da festa, proprietário de hotel ou restaurante**, se acautele com o princípio de que ‘vinho bom é vinho velho” (grifo nosso). O foco do artigo era sobre as propriedades do vinho, como servi-lo e informações pertinentes a esta bebida, mas existia um claro direcionamento sobre os papéis que mulheres e homens deveriam desempenhar em eventos ou ao receber amigos e amigas em casa. O homem era o provedor e a esposa submissa aceitava esta condição.

Esta característica, daquilo que era considerado comportamento do **homem**, pode também ser enquadrado no conceito chamado de masculinidade hegemônica, que para Connel e Messerschmidt (2013) seria um conjunto de práticas que possibilitou que a dominação histórica dos homens sobre as mulheres persistisse. Os autores continuam,

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (2013, p. 245).

Neste contexto, apesar do comportamento não ser algo praticado por uma maioria de homens, ao ser indicado como ideal, acaba por fazer parte de uma educação e assim uma certa norma para condutas masculinas consideradas ideais.

As relações entre o casal, mulheres e homens também era influenciada por ensinamentos da Seicho-no-iê, “filosofia que transcende o sectarismo religioso, pois acredita que todas as religiões são luzes de salvação que emanam de um único Deus¹³”. Segundo Matsue (2002, p. 03)

Grupos como a Tenrikyo e Seicho-no-le entraram no Brasil antes de 1930, tendo um número considerável de seguidores ao final da Segunda Guerra. Porém, seus membros eram restritos à comunidade étnica japonesa. A partir

¹³ Informação disponível em <www.sni.org.br/oque.asp>.

de 1960 começou a haver uma ampla penetração desses grupos religiosos na sociedade brasileira como um todo, atraindo os não japoneses.

Exemplo dessa influência estava na edição nº 165 de 1979, na qual foi apresentado qual seria o comportamento ideal de uma esposa e mãe, através de um recorte da Seicho-no-iê

Uma verdade atual que podemos constatar, observando algumas famílias de hoje, é que há muita desarmonia entre os casais e conseqüentemente filhos revoltados. Num antigo livro dos Samurais, isto já estava escrito.

O Prof. Masaharu Taniguchi fundador da Seicho-no-iê nos conta:

A Sra. Mitiko Otsuka, residente na cidade de Sendai, é mãe de duas filhas. A expressão mais difícil que a sua filha de dois anos aprendeu é a seguinte: **'Meu respeitável pai'**. Isto aconteceu porque sua mãe sempre que se referia ao seu marido nas conversas com as filhas falava: **'O seu respeitável pai'**... Por exemplo quando surgia um problema difícil, ela dizia para as filhas: 'A mamãe não sabe como resolver este assunto. **'Vamos perguntar ao seu respeitável pai'**. E quando alguma coisa de bom acontecia, ela dizia: 'Que bom! Vamos contar isso ao seu respeitável pai'.

Os filhos que tem mãe como a Sra. Otsuka, têm garantido um futuro feliz. Eu irei dar uma 'dica' para que a leitora possa representar o seu papel de boa esposa: aconteça o que acontecer, continue louvando o seu marido o dia todo, com palavras como esta: O meu marido é maravilhoso! É aconselhável representar o papel com persistência, tal como aquela velhinha de um conto de Anderson, que continuou acreditando e dizendo: 'O que o meu velho faz está tudo certo!'

Se por exemplo o seu marido toma um copo de uísque e adormecer, você louvará: 'O meu marido é maravilhoso! Ele dorme tranquilo sem nenhuma preocupação. Se ele 'soltar o gás' durante a refeição, não precisa se assustar; você mentalizará: Oh isso é sinal de saúde. O meu marido é o melhor marido do mundo!

Desta forma aconteça o que acontecer, você louvará o seu marido o dia de hoje, com uma voz suave porém firme: 'Meu marido é o melhor do mundo!'

Creio que muitas coisas seriam solucionadas, se aprendêssemos a ceder um pouco... (grifo nosso).

O artigo retratava qual seria o comportamento ideal para que um relacionamento fosse harmonioso e conseqüentemente que os filhos obtivessem uma boa educação. Ao lermos com atenção, percebe-se que o problema que os casais da época encontravam se dava principalmente pela falta de harmonia entre o casal e continuando a leitura observa-se que a culpa estava na mulher, pois era ela quem deveria respeitar seu esposo, independentemente de seu comportamento, e que era ela também que deveria educar as filhas e os filhos a forma correta de se tratar "o seu respeitável pai". Cunha (2001) ao abordar o tema casamento relata que nos jornais da década de 1960 são trazidos artigos que demonstravam a importância de se manter a qualquer custo a harmonia doméstica, nem que para isso a mulher tivesse que abdicar de suas ambições. Assim como no artigo acima, nos jornais da época que

retratavam este tema, a expressão “ceder” era utilizada, no sentido que quem deveria praticar este ato seria sempre a mulher.

Novamente identificamos os padrões de comportamento esperados entre o casal, o homem líder casa, o patriarca, e a esposa submissa e que deveria ser a responsável pela educação dos filhos e filhas.

O marido era referenciado como alguém a ser cuidado e zelado, e o relacionamento, para dar certo, era responsabilidade da mulher. A edição nº 221 de 1980, abordava exatamente este ponto ao trazer para leitora dicas para que estas pudessem mostrar aos seus maridos como eles eram “especiais”.

Algumas maneiras de você fazer com que seu marido perceba que é muito especial para você.

1º - Consiga a receita daquela torta ou daquele bolo que o deixa deslumbrado e prepare a surpresa para ele.

2º - Ofereça-lhe um desfile de modas particular... Só com as suas camisolas mais românticas.

3º - Tire algumas fotos suas, bem charmosas e distribua pela casa, nos lugares mais inesperados.

4º - No dia dos namorados dê a ele um presente que você mesma tenha feito ou um suéter de tricô, ou um quadro onde você pintou qualquer coisa de romântico.

5º - Num domingo chuvoso coloque almofadas no chão, faça sanduíches, ponha um disco com as músicas que ele gosta e convide-o para ouvir com você.

A concepção de casamento era tema de jornais e revistas de décadas anteriores à coluna, como afirma Cunha (2001). Para a autora, nestes periódicos,

As mulheres, por sua vez, são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (principalmente mães, donas de casa e esposas) e das características consideradas “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidades” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc.). Aos pais de família cabe sustentá-la com o seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido. (CUNHA, 2001, p. 202).

Observa-se que a representação vinculada nestes artigos da coluna, período após o estudo em destaque, corrobora com esta afirmação, pois traz para as leitoras dicas para que estas pudessem ter um bom relacionamento com seus maridos, sendo que para que isto ocorresse a mulher é quem deveria apresentar um comportamento submisso, de cuidado com os filhos e com o marido. Bassanezi (1993) ao analisar revistas femininas no período de 1945 a 1964 aponta que o discurso destas era que a felicidade conjugal, ambição de todas as mulheres, era alcançável para as *boas*

esposas, ou seja, a felicidade do casamento e do marido era responsabilidade feminina.

No que se refere ao tema casamento, foram identificados artigos que retratam os preparativos para a festa de casamento, a organização de chás de panela e da festa como um todo. Entre 4 artigos dentro deste tema, apenas um deles retratou não a festa, mas o olhar romântico sobre o encontro do amor.

Hoje eu li uma mensagem muito bonita de uma garota, que quando viu a esteira de luz deixada no céu por uma estrela, fez três pedidos; raramente na nossa época, acontecem coisas assim, e nem o romantismo chega a ser tão profundo como o desta menina, quando diz: "Meu bom Deus! Tu que és grande e onipotente. Tu que governas os céus e as trevas, aquele que há de ser o eleito do meu coração por toda a vida. Faze também, Deus de doçura, e de bondade, que ele seja belo como a Natureza que criaste; generoso como o amor que dedicas a nós, humildes mortais e forte como o rochedo que resiste impávido ao embate das ondas. E finalmente, Pai Celeste que meu casamento, o instante solene em que selaremos nossos destinos num juramento de fidelidade e de amor, seja tão bonito como aqueles dos Contos de Fadas... (Ed. nº 105, 04 a 10 de maio de 1978).

Este artigo demonstra que, mesmo a autora citando que nos dias atuais (na época da publicação da coluna) não existia tanto romantismo, o texto citado apresentou toda uma visão ingênua e romântica sobre os relacionamentos. O texto trouxe uma referência aos relacionamentos de "Contos de Fadas", demonstrando como a visão de um príncipe que vem salvar e cuidar da princesa indefesa ainda era compartilhado.

2.3.4 Mulher e Lazer

A última categoria encontrada após a catalogação dos artigos da coluna estava direcionado ao Lazer feminino. Aqui foram separados os artigos sobre Cultura, Espiritualidade e Lazer, conforme nos mostra a tabela abaixo.

Tabela 6 - Dados Categoria Lazer

CATEGORIA LAZER		
TEMA	EDIÇÕES	ARTIGOS
Cultura	37	42
Espiritualidade	26	28
Lazer	13	15
Total	76	85

Fonte: arquivo da autora

No tema Cultura, foram separadas edições que traziam desde informações sobre eventos culturais, como a realização de apresentações musicais, dicas sobre livros, músicas e programas de TV, além do envio pelas leitoras de poemas sobre diversos assuntos.

Em sua primeira publicação sobre o tema Cultura, a autora publica na edição nº 119 de 1978 uma Crônica de Carlos Torres Pastorinho¹⁴, retirada de um jornal feminino, a qual tratava sobre a felicidade feminina.

Você prezada leitora, tem o direito de ser feliz. Muito mais que isto: tem o dever de ser feliz; Deus é a felicidade máxima do universo, e nós que somos feitos a sua imagem e semelhança nós que temos obrigação de ser semelhante a Ele, temos a obrigação de buscar a nossa felicidade, porque estaremos buscando o próprio Deus.

Entretanto a nossa felicidade é combatida pelos outros, pelo que "dizem" pelos outros que julgam, nos atingindo como setas envenenadas, martirizando nosso coração. Ciúme, inveja, calúnias isto virá sempre que nossa felicidade aparecer, porque a humanidade ainda não compreende que alguém possa ser feliz.

Olhe tudo com bons olhos; se algo a assusta um momento, reflita que talvez no caso dessa pessoa, você fizesse o mesmo. Compreenda com amor e carinho; seja generosa em palavras e em pensamentos. Tenha coragem; enfrente a vida e o mundo, e construa a sua felicidade porque é um dever do qual você terá que prestar contas se podia realizá-lo e não fez; porque não se esqueça: ser feliz é viver unida a Deus que é a Suprema Felicidade.

O artigo trazia uma forte concepção religiosa ao dizer que a felicidade era uma obrigação, pois todas e todos somos a imagem e semelhança de Deus, e Ele é a "felicidade máxima do universo". Em continuidade o artigo apresenta o que as leitoras poderiam fazer para encontrarem esta felicidade, demonstrando que atitudes de amor, carinho e generosidade eram o caminho para enfrentar as adversidades que impediam a felicidade; ou seja, novamente ações de submissão feminina, padrões de docilidade já abordados como atributos de feminilidade. Na questão de felicidade, Bassanezi (1993) afirma que os periódicos das décadas anteriores apresentavam que a felicidade da leitora, em especial da esposa leitora, normalmente era vista como consequência da felicidade do marido e dos filhos, ela era responsável por esta felicidade não deixando se afetar por interferências externas.

¹⁴ Ex-padre católico, se converteu ao espiritismo em 1950, era escritor e radialista, publicando mais de 50 obras, entre elas "Minutos de Sabedoria". Informações disponíveis em < <https://www.mensagemespirita.com.br/autor/carlos-torres-pastorino/biografia/>>.

Apesar de ser destinado, principalmente a informações literárias foi possível verificar também o discurso sobre o comportamento ideal esperado pela mulher através da carta enviada por uma leitora na edição nº 121 de 1978.

MYRIAM: Estou enviando uma Trova de Symaco da Costa para a sua coluna; ei-la - Sônia
Os caprichos da mulher
- Aonde vão terminar?
- Numa velhinha orgulhoso, no cantinho... a resmungar...
Oi Sônia, gostei muito da inovação para alegrar a coluna; volte sempre.
Até a semana que vem se Deus quiser.

A trova de Symaco da Costa¹⁵ enviada pela leitora Sônia apontou um padrão de comportamento que não deveria ser seguido pelas mulheres, para que estas não terminassem suas vidas sozinhas. Para que isto não ocorresse as mulheres deveriam abandonar seus “caprichos”, pois caso contrário terminariam suas vidas como “velhinhas orgulhosas, sozinhas no canto e resmungando.

No que se refere ao hábito da leitura, foi possível identificar que as leitoras tinham diversas dicas para compartilhar entre si, e, além, tanto elas como a própria autora da coluna, gostavam das indicações do “Círculo do Livro” (edições nº 125 de 1978, 145 e 154 de 1979). Este Círculo foi um projeto iniciado em 1973, formado pelas Editoras Bertelsmann e Abril. O programa teve seu auge em meados da década de 1980 e tinha alcance nacional. Os sócios e sócias escolhiam os livros através de catálogos e compravam estes com um valor menor do que se comprado da livraria. (CÍRCULO DO LIVRO, 2015).

Relacionado aos livros, a edição nº 156 de 1979 mereceu destaque, pois a leitora Sônia solicitou que lhe fosse enviado dicas de livros de “AUTORAS” brasileiras. Na resposta Myriam lhe indica os livros de Rachel de Queiroz e Adalgisa Nery.

Rachel de Queiroz, no trabalho de Duarte (2003) é citada como uma das mulheres que foi além do seu tempo, mesmo não admitindo a legitimidade do movimento feminista brasileiro, que na sua concepção estava vivenciando sua terceira onda. Segundo Duarte (op. cit.),

Como outras mulheres, Rachel colocou-se na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária,

¹⁵ Trovador baiano que nasceu em 20 de junho de 1914. Foi um jornalista polêmico de personalidade forte. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira da Trova (ABT) em 1960. Informações disponíveis em < <http://www.falandodetrova.com.br/symacodacosta>>.

espaços entranhadamente masculinos. A estréia em livro, ocorrida em 1930, com o romance *O quinze*, que trata do drama dos flagelados e de agudas questões sociais, provocou tal impacto nos meios literários que houve até quem duvidasse de sua identidade [...]. (DUARTE, op. cit., p. 164).

A outra autora citada, Adalgisa Nery, foi uma poetisa, romancista, contista e jornalista brasileira, publicou sua primeira obra em 1937, *Poemas*. Outra obra de destaque foi *Mulher Ausente*, obra marcada por um certo erotismo libertário¹⁶.

Em outras edições também foram enviados para publicação poemas escritos pelas leitoras, ou se não de autoria delas, poemas que marcaram estas mulheres e que foram enviados como uma forma de compartilhar leituras. Um exemplo disto está no poema publicado na edição nº 142 1979, o qual aborda o tema da “Ausência Paterna” na educação de filhas e filhos.

Não tenho Tempo

(Publicado pelo Subsecretariado de Cursilhos de Palmeira)

Sabe meu filho,
 Até hoje não tive tempo para brincar com você.
 Arranjei tempo para tudo.
 Menos para ver você crescer.
 Nunca joguei dominó, dama, xadrez, ou batalha com você.
 Percebo que você ainda me rodeia,
 Mas, sabe, eu sou muito importante e não tenho tempo!
 Sou importante para números, convites,
 Uma série de compromissos inadiáveis...
 E largar tudo isso para sentar no chão com você?
 Não, não tenho tempo!
 Um dia você veio com o caderno da escola para o meu lado.
 Não liguei, continuei lendo o jornal.
 Afinal os problemas internacionais
 São mais sérios dos que os da minha casa.
 Nunca vi seu boletim, nem sei quem é sua professora.
 Não sei nem qual foi a sua primeira palavra
 Também você entende... não tenho tempo!
 De que adianta saber das mínimas coisas de você?
 Se eu tenho outras grandes coisas a saber?
 Puxa, como você cresceu!
 Você já passou da minha cintura. Está alto!
 Eu não havia reparado isso!
 Aliás não reparo quase nada, minha vida é corrida.
 E quando tenho tempo prefiro usá-lo lá fora.
 E se uso aqui, perco-me calado diante da T.V.
 Porque a T.V. é importante e me informa muito...
 Sabe, meu filho...
 A última vez que tempo para você, foi numa cama...
 Quando o fizemos!
 Sei que você se queixa,
 Que você sente falta de uma palavra,
 De uma pergunta minha.
 De um corre-corre,

¹⁶ Informações disponíveis em < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3195/adalgisa-nery>>.

De um chute na sua bola.
 Mas eu não tenho tempo!
 Sei que você sente falta do abraço e do riso
 Do andar a pé a padaria para comprar guaraná
 Do andar a pé até o jornaleiro para comprar Pato Donald.
 Mas sabe, há quanto tempo não ando a pé na rua?
 Não tenho tempo!
 Mas você entende sou um homem importante,
 Tenho que dar atenção a muita gente,
 Dependo dela... Filho, você não entende de comércio!
 Na realidade sou um **homem** sem tempo
 Sei que você fica chateado,
 Porque as vezes que falamos é monólogo,
 Só eu falo
 E noventa por cento é bronca:
 Quero silêncio, quero sossego!
 E você tem a péssima mania de vir correndo
 Sobre a gente.
 Você tem mania de querer pular nos braços dos outros...
 Filho, não tenho tempo para abraça-lo,
 Não tenho tempo para ficar de papo furado com criança!
 Filho, o que você entende de computador,
 Comunicação,
 Cibernética,
 Racionalismo?
 Você sabe quem é Marcuse, Mac Luan?
 Como é que eu parar para conversar com você?
 Sabe Filho,
 Não tenho tempo! Mas, o pior de tudo,
 O pior de tudo é que...
 Se você morresse agora, já neste instante,
 Eu ficaria com um peso na consciência,
 Porque até hoje
 Não arrumei tempo para brincar com você,
 E na outra vida por certo,
 Deus não TERÁ TEMPO de me deixar, pelo menos VÊ-LO.

Esta preocupação pode demonstrar que já existia uma preocupação no que se referia a educação paterna das crianças, mesmo que a responsabilidade maior ainda fosse das mães.

Hoje existe uma preocupação maior no que diz respeito ao abandono paterno, reconhecendo que tanto o abandono como a falta de afetividade são considerados, para algumas pesquisadoras e pesquisadores, como *Aborto Paterno* (Taquary, 2016).

Apesar desta abordagem, as pesquisadoras da temática aborto, não reconhecem esta nomenclatura no que diz respeito ao abandono paterno. Para elas, retratar o abandono paterno como “aborto” é uma afronta a todo sofrimento vivenciado pelas mulheres que optam por uma intervenção cirúrgica, ao realizarem o aborto.

Infelizmente o que percebemos, até mesmo dentro das publicações da coluna, ao compararmos o conteúdo do poema da leitora sobre abandono paterno e o artigo

da edição nº 107 de 1978, que o apelo emocional sobre o aborto feminino é mais impactante.

No caso deste trabalho, o artigo anteriormente citado sobre o aborto feminino, demonstrou através da visão do feto, toda a vontade em conhecer a mãe que estava do lado de fora e ao finalizar frisa que a MÃE À ASSASSINOU. Já quando, ao retratar o abandono paterno, é o pai que para e pensa, que caso ele perdesse o filho teria apenas dor na consciência. Infelizmente, em nossa cultura, a mãe é quem sempre recebe a carga maior de responsabilidade, não se nega a presença do pai, mas se cobra e se exige da mãe, mesmo com o abandono paterno, que arque, independente das condições que tenha ou não para isso, com a responsabilidade da criança.

No campo da espiritualidade e religiosidade, a partir da edição nº 150 de 1979 a autora passou a publicar, quase que todas as semanas, trechos e reflexões de Seicho-no-iê. Para iniciar estas publicações apresentou informações do que seria esta ordem espiritual.

Seicho-no-iê, é um ensinamento verdadeiramente interessante. Praticamente todas as dores para as quais se possa atribuir o nome de infelicidade, tais como: doenças, pobreza, desarmonia no lar, vícios, má escolaridade, comportamentos negativos... em pouco tempo desaparecem como nuvens ou como neblina, pelo fato de entrarem em contado com o ensinamento da Seicho-no-iê.

Não só isso, mas até mesmo aquelas catástrofes consideradas geralmente como fora de controle, tais como: danos decorrentes de intempéries, guerras ou incêndios, podem ser superadas. Seicho-no-iê mostra a você o verdadeiro sentimento da vida e dá ao seu ideal e a sua esperança asas que lhe permitirão voar bem alto.

Estes fatos já foram demonstrados de modo concreto por inúmeras pessoas através de seus próprios testemunhos. Sua vida sofrerá uma transformação a partir do dia em que você conhecer o ensinamento da Seicho-no-iê.

Sua índole se tornará alegre, seu semblante brilhará de ideal e esperança e todas as pessoas ao seu redor se tornarão suas amigas.

Quem estiver em dificuldades procure imediatamente a Seicho- no-iê. Ele é um ensinamento filosófico iniciado pelo Prof. Masaharu Taniguchi. (Ed. nº 155, 20 a 26/04/1979).

Estes “ensinamentos”, normalmente em forma de pequenas reflexões, eram sempre publicados em uma linguagem genérica voltada para o masculino e foram publicadas durante todo o ano de 1979 e início de 1980. Muitas vezes as leitoras pediam a autora que publicasse trechos relacionados a temas específicos como para ter um “bom trabalho” (edição nº 155, 1979), “para você começar bem o dia” (edição nº 157, 1979), “oração do motorista” (edição nº 161, 1979) e uma “oração para abençoar o lar” (edição nº 178, 1979). A última publicação retratando este tema foi a

edição nº 214 de 1980, quando a autora cita a reunião da Seicho-no-iê, que ocorreu na casa de uma das “distintas senhoras” da cidade e leitora da coluna, informando que novas reuniões seriam marcadas.

No que se refere ao lazer feminino foram encontrados artigos relacionados a dicas sobre viagens em família, informações da autora sobre sua terra natal, Salvador, além de informações sobre a organização de espaços para receber amigos e amigas ou organizar festas.

Apesar do teor destes artigos estar relacionado ao divertimento e lazer, é perceptível que na organização de viagem em família, cabe a mulher, esposa e mãe a organização dos preparativos de viagem, para que assim toda a família possa gozar de um momento de relaxamento e que na volta também não encontre surpresas desagradáveis (edições nº 38, 1977). Isto remonta ao que Bassanezi (1993) aponta em seu trabalho, o fato de que a felicidade da família cabe à mulher, que deve priorizar primeiro a felicidade do marido, depois dos filhos e por último a sua, que seria então consequência da felicidade e do bem-estar da família.

As regras de etiqueta também estão presentes nos momentos de lazer, como podemos observar no artigo da edição nº 141 de 1979,

Um joguinho desprezioso de buraco, acompanhado de docinhos, de música, é um passatempo agradável para quem recebe amigos numa reuniãozinha informal no verão com refrigerantes ou no inverno com um gostoso chocolatezinho quente. Todos se animam, e vibram com as 'canastras', ou se entristecem quando o parceiro 'bate' sem a menor chance de se fazer mais alguns pontinhos. Mas nós iremos falar aqui, como o seu joguinho ganhará um charme especial; quem vai lhe dar as 'dicas' é Maria José de Carvalho:

'Lembre que o grupo que vai jogar em sua casa, deve ser homogêneo em idade, grau de intimidade, com afinidades comuns. Não vá convidar amigas que estiverem ressentidas ou as que detestam 'cartas'...'"

Por se tratar de um momento de distração, através da opinião de Maria José de Carvalho¹⁷, a autora cita que para o sucesso do evento é melhor ter precaução na hora de escolher as convidadas, selecionando apenas aquelas que são consideradas realmente amigas.

¹⁷ Formada em história pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi poeta, tradutora, atriz, diretora de teatro, pianista, cantora de câmara, professora de música e teatro, declamadora, poliglota, pesquisadora, crítica teatral e *promoter* de vários eventos culturais. Nasceu em 1919. Informações disponíveis em <
<http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=Bio&item=0805L5>>.

2.3.5 Cartas das Leitoras

Ao assumir a autoria da coluna “O Assunto é Mulher” a autora Myriam Freire de Freitas pretendia formar uma rede de sociabilidade com suas leitoras. Esta rede seria formada através do envio de cartas ao jornal, as leitoras poderiam assinar com seus nomes ou pseudônimos.

Estas redes se encaixam no conceito de sociabilidade, “[...] considerando as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos, quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de atividade.” (BAECHLER, 1995, p. 77). Estas redes, ainda segundo este autor se designam na formação de laços que cada pessoa estabelece com outras pessoas e assim consecutivamente.

Ao total foram catalogadas 161 cartas publicadas, excluindo aquelas foram analisadas dentro das categorias. Os assuntos eram variados, desde solicitação de dicas para casa, envio de receitas, poemas, até curiosidades. A temática artesanato teve grande destaque, pois as leitoras enviavam dicas, trabalhos e solicitavam ajuda sobre confecção de enfeites, ornamentação para casa até confecção de presentes para datas especiais.

Apesar de problematizar a questão do bairro e não da cidade, Certeau; Giard e Mayol (1996) discorrem que este é um local no qual as pessoas, para terem uma boa convivência acabam por respeitar normas de conduta para assim tornar a vida cotidiana possível e que mesmo fazendo parte da esfera pública, o Bairro passa a ser com conveniência um espaço quase privado, através da apropriação deste local por parte dos indivíduos no dia a dia. Por se tratar de uma cidade pequena, na qual a maioria das pessoas se conhece e mantém relações de proximidade, foi possível aproximar os conceitos da cidade com o bairro, desta forma, esta seção de cartas permitiu observar que existia toda uma relação respeitosa entre as leitoras e até um sentimento de pertencimento da cidade, como algo privado, demonstrado na edição nº 162 de 1979, no qual a leitora mesmo residindo em outro local, ainda cita a cidade de Palmeira como “nossa cidade”.

Através das cartas recebidas e publicadas, identificou-se o alcance do jornal, além do público, que englobava crianças, jovens e mulheres adultas.

Com muito prazer estou lhe enviando uma receita para os aniversários de criança, e quem está lhe enviando é também uma criança. Gosto muito de ler o que escreve e espero que aproveite a ideia.
Um abraço da MARTINHA (Ed. nº 120 de 18 a 24 de agosto de 1978)

Quanto ao alcance do jornal, foi possível observar que as cartas vinham de diversos locais além da cidade de Palmeira, como Brasília, Cruzeiro do Sul - AC, Curitiba, etc. Abaixo destacamos alguns trechos das cartas de algumas dessas leitoras de Ponta Grossa, Curitiba e Cruzeiro do Sul:

MYRIAM, estou enviando para o assunto é mulher, uma poesia minha, dedicada ao Dia do Carteiro, e como sei que você tem marido e amigos na EMPRESA de CORREIOS E TELÉGRAFOS, gostaria que ela fosse publicada na sua coluna. Um abraço, da ANGELA MARIA PIGATTO. (E.C.T. P. Grossa) (Ed. nº 144 de 02 a 07 de fevereiro de 1979).

Myriam, um abraço antes do nosso assunto, e votos de contínuo progresso; estou adorando a coluna, não só pelas receitas culinárias que não me amarro muito, mas pelos artigos e, as 'dicas'; olhe estas são as que mais 'curto'; por isso estou lhe enviando umas sugestões. Louise – Curitiba (Ed. nº 124 de 15 a 21 de setembro de 1978).

Estou recebendo do Acre, mais propriamente de Cruzeiro do Sul, cartinha de uma leitora da Gazeta de Palmeira; ela nos cumprimenta especialmente ao 'Assunto é Mulher' e nos manda as suas lembranças do centro da selva amazônica.

Nos fala acerca da região, dos seus rios, das suas crenças, da selva que inicia próxima à cidade, conservando-se ainda primitiva, hostil e misteriosa com suas enormes árvores trançadas de cipós onde só se penetra com o auxílio do Terçado.

Estamos muito satisfeitos em saber que o nosso jornal leva até vocês as nossas notícias e o nosso assunto feminino.

Esperamos que o Natal traga vocês Alexandre e Iracema de volta ao convívio de todos nós.

Nossos agradecimentos pelas palavras de carinho e a atenção dispensada ao nosso jornal. (Ed. nº 135 de 01 a 07 de dezembro de 1978)

Outra informação refere-se ao público. Conforme indicado anteriormente o público a quem se destinava a coluna eram mulheres da classe média e alta, e as cartas recebidas corroboram para esta informação:

D. Myriam, estou indecisa quanto a escolha de uma joia que irei ganhar e será um anel; acha que deverei escolher um brilhante, uma água-marinha ou um topázio?

Felicidades, Iracema (Ed. nº 146 de 16 a 22 de fevereiro de 1979).

A resposta, na mesma edição, também mantém a visão de classe ao indicar que a leitora deveria escolher um brilhante sem dúvida. No decorrer da resposta a

autora expõe as características destas joias tão singulares e finaliza dizendo que “escolha aquele que você goste e que possa comprar; o diamante minha amiga é ainda o melhor e o mais distinto”.

As relações de gênero também são alvo de observação. Na edição nº 153 de 1979 a autora comenta sobre as reformas na casa de uma das leitoras, a qual ela teve a oportunidade de visitar. Ao fazer a descrição da reforma, é citada a decoração do cantinho chamado de “SOSSEGO DA MAMÃE”. De forma breve são apresentados os detalhes que dão um tom aconchegante ao local. Ao finalizar sua observação a autora escreve, “é todo um sossego para a mamãe, como todo o ‘tranquilo’ money¹⁸ do papai...”. Apesar de indicar em outras edições que possuiu leitoras que trabalham, referenciado na edição nº 127 de 1978, na carta da leitora que está enviando receitas rápidas para quem trabalha fora; e na edição nº 176 1979, ao indicar que sua leitora era Relações Públicas da Petrobrás; nesta edição em referência, ainda faz alusão as mulheres que ficam em casa, cuidando das crianças, e que vivem do salário de seus maridos que trabalham fora.

Na edição nº 243 de 1981, novamente há um chamado para as leitoras na participar da formação de uma rede de trocas de informações referentes principalmente à artesanato.

Aqui iniciamos hoje com uma NOVIDADE.

As leitoras que desejam trocar riscos, moldes, receitas de trabalhos manuais, ou ainda executam qualquer tipo de artesanato, escrevam para **O Assunto é Mulher**. Assim trocam ideias com outras leitoras, formando um núcleo onde “abelhinhas” prestimosas mostrarão todas as suas habilidades.

Toda a semana sairá publicado uma sugestão seu pedido ou sua resposta.

Enviar nome e endereço, indicar um pseudônimo caso não queira usar o seu próprio nome.

Vamos então dar início. Vocês enviam suas sugestões e pedem aquela que você há muito deseja ter. Não sei porque as pessoas ficam receosas e até tímidas para manterem um bate-papo numa coluna feminina; é tão saudável se trocar ideias a respeito de um trabalho feito com carinho e que você foi tão bem-sucedida!

Eu já tentei uma vez, estou tentando a segunda, formar intercâmbio.

Várias leitoras já nos dão o prazer semanalmente de suas cartinhas e agora a coluna é de vocês com o patrocínio da **Boutique Ana Claudia** que veste a mulher elegante de Palmeira.

Como veem a Gazeta está de roupa nova, os elogios foram vários e estamos orgulhosos com o jornal de sua cidade e com suas amigas, prestigie o que você e os outros fazem e quem sabe futuramente teremos reuniões agradáveis estabelecendo contatos com pessoas gentis e tão habilidosas.

¹⁸ Dinheiro

Esta solicitação de nova participação da rede de leitoras e a análise das cartas publicadas nos traz uma indagação: será que realmente a coluna tinha o alcance que dizia ter? Será que havia um aumento no número de leitoras? Observou-se que normalmente eram as mesmas leitoras que estavam sempre participando, havendo pouca participação de novos nomes.

Com estas análises foi possível perceber muitas características sobre o que se esperava de uma parcela da população feminina da cidade de Palmeira. Na coluna eram publicados semanalmente informações pertinentes a uma mulher que fosse “Bela, Prendada e principalmente Do lar”. A maioria dos artigos catalogados representavam as mulheres como as protagonistas do mundo privado, estando sempre belas para seus maridos, sabendo realizar e organizar festas para receber amigas e amigos, além de propiciar momentos de lazer à suas filhas e filhos, e se manterem passivas e organizados dentro do contexto privado, suas casas.

Assim como cita Buitoni (2009, p. 24/25) a imprensa feminina, ao explorar características que colocam a mulher em um mundo à parte, enfatizando as características que se espera dela, beleza, recato, maternidade, entre outras, transforma estas mulheres em mito, um reflexo social, uma expectativa, separada da realidade da sociedade. A autora ainda continua afirmando que este mito feminino “apesar de formado pela cultura, apresenta-se como se fosse um fato da natureza.”

É através destas análises, que esta pesquisa tem o intuito de levar as discussões apresentadas para o contexto escolar. Demonstrar às alunas e alunos como, no decorrer do tempo, a imprensa colaborou para a formação e transmissão dos valores que representam a mulher até os dias atuais. Para que isto seja possível, foi desenvolvido um material paradidático, como uma forma de aproximar este trabalho do cotidiano escolar. Na sequência este produto será apresentado.

CAPÍTULO 3
MATERIAL DIDÁTICO

BELAS, PRENDADAS E DO LAR?

APRESENTAÇÃO

Após todos os estudos realizados, e com o intuito de levar as discussões deste trabalho ao maior número de pessoas, optou-se por produzir um material paradigmático, que reúne as reflexões apresentadas na pesquisa ao contexto escolar.

Ninguém nasce preconceituoso, meninas e meninos adquirem sentimentos de preconceito e falta de respeito após o convívio com uma sociedade excludente, que os separa e rotula.

Foi pensando nisso que este material foi idealizado, para ampliar as discussões com as e os adolescentes, que tanto meninas quanto meninos são iguais e merecem ser tratados desta forma, sem diferenciação, e que as separações, os preconceitos e as discriminações que ocorrem em nossa sociedade são fruto de uma cultura dominante, masculina e heterossexual, que por toda a história tratou as mulheres como inferiores.

A partir da prática diária em sala de aula, com alunas e alunos dos anos Finais do Ensino Fundamental e Médio, foi possível identificar diversas dúvidas no que se refere ao assunto gênero. Estas dúvidas nasceram, principalmente, do acesso que estas e estes adolescentes têm aos meios de comunicação que abordam, muitas vezes, de forma incorreta a temática gênero, associando-a a chamada ideologia de gênero.

Este material tem o intuito de trazer para as alunas e alunos os conhecimentos necessários para que elas e eles possam observar que esta nomenclatura pejorativa não passa de uma falácia utilizada por grupos mal-intencionados, que buscam barrar as lutas por igualdade e equidade dos gêneros.

Através da personagem “Gazetinha”, será apresentada a história das representações que são veiculadas sobre as mulheres na sociedade através dos jornais, que é um dos importantes veículos destas representações, ditando padrões de conduta para cada grupo social.

Vamos lá?

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	95
VAMOS COMEÇAR?	97
3.1 RELAÇÕES DE GÊNERO	98
3.2 A IMPRENSA – OS JORNAIS	101
3.3 GÊNERO E IMPRENSA – O JORNAL GAZETA DE PALMEIRA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS	103
3.4 AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA O ASSUNTO É MULHER	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS	133
Atividades	134
Sugestões de leitura	141
Sugestão de filmes	143
REFERÊNCIAS	145

VAMOS COMEÇAR?

Olá, sou a Gazetinha e estou aqui para levar vocês, minhas amigas e amigos a uma incrível aventura... A aventura de desbravar as páginas de um jornal, para identificar como as mulheres eram representadas e quais eram os papéis sociais destinados a elas.

Para isto, vou apresentar a vocês um pouco sobre o jornal Gazeta de Palmeira, da cidade de Palmeira no Paraná, e sobre como as mulheres eram apresentadas no jornal. Esse é o tema principal, as representações femininas veiculadas neste veículo de informação, no período entre 1976 e 1982.

A ideia é levar a vocês, meninas e meninos, um pouco sobre as representações de gênero, em especial, as representações na coluna “O Assunto é Mulher” do jornal Gazeta de Palmeira. Espero que após nossa aventura, vocês possam perceber como a interpretação de fontes históricas, no caso o jornal, pode ajudar a explicar alguns comportamentos sociais, e que vocês possam identificar os meios utilizados pela sociedade para disseminar e manter padrões de comportamento esperados por todas e todos os integrantes de uma comunidade.

Infelizmente ainda hoje é possível perceber que existem padrões de comportamento que são esperados tanto para as meninas quanto para os meninos. Frases como “menino não chora” ou “isso não é coisa de menina” ainda são a realidade de grande parte das famílias; concordam? Já ouviram algo parecido? Como é o tratamento entre vocês, existe diferença no tratamento dado, em suas famílias, às meninas e aos meninos?

Mas, qual a origem destes padrões de comportamento? Por que até hoje são tão cobrados dentro da sociedade?

Foi pensando nestas discriminações e no cotidiano escolar, que ainda reforça as desigualdades de gênero, que este material foi elaborado. Porém, para iniciarmos nossa aventura devemos voltar um pouco no tempo para verificarmos como os jornais passaram a ser utilizados como fontes para estudar a história do cotidiano da sociedade, a história de mulheres, homens, meninas e meninos como vocês. Para entendermos como estes jornais estão ligados à temática gênero e representação feminina e qual o papel de meus colegas na disseminação e manutenção dos padrões sociais esperados de uma determinada sociedade.

Para iniciarmos nossa aventura que tal começarmos falando sobre as relações de gênero? Mas afinal o que é isso? Por que há tantas polêmicas a respeito deste assunto?

3.1 RELAÇÕES DE GÊNERO

Apesar de estarmos vivendo em um mundo de diversidades, o preconceito e o medo do desconhecido ainda fazem parte da vida de grande parte da sociedade. Neste sentido, as pessoas acabam por buscar explicações simplistas para o que não conhecem e assim espalham informações incorretas e maldosas.



E agora, vamos praticar?

Você já ouviu falar em “fake News”? Pesquise e discuta com seus colegas qual o significado desta expressão e, também, procure algumas “fake News” relacionadas a temática gênero.

Quando se trata do debate de gênero e relações de gênero hoje, as redes sociais e conversas estão cheias de preconceito. Polêmicas aparecem, discussões calorosas, preconceitos enraizados se tornam visíveis e todas e todos, mesmo aquelas e aqueles que nunca se posicionam, querem dar sua opinião a respeito.

Quando a informação parte do senso comum, a temática desperta polêmicas e poucos fazem um aprofundamento teórico para entendimento, usam o termo gênero de forma negativa, diferente do seu significado nas pesquisas acadêmicas, que abordam a temática como uma categoria de análise, uma forma de estudar as diferenças sexuais, na tentativa de questionar os papéis sociais destinados às mulheres e também, aos homens (COLLING; TEDESCHI, 2015).

Nossa Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu Artigo 3º, Inciso IV afirma que devemos “*promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer formas de discriminação*” e em seu Artigo 5º informa que “*todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]*”. Mas será que todas as pessoas são realmente tratadas da mesma forma? Será que não existe preconceito em nossa sociedade? Você já passou por alguma situação

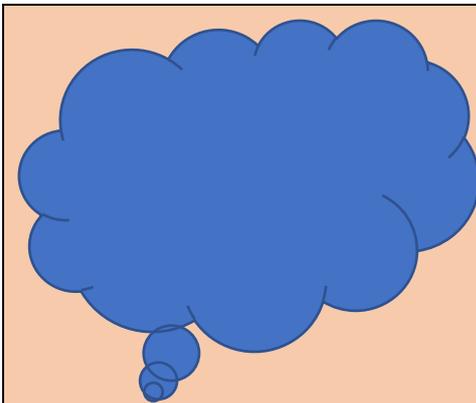
preconceituosa ou conhece alguém que tenha vivenciado o preconceito? Discuta com suas e seus colegas estes questionamentos e identifique se os princípios da Constituição estão sendo realmente praticados.

Infelizmente, a ideia genérica e baseada no senso comum, sobre gênero, faz com que os conceitos da ciência sejam deixados de lado, muitas vezes mal interpretados ou até mesmo desconsiderados e desacreditados.

A historiadora Joan Scott (1995) explica que gênero “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (1995, p. 86), ou seja, trata-se de pensar sobre os papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres e como esses papéis se definiram ao longo do tempo nas relações entre os indivíduos. É um debate sobre as relações entre homens e mulheres. Para esta autora o termo gênero foi utilizado primeiramente pelas feministas americanas, em uma tentativa de demonstrar a questão social no que diz respeito as distinções baseadas no sexo. Não se pode estudar homem ou mulher sem relacionar ambos, não há compreensão de um sem o outro.

Joan Scott (1995), ainda ressalta que além de gênero ser o elemento que constitui as diferenças sexuais, é uma forma primária das relações de poder entre os indivíduos, pois impõe as hierarquias entre os sexos.

Baseado nestas concepções, toda a sociedade passa a reproduzir os padrões esperados para os gêneros, vendendo ideias nos mais diversos meios, desde brinquedos para crianças, como roupas, acessórios e informações através da mídia. Estes padrões vão se modificando ao passar do tempo, vão sendo construídos socialmente de acordo com as exigências das classes dominantes de cada período da história.



Você sabia...

Já que estamos falando sobre construções sociais, vamos resolver uma curiosidade?

Você gosta de azul ou rosa? Menino pode usar rosa? Menina pode usar azul? De onde vem a afirmação que diz que menino deve usar azul e menina deve usar rosa?

Então, essa história das cores, principalmente para roupas de bebês, são construções que contribuíram para o marketing de várias empresas.

Até a década de 1920 as roupas, devido ao preço, eram normalmente brancas. Foi a partir deste período que os tons rosa e azul passaram a ser utilizados, porém em um primeiro momento a cor rosa era a roupa dos meninos e o azul era das meninas. A partir da década de 1940, em uma tentativa de aumentar as vendas essa concepção mudou e o rosa virou roupa feminina e o azul masculina.¹⁹



E agora, vamos praticar?

Que tal, agora que aprenderam sobre as transformações dos papéis sociais através dos tempos, vocês pesquisarem sobre mudanças na sociedade no que se refere ao esperado às mulheres e aos homens? Após discutam com sua professora ou professor os dados encontrados.

Além dos padrões de comportamento que foram sofrendo alterações durante o decorrer da história, o autor Thomas Laquier (2001), discute sobre a evolução das visões médicas que se tinham do corpo humano, ou seja, a evolução do olhar da medicina. Será que sempre, os médicos e médicas, identificavam os sexos feminino e masculino? Será que a medicina sempre pode ser exercida por mulheres? O que vocês acham?

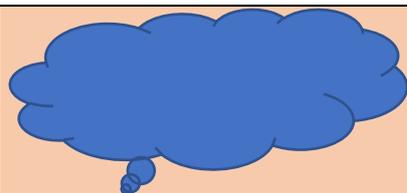
A medicina, por muitos anos via os órgãos genitais femininos como inversos aos do homem, ou seja, eles acreditavam que na mulher os órgãos genitais eram dentro do corpo havia apenas um sexo. Porém no homem, evoluído, o órgão genital se desenvolveu fora do corpo e nas mulheres, seres considerados pela medicina medieval como inferiores, este processo não ocorreu, ficando os órgãos, iguais ao do homem, dentro do corpo. Na passagem para a modernidade, novos estudos foram feitos e contestaram esta afirmação indicando que cada sexo é diferente do outro.

¹⁹ HANCOCK, Jaime Rubio. Por que rosa é de menina e azul é de menino? **El País**. 2014. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/18/ciencia/1416328918_518343.html>, acesso em 24 jul. 2018.

FERRAZA, Ana. Por que rosa é cor “de menina” e azul, “de menino”? **Super Interessante – Mundo Estranho**. 2018. Disponível em < <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-rosa-e-cor-de-menina-e-azul-de-menino/>>, acesso em 24 jul. 2018.

Este é só mais um exemplo de como o conhecimento vai se modificando com o passar do tempo. Estudos são realizados, dinâmicas sociais são alteradas, demonstrando que estes papéis, ditos femininos e masculinos, não são imutáveis e sim estão em constante transformação.

Hoje a maior parte das sociedades são consideradas patriarcais (o homem, pai, é considerado o provedor, chefe). Porém, isto não é regra você sabia? Será que existem sociedades nas quais as mulheres são as provedoras? Ou então, que todas as atividades são divididas de forma igual para todos os integrantes? Como é em sua casa? Debata com suas e seus colegas e verifique a diversidade de situações que demonstram os vários papéis hoje desempenhados por homens e mulheres na sociedade.



Você sabia...

As sociedades Mosuo na divisa com o Tibet na Ásia; os Khasi na Índia e os Minangkabau, na Indonésia, são povos **Matrilineares**. Ou seja, são povos nos quais a linhagem é materna, as mulheres são as chefes da família, sendo a propriedade passada sempre de mãe para filha.²⁰

Caras amigas e amigos, gênero está relacionado as relações entre as mulheres e homens, então são estas relações que vamos estudar no decorrer deste livro. Porém, antes disso vamos falar um pouco sobre o outro objeto importante para nosso estudo; os jornais.

3.2 A IMPRENSA – OS JORNAIS

O que vocês entendem como imprensa? Quais hoje são os meios mais utilizados de imprensa? Vamos pensar um pouco a respeito deste tema?

A imprensa e o jornal impresso, nem sempre foram utilizados pelas historiadoras e historiadores como fonte histórica. Os estudiosos do século XIX acreditavam que a história era a disciplina que apresentaria as verdades históricas,

²⁰ FERREIRA, Júlia Rosa. **Mulheres no Pedestal**: o caso do povo Mosuo, Khasi e Minangkabau. Disponível em: <https://www.academia.edu/13636345/Mulheres_no_pedestal_o_caso_do_povo_Mosuo_Khasi_e_Minangkabau>

assim para ser usado como fonte o documento deveria ser oficial, ou seja, documentos de cartórios, leis e ofícios. Como os jornais são documentos produzidos por pessoas que representam os interesses dos grupos a que pertencem, eles estariam excluídos da lista de documentos oficiais.

Já no século XX, a necessidade de se entender o cotidiano das pessoas no passado, fez com que as historiadoras e os historiadores passassem a buscar novas abordagens, identificassem novos problemas, e assim, novas fontes para responder a estes novos questionamentos. O jornal passou a ser uma opção de fonte, principalmente a partir da década de 1970, pois fornecia informações do cotidiano de toda uma sociedade em determinadas épocas.

A historiadora Maria Helena Capelato (1988, p. 21) diz que no jornal “encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas”, demonstrando a importância que esta fonte tem na construção do conhecimento histórico.

Quando se trata da história do Brasil, o jornal sempre esteve presente, sendo muitas vezes decisivo em processos de nossa história, já que a imprensa se desenvolveu junto com o processo de formação do país como uma nação independente.



E agora, vamos praticar?

Pesquise quando os primeiros jornais passaram a ser publicados diretamente no Brasil e qual o contexto histórico da instalação das primeiras formas de Imprensa no país. A partir de sua pesquisa responda: Por que podemos afirmar que a nação brasileira nasceu e se desenvolveu com a imprensa?

Para desbravar as páginas dos jornais, é necessário, antes do começo dos trabalhos, contextualizar o jornal analisado. Isto é, deve-se levar em conta: “quem produziu o jornal”, “para que”, “quais seus objetivos”, “como e quando foi produzido”, “qual seu público alvo”, entre outras questões, a fim de entender o posicionamento da fonte de estudo.

Estas informações são pertinentes, especialmente para conhecer o público ao qual o periódico está destinado, e assim entender quais as intenções e informações eram pertinentes para este público.

Segundo a Teoria da Agenda, desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw, os meios de comunicação têm o poder de influenciar a opinião pública, no que diz respeito aos temas considerados relevantes. Assim, caberia ao jornal, muitas vezes, entreter o público com algo banal e tirar o foco de outros temas que causariam euforia na sociedade.

Já no que se refere a imprensa e mulheres podemos perceber no decorrer da história uma divisão dentro desta temática, pois vão existir veículos de imprensa destinados ao público feminino, que tratam dos padrões de comportamento que se esperavam delas em determinada época (BUITONI, 2009) e também uma imprensa alternativa feita para divulgar e chamar as mulheres para as lutas femininas/feministas.

A história da imprensa feminina aponta que a primeira publicação voltada ao público feminino foi em finais do século XVII na Grã-Bretanha. No Brasil publicações para o público feminino só tiveram início no século XIX e desde então foi alcançando um número cada vez maior de leitoras.

Agora que já conhecemos um pouco sobre o debate de gênero e sobre os jornais como fontes históricas, inclusive aqueles voltados ao público feminino, podemos continuar nossa aventura sobre as representações femininas no jornal Gazeta de Palmeira. Estão preparadas e preparados?

Então... vamos nessa!

3.3 GÊNERO E IMPRENSA – O JORNAL GAZETA DE PALMEIRA E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

Vamos continuar nossa aventura olhando com mais atenção ao jornal Gazeta de Palmeira. Mas, por que em específico este jornal?

A pesquisadora que desenvolveu este material reside na cidade de Palmeira, e tinha grande curiosidade em entender por que até os dias atuais, nesta sociedade, existe uma forte presença patriarcal (do homem como provedor) na configuração das relações de gênero, pois a autora, em seu cotidiano, ainda presencia diversas

situações que colocam as mulheres em condições de inferioridade em relação aos homens.

Baseada nestas inquietações a autora buscou informações sobre o histórico da cidade e assim teve conhecimento que o jornal Gazeta de Palmeira, o mais antigo periódico escrito da cidade que continua sendo publicado, estava comemorando 40 anos de circulação em 2016. Logo a ideia surgiu, investigar nas páginas destas primeiras edições do jornal o que estava destinado ao público feminino, como uma forma de verificar se os papéis que ainda hoje são, mesmo que veladamente, destinados a mulher nesta sociedade (mãe, responsável pelos afazeres do lar e com um padrão de conduta recatado) eram retratados e disseminados por este meio de comunicação.

Então, agora vou mostrar para vocês um pouco dessa história. Vamos dar uma olhada na capa da primeira edição do jornal? (imagem a seguir).

Figura 11 - Capa Ed. nº 01 de 02 a 08 de maio de 1976

GAZETA DE PALMEIRA

Ano 1. nº 1. semana 2 a 8 de maio de 1976. 675 cruzeiros

Prefeito parabeniza "Gazeta de Palmeira"

Palmeira: 157 anos com festa

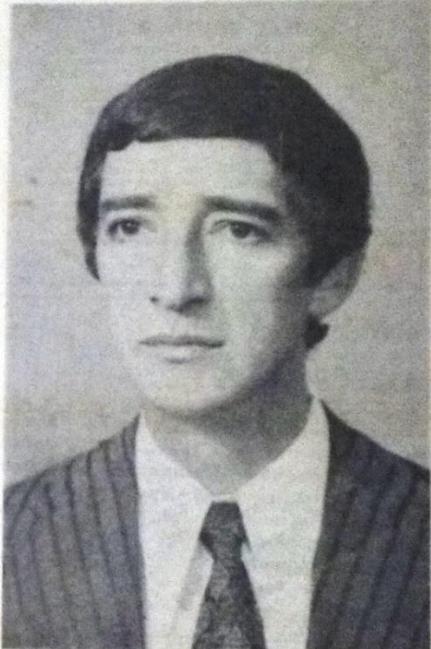
7 de abril de 1976, foi marcado pelos diversos acontecimentos festivos em Palmeira. Seus 157 anos foram comemorados com desfiles colegial e militar, corrida rústica (1.ª Prova Baronesa), ainda sessões cinematográficas, e futebol.



Grande desfile escolar comemora aniversário dos 157 anos de Palmeira.

O prefeito municipal de Palmeira parabenizou os fundadores, bem como o povo palmeirense pela criação da "Gazeta de Palmeira", órgão indispensável ao desenvolvimento econômico e cultural da municipalidade, que aliado ao empenho de seus planejadores. Faz do tempo por merecer a criação de um jornal. Desse modo, além de ser uma empreitada, já nos coloca que o mesmo será digno e terá de atingir metas reais, com o objetivo de ser um instrumento de bem informar e educar, que é ao mesmo tempo a única forma de afirmação da comunidade que representa o trabalho árduo e o amor de seus fundadores.

Palmeira, 25/4/1976.
Dr. Ayrton José Saldanha
JUIZ DE DIREITO



O prefeito Diogo Antônio M. Caprazo assina a importância do jornal, para o desenvolvimento econômico e cultural do nosso povo.

Palmeira recebe o Exército Brasileiro

Por determinação do Excm. Sr. Presidente da República foi transferida de Curitiba e instalada em nossa cidade a 5.ª Cia. DAM. Suas novas e modernas instalações foram construídas na área da antiga Fazenda Baronesa. Para o povo de Palmeira, esse fato representa um destaque especial, pois todos sabem que a implantação de uma Unidade do Exército em uma cidade, se constitui num acontecimento marcante de progresso e também cultural. Desde bem-vindos ao nosso convívio e à nossa cidade todos os militares e suas famílias, particularmente aqueles que já tiveram residência aqui em Palmeira, cidade hospitaleira, muito orgulhosamente, distende a chegada do Exército Brasileiro e deseja com muito entusiasmo e satisfação, ser merecedores dos benefícios que esta importante Unidade da 5.ª Região Militar/Divisão do Exército, que é a 5.ª Cia. DAM, proporcionará, sem dúvida à nossa comunidade.

A REDAÇÃO

Incentivos

A propósito da recente notícia do lançamento do semanário "GAZETA DE PALMEIRA" é oportuno destacar que a iniciativa é digna dos maiores elogios, pois vem de suprir lacuna existente em nosso meio sócio-cultural.

Como dado indicador da cultura de um povo, o jornalismo latente — agora uma realidade em nosso meio — deve ser recebido em nossa comunidade como um instrumento de nosso desenvolvimento, merecendo por isso todo o nosso apoio e aplauso.

Palmeira, 25/4/1976
Dr. Lineu Ordine Righi
Promotor de Justiça
29-04-76



A 5.ª CIADAM em comemoração ao aniversário da cidade.

Com base em nossa conversa inicial, sobre o tratamento que devemos ter com as fontes históricas, em específico o jornal, quais informações podemos retirar desta fonte? Entre as informações podemos destacar algumas: Qual sua data de lançamento? Quais as notícias de destaque? Qual período era vivenciado pela sociedade brasileira neste período e como podemos perceber a influência deste período através da capa deste jornal?



E agora, vamos praticar?

São inúmeras as informações que podemos retirar apenas da página inicial do periódico. Aproveite e antes de continuar nossa aventura, faça uma pesquisa sobre o período em que o jornal foi lançado e sobre os movimentos feministas da década de 1970 e 1980 no Brasil. Esta pesquisa permitirá que você perceba e analise com mais clareza as informações que vamos trabalhar com vocês. Vamos juntos verificar o que as mulheres desta época estavam reivindicando e comparar com o que estava sendo apresentado neste jornal.

O jornal Gazeta de Palmeira foi lançado em 01 de maio de 1976, como uma edição comemorativa do aniversário de 157 anos da cidade de Palmeira no Paraná. Neste período a cidade, localizada na região dos Campos Gerais no Paraná, entre as cidades de Curitiba, Ponta Grossa e Irati, contava com uma população de cerca de 24.506 pessoas²¹. A cidade estava passando por um processo de mudança, com a instalação da 2ª Companhia de Suprimentos do 5º Batalhão de Suprimentos do Exército, postos de gasolina, o Banco do Brasil entre outras instituições. No setor cultural surgiu o jornal impresso Gazeta de Palmeira e o Museu Histórico.

O periódico semanal foi criado e dirigido inicialmente por Marilena Dutra e seu esposo, o Capitão do Exército José Evane Dutra, juntamente com a jornalista Ieda Matias Ferreira. Podemos observar, que mesmo com um caráter conservador foram duas mulheres que encabeçaram os primeiros anos do jornal, demonstrando que a mulher, mesmo que em um pequeno número, já estava inserida no mercado de trabalho.

²¹ A população de Palmeira era de 29.046 em 1990, 30.847 em 2000, 32.123 pessoas em 2010. E a estimativa do IBGE para 2017 era de 34.023 pessoas.

O jornal tinha o objetivo de levar mais informações do município e da região às cidadãs e aos cidadãos palmeirenses, que na época contavam apenas com uma Rádio AM local, fundada em 1948²². Mesmo com muitas dificuldades, o jornal se mantém até hoje, sendo um dos principais veículos de informação da cidade.

Durante o ano de 1980 chegaram a pensar sobre seu fechamento, passou por mudanças de estrutura e direção, e após 15 dias sem circulação, voltou a ser publicado. No início da década de 1990 também passou por mudanças, foi transferido para Ponta Grossa, a fim de cobrir uma maior área, e passou a ser chamado de Gazeta Jornal Regional, até o ano 2000, quando, com nova direção voltou para Palmeira, assumindo novamente seu antigo nome.

Para aumentar seu número de leitoras e leitores o jornal apresentava matérias ligadas ao desenvolvimento da cidade, além de um acompanhamento de questões políticas federais, estaduais e municipais. Tinha, também, algumas colunas fixas, publicadas todas as semanas:

- “O Ponto Alto da Sociedade” –a coluna social trazia informações diversas sobre os acontecimentos da alta sociedade palmeirense;
- “O esporte é notícia” - a coluna de esportes com informações de campeonatos estaduais e municipais;
- "Estante artística e literária do Tom" - trazia semanalmente trechos de poemas e canções;
- “Cristo é de todos” - uma coluna voltada à meditação religiosa, com espaço para informações e reflexões religiosas, normalmente católica, mas em algumas edições da doutrina espírita;
- “Agricultura & Pecuária” - assuntos pertinentes ao público rural;
- “O Assunto é Mulher” - uma coluna voltada para o público feminino.

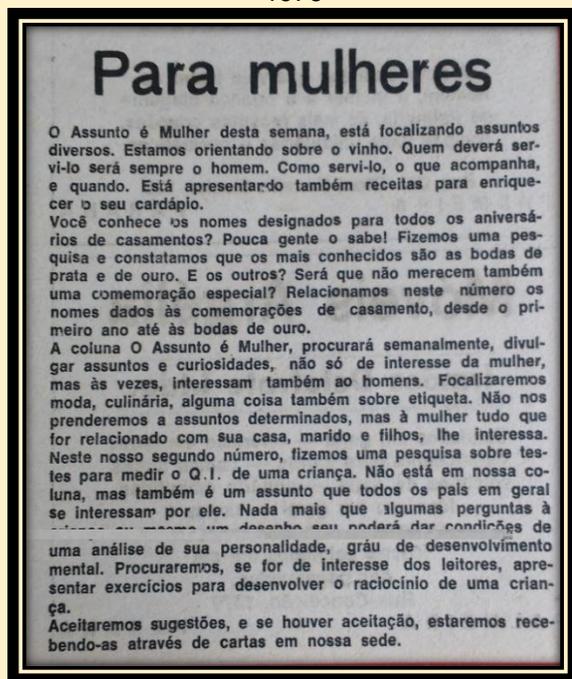
A coluna “O Assunto é Mulher” foi publicada no período entre 1976 (2ª edição) e 1982 (305ª edição). Durante seu período de publicação a coluna teve dois momentos:

1. O primeiro, da edição nº 02 até a edição nº 84 os textos da coluna não tinham assinatura de autoria, então não se sabe ao certo quem organizava seus conteúdos;

²² Informações do site do jornal Gazeta de Palmeira, <www.gazetadepalmeira.com.br/quem-somos/>, acesso em 27/10/2017.

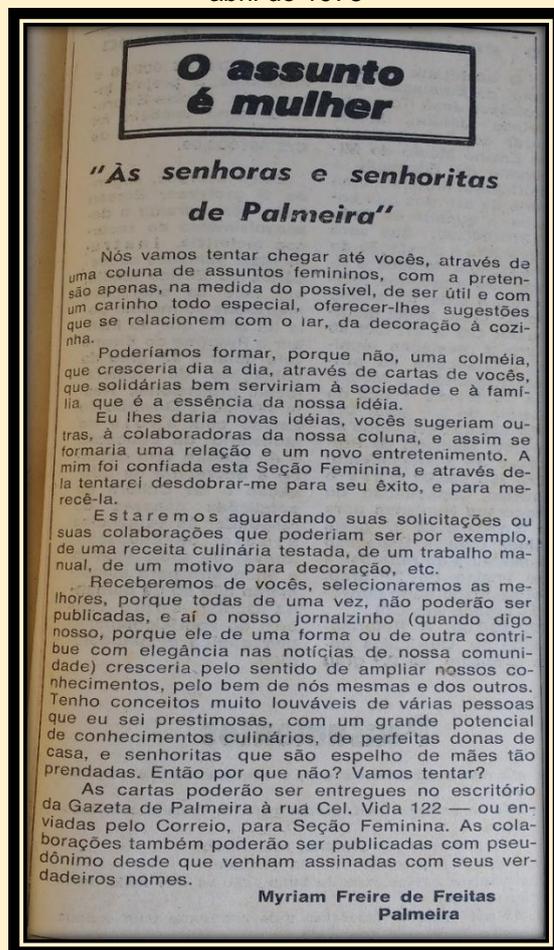
2. O segundo, da edição nº 100 até a edição nº 305 a coluna passou a ter a autoria de Myriam Freire de Freitas.

Figura 12 – Ed. nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976



Fonte: arquivo da autora

Figura 13 – Ed. nº 100 de 31 de março a 06 de abril de 1978



Fonte: arquivo da autora

Agora antes de continuarmos nossa aventura vamos dar uma olhada com mais atenção nas chamadas de abertura da coluna durante os seus dois momentos.

Ao ler essas apresentações, quais informações podemos retirar? Qual era o público da coluna "O Assunto é Mulher"? Quais assuntos foram tratados? Os dois textos apresentam a mesma abordagem no que se refere aos conteúdos destinados ao público feminino?

Converse com sua professora ou professor, assim como com suas ou seus colegas para trocar informações e reflita sobre quais são os assuntos retratados em canais ou revistas voltadas ao público feminino nos dias de hoje, a fim de verificar se houve mudanças ou se ainda são os mesmos assuntos veiculados na coluna "O Assunto é Mulher".

Quais são os veículos de informação utilizados atualmente pelas jovens para entretenimento? Será que ainda existe canais voltados para o público feminino?

3.4 AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA O ASSUNTO É MULHER

Vamos agora analisar como as mulheres foram representadas na coluna “O Assunto é Mulher”.

Antes de entrarmos nos temas que eram abordados na coluna, que tal entendermos primeiro o que é Representação Social? As representações sociais são todos os elementos que dão significado a um objeto ou ideia, deixando este como natural ao nosso ver. Então, nossas opiniões, aquilo que aprendemos com nossos familiares, na igreja, na convivência com a escola, o que vemos na TV, nas revistas, na Internet e que dão significado (representam) às questões do nosso dia a dia; são as representações sociais, pois estão atribuindo valor a algo.

Todos os conceitos que temos de determinado assunto, sejam conceitos positivos ou negativos, são exemplos destas Representações Sociais. Vocês poderiam citar exemplos de representações presentes no cotidiano atual? Já pararam para pensar de onde vem os estereótipos reproduzidos em nossa sociedade, como “*homem não chora*”, ou então “*mulher é chorona*”, “*sogra não é parente é castigo*”, entre tantos outros?



Você sabia...

No trabalho da historiadora Joana Maria Pedro (2017), intitulado “Mulheres do Sul”, a autora faz uma análise dos jornais das três capitais do Sul do Brasil no período que corresponde ao fim do século XIX e início do XX. Na década de 1880, a autora cita que, principalmente em Santa Catarina, o modelo de família moderna que se esperava era o de pai, mãe e filhos (família nuclear), porém era comum as mulheres continuarem na casa de suas famílias. Então, para conseguir alcançar o objetivo de formar uma família nuclear, os jornais na época passaram e criar estereótipos pejorativos para as sogras, principalmente a do marido. Então quando vocês ouvirem expressões associando sogras e cobras, lembrem, foram os jornais os responsáveis por compartilhar estas representações.²³

²³PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

Nas páginas do jornal Gazeta de Palmeira e na coluna “O Assunto é Mulher”, ao trazer elementos que dão significado ao que era ser mulher, estavam apresentando as representações sociais, que direta ou indiretamente, suas leitoras e leitores, tinham a respeito do que era ser mulher.

Com base nessas informações, foi possível identificar os seguintes temas:

- Cartas das Leitoras: a partir da edição nº 100 de 1978, a autora Myriam procurou formar uma rede com suas leitoras através do envio de cartas que eram publicadas na coluna;
- Casa: artigos com dicas de limpeza e organização das tarefas de donas de casa, informações sobre economia doméstica e conselhos sobre como organizar o tempo;
- Artesanato: dicas para confecção de ornamentações para casa, para festas de aniversários dos filhos e recepção de amigos;
- Beleza: informações a respeito dos cuidados com a pele, cabelos e corpo, a melhor forma de fazer manicure e pedicure, dicas de perfumes entre outros cuidados com a beleza feminina;
- Moda: informações sobre os nomes da alta costura internacional, dicas sobre como conhecer tecidos e tendências da moda;
- Cultura: espaço destinado para o envio de poesias, trechos de livros, dicas de músicas e programas de TV;
- Culinária: informações sobre tempo de cozimento de alimentos, acompanhamento de bebidas e presentes culinários;
- Etiqueta: dicas de comportamento, como se portar em eventos e como se vestir em diversas ocasiões;
- Espiritualidade: recortes de trechos sobre reflexão e orações;
- Filhos: atividades para realizar com os filhos a fim de estimular a inteligência destes, dicas para festas de aniversário entre outras atividades;
- Lazer: informações e dicas para viagens de férias, dicas para organização de espaço para receber as amigas;
- Saúde: dicas para melhorar o dia a dia de uma dona de casa, além de uma lista de exercícios para relaxamento após um dia cansativo;

- Relações entre mulheres e homens: apresenta tarefas que deveriam ser desempenhadas pelos homens além de dicas para um bom casamento;
- Filantropia: trocas de informação sobre como ajudar instituições;
- Casamento: conselhos de como organizar chás de panela, e ornamentações ideais para este tipo de evento;
- Trabalho: com informações sobre a melhor forma de conciliar a maternidade e trabalho.

Além destas temáticas a coluna ainda trazia dicas diversas ao cotidiano da mulher, casa, filhos e marido e receitas culinárias variadas.

Os temas encontrados em maior número de edições estavam voltados para Casa, Artesanato, Beleza, Moda, Cultura, Culinária, Etiqueta e Espiritualidade; sendo o tema Trabalho (o trabalho assalariado e fora do ambiente familiar), apenas duas publicações, conforme dados abaixo,

Dados gerais temas encontrados

TEMAS GERAIS		
TEMA	EDIÇÕES	ARTIGOS
Casa	76	99
Artesanato	70	97
Beleza	49	56
Moda	41	45
Cultura	37	42
Culinária	32	40
Etiqueta	27	30
Espiritualidade	26	28
Filhos	14	14
Lazer	13	15
Saúde	9	7
Relações Homens/Mulheres	7	7
Filantropia	6	7
Casamento	5	4
Trabalho	2	2
TOTAL	414	492

Fonte: Arquivo da autora

Para auxiliar nossa aventura, vamos agrupar estes temas em categorias, assim os temas Beleza, Moda, Etiqueta e Etiqueta e Saúde, serão agrupados na Categoria Beleza; Casa, Artesanato, Culinária, Filhos, Filantropia e Trabalho, na

Categoria Trabalho; Relações Homens/Mulheres e Casamento, na Categoria Casamento; e por último, nas não menos importante, Cultura, Espiritualidade e Lazer na Categoria Lazer. Este trabalho de agrupar em Categorias, foi um passo da Análise de Conteúdo feito destas colunas, como uma forma de entender quais eram as representações femininas apresentadas.

Então agora, com base nestas informações vamos juntos fazer algumas considerações. Leiam os textos:

Figura 14 – Ed. nº 176 de 14 a 20 de setembro de 1979

Muitas pessoas empregam mal, a palavra ELEGÂNCIA. Principalmente quando se trata das mulheres. "Fulana é muito elegante, usa muita roupa cara, está sempre na moda atual".

Você não teria dúvida quanto a esta Elegância?

Para mim, Elegância, é uma palavra muito elástica. Querem ver como MARTA CALDERARO se refere sobre este assunto? Vejam bem:

"O que é a Mulher Elegante?

É aquela que se veste não só de acordo com a moda e com o seu tipo, mas apropriadamente para cada circunstância? Por certo que sim. Mas não apenas isso. A elegância da Mulher, como a do homem tem conotações estreitas com o seu modo de viver. É elegante na decoração da casa, na organização de suas reuniões, na hospitalidade com que recebe os amigos, na discrição com que se refere as amigas, na delicadeza com que presenteia e na simplicidade com que agradece. Aceitas as homenagens não como se lhe fossem devidas, mas por delicadeza com aquele que a homenageia. É elegante na direção do seu carro, na prática dos esportes, e, princi-

Fonte: arquivo da autora

Figura 15 – Ed. nº 176 de 14 a 20 de setembro de 1979

palmente no ANTIEXIBICIONISMO. Mas é muito mais elegante na sua conduta familiar e social. E é ainda elegante no tratamento dispensado aos inferiores e na assistência aos necessitados. Na cordialidade com que trata o balconista, a costureira, a recepcionista e todos que a atendem ou que lhe prestem serviços. Elegante também no TOM de VOZ e nas expressões. NÃO FALA ALTO, NÃO CRITICA, NÃO FOFOCA e NÃO É DESLEAL!"

Fonte: arquivo da autora

Que observações podemos fazer após a leitura desse artigo? Procure identificar a qual público era destinado? Como deveria ser a Mulher Ideal? A Mulher com Etiqueta? Para ajudar nesta reflexão observe e leia os seguintes trechos retirados das colunas das edições 12 de 1976 e 145 de 1979:

PARA SENHORAS

Depois dos 30, o tratamento da pele em época de inverno deve ser mais rigoroso do que o indicado para as jovens. São mais elementos que entram no ritual da boa conservação.

Comece a viver se você já chegou aos quarenta; porque acreditar que é velha só porque tem filhos homens, e sempre é chamada de 'coroa'? Descubra a sua beleza, seu charme vestindo-se bem, tornando-se elegante e garanto que logo você verá que só tem quarenta anos. [...] Depois de tudo isso, você será mais moça e bem mais elegante.

Refleta sobre quais são os elementos do texto que podem contribuir para responder as questões. Leve em consideração que neste período a cidade ainda contava com vários habitantes na Zona Rural da cidade, que não frequentavam o centro urbano diariamente.

Vamos observar também a citação da edição 145 de 1979, “só porque tem filhos homens.” E as mulheres? O que significa dizer que a mulher depois dos quarenta já tem filhos homens? Não teria também filhas mulheres?

A autora Vera Lúcia Pires (1997) nos explica que em nossa sociedade o direito da palavra sempre esteve reservado ao masculino, considerado como o 'sexo forte'. Isto promove um apagamento da mulher no discurso, ficando sempre invisível na linguagem. Esta linguagem engloba no masculino todos os elementos, de forma genérica inclui homens e mulheres em uma mesma categoria. Assim mesmo que a mulher seja maioria em um ambiente, seja família, trabalho, sala de aula; ao existir um homem ou menino o tratamento será feito de forma genérica, utilizando substantivos masculinos, ou seja, linguagem machista.

Neste outro artigo, leia com atenção e respondam: como as mulheres são representadas?

Figura 16 – Ed. nº 125 de 22 a 28 de setembro de 1978

São tantas as mulheres que se destacam com rótulos de inteligentes, atraentes, femininas, elegantes, e por aí vão os adjetivos que as deixaram em evidência; conquistaram seu lugar ao sol, e juntando opiniões de algumas delas das quais me lembro no momento, vocês verão as descobertas que elas fizeram.

Lembram de Laureen Bacall? Ela foi esposa do maravilhoso e extraordinário Humphrey Bogart. Ela nos diz:

— “Uma coisa eu sei; o amor é dar muito, dar mais do que pedir; só que os homens estão mais preocupados em serem machões; hoje eles não entendem nada de amor...”

Hebe Camargo primeira apresentadora de T. V. brasileira tem também seu conceito:

— “Não sei se o trabalho interfere na educação dos filhos; diariamente meu filho me pergunta se eu estarei em casa quando ele chegar da escola; é importante para uma criança contar com uma hora que seja sua; o problema do adulto é que ele não gosta de ouvir...”

A Condessa Luciana Pignatelli linda e maravilhosa reside em Roma, é ela quem nos diz:

— “Sou coordenadora de modas, meu marido é presidente de uma indústria de cosméticos, e isso me obriga a constantes viagens, e eu preciso estar sempre com boa aparência; não é nenhum sacrifício para mim; estou acostumada com a disciplina. Você pode não nascer bonita. Fazer os defeitos parecerem virtudes é uma arte difícil, mais olhe, ser feia, é melhor do que usar uma maquiagem horrorosa”.

Fonte: arquivo da autora

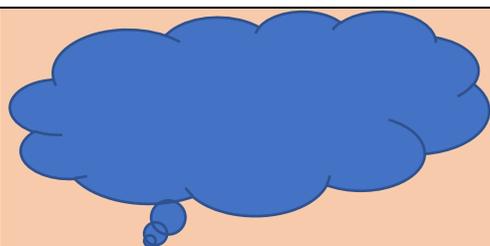
Vamos observar alguns aspectos? Como a primeira mulher citada, Laureen Bacall é apresentada. Quando a autora quer indicar quem é esta mulher, a representação feita é através do marido e não através de um trabalho ou de algo que ela tenha feito. Esta prática pode ser explicada na chamada Teoria do Espelho, no qual as mulheres são vistas sempre em um conjunto, elas são sempre filhas, mães e esposas de alguém.

Neste sentido, toda carreira profissional, ou então todos os feitos sociais da mulher são eliminados e apenas o que é levado em conta são os laços familiares, sempre masculinos, que ela possui. Será que esta prática ainda existe? Quando vamos referenciar alguma mulher lembramos dos seus feitos, ou lembramos quem é o pai, irmão ou marido/companheiro dela?

Continuando com este artigo, na fala de Hebe Camargo, qual outro apontamento podemos fazer? Sobre o que ela está falando? Ainda hoje é comum o sentimento de culpa por parte das mulheres ao deixarem seus lares e filhas e filhos,

para entrarem no mercado de trabalho, a responsabilidade pelas crianças ainda é vista como exclusiva das mães, mesmo com vários estudos que comprovam a importância da figura masculina na criação das filhas e filhos. Em nossa cultura, a mãe é quem sempre recebe a carga maior de responsabilidade, não se nega a presença do pai, mas se cobra e se exige da mãe, então mesmo com o abandono paterno, é a mãe que deve arcar com a responsabilidade da criança.

A terceira mulher citada, Condessa Luciana Pignatelli, apresenta alguns elementos da cultura de um imaginário sobre a mulher perfeita, aquela que está sempre bem arrumada e maquiada. Observem que no final da citação ela ressalta que o pior de ser feia é não saber se maquiar. Mas, todas as mulheres gostam de usar maquiagem? O que pode ser considerado como beleza feminina?



Você sabia...

Como hoje sabemos que uma mulher é bela? Quais são os padrões de beleza de nossa sociedade? Será que sempre foram assim?

Na fase conhecida como Pré-História alguns achados arqueológicos demonstram que o padrão de beleza feminino era de mulheres mais rechonchudas, com medidas volumosas. Durante muito tempo este modelo de feminino era considerável saúde, pois representava que a mulher seria fértil.

Na Antiguidade Clássica existia uma busca pelo equilíbrio, então o que se buscava eram as medidas proporcionais. Na Idade Média, com a ascensão da Igreja Católica o culto ao corpo perde lugar ao culto ao sagrado, período de recato no qual os corpos, principalmente o feminino, são escondidos, pois são considerados pecadores. No renascimento até por volta do século XVIII predomina as mulheres cheinhas, com formas mais roliças e seios maiores. Na década de 1920 padrões disseminados eram de mulheres com um corpo cilíndrico, ou seja, seios, cintura e quadris com medidas parecidas. Entre os anos 1980/1990 o mundo das *Top Models* entra em cena. Mulheres altas, magras e com curvas na medida certa eram as imagens vendidas na época. Hoje, este padrão das supermodelos ultrapassou a visão saudável. Nas passarelas desfilam mulheres magérrimas, vende-se a ideia de corpo perfeito, magro. Surgem as doenças como anorexia e bulimia, tudo em nome no corpo ideal.²⁴

²⁴ Informações extraídas em < <https://novaescola.org.br/conteudo/3414/como-o-conceito-de-beleza-se-transformou-ao-longo-dos-seculos>>, e < <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/entenda-as-mudancas-de-padrao-de-beleza-ao-longo-da-historia/>>, acesso em 05 de agosto de 2018.

Os jornais apresentavam informações sobre os padrões de comportamento que se esperavam das mulheres, ditando normas de comportamento e moda.

A historiadora Léa Resende Archanjo (1997), que estudou o jornal O Estado do Paraná na década de 1950, aponta que eram comuns artigos para o público feminino, que ressaltavam os cuidados que as mulheres deveriam ter com a beleza, o cuidado com a casa, com os filhos e com os maridos. Além disso havia também a preocupação com o comportamento feminino, como a “Verdadeira Mulher” deveria se portar.

Na coluna “O Assunto é Mulher” eram publicadas dicas de moda e de comportamento. A partir da edição nº 172 de 1979, a coluna passou a receber patrocínio de lojas da cidade, principalmente aquelas que comercializam roupas, sendo a principal patrocinadora, a Boutique Ana Cláudia, conforme exemplo da imagem abaixo.

Figura 17 - Ed. nº 275 de 17 a 23 de setembro de 1981

O ASSUNTO É MULHER

Palmeira, semana de 17 a 23/09 de 1981

Myriam Freire de Freitas

Use um pedaço de fio com pelo menos 50 cm de comprimento. Dê um nó um terço acima das pontas. Coloque uma conta na ponta do fio e prendá-lo com um nó. Enfie o resto das contas no fio pelo lado de cima. Agora prepare a cabeça para receber as contas. As tranças devem ser fininhas, com pouco cabelo, e bem firmes. Se o cabelo estiver úmido, fica mais fácil. Você pode fazer tranças na cabeça toda, mas, se os seus cabelos forem lisos e finos, preferir quebrados. Uma maneira é prendê-los num rabo de cavalo e nele fazer as tranças.

Para colocar as contas, passe o fim da trança do lado que suportar as contas, e segure a trança de maneira a formar um "U". Puxe as contas para cima até saírem da trança. Use as pontas do fio para prender as tranças.

As inscrições estão abertas para todas as moças que desejam fazer seu debut, na Boutique Ana Cláudia. Inscrições o Grêmio Magnólia tem: Lucimara Camargo (Palmeira), Yara Malucelli Cherem (Curitiba) e Anilce Mansani de Freitas (Indaial-S).

MODA MULHER

A boutique Ana Cláudia está com a coleção verão prontinha para você, e dominando todo este lançamento, seu carro chefe são os maiôs. Todos lindos coloridos em lycra e suedine que se ajustam no seu corpo como uma luva. Procure conhecer os novos modelos de maiôs em todas as cores que você possa imaginar e esbanje elegância, curtindo piscinas e praias, bem charmosa. Não esqueçam de dar uma olhadinha nos trajes de banho que a Nazareth traz pensando na mulher palmeirense.

FAÇA EM CASA AS TRANÇAS DA MODA

Tranças com contas nas pontas ficam uma graça, mas sai um pouco caro fazê-las no cabelereiro. Com um pouco de tempo, paciência e a ajuda de uma amiga você faz o penteado em casa. Compre contas de buraco grande, para que

Boutique Ana Cláudia

Em sua vitrine, as blusas em lã da Gledsom e as calças em veludo, indispensáveis em seu guarda-roupa. Seja a mulher destaque neste inverno, muito bem acompanhada pelas etiquetas Gledsom e Tilty's, que são exclusivamente da Ana Cláudia.

Rua Conceição, 315 PALMEIRA — PR. Fone: 52-1651

Fonte: arquivo da autora

Além do quadro com a Propaganda da Boutique Ana Cláudia, nesta edição são também descritas as novidades que haviam chegado na loja, trata também sobre o baile de debutantes (evento realizado pelo Grêmio Magnólia todos os anos, bailes de gala, com a presença de atores famosos, para apresentar à sociedade as

debutantes do ano, moças que estavam completando 15 anos), e dicas, de beleza, de como confeccionar em casa as novas tranças que eram moda na época.

A preocupação com a saúde das donas de casa também teve espaço na publicação da coluna.

Figura 18 - Ed. nº 123 de 08 a 14 de setembro de 1978

O assunto é mulher

Myriam Freire de Freitas

Dale Carnegie escreveu um capítulo no seu livro “Como evitar preocupações e começar a viver” dedicado às donas-de-casa; ali ele se preocupa com os problemas diários, e até dá uns exercícios que você pode fazer em casa durante uma semana que por sua vez farão bem ao seu aspecto e o seu bem estar. Ei-los:

a) Estenda-se de comprido no assoalho sempre que você se sentir cansada. Role pelo chão se quiser. Faça isso duas vezes por dia.

b) Feche os olhos. Você poderá dizer como o Prof. Johnson recomenda, mais ou menos isto: “O sol está brilhando lá em cima. O céu é azul e resplandecente. A natureza é calma e controla o mundo

e eu como filha da natureza, estou em harmonia com o Universo”; ou melhor ainda — Reze.

c) Se você não puder deitar no chão, porque o assado está no fogão e você não dispõe de tempo, então poderá conseguir quase o mesmo efeito, sentando-se numa cadeira. Uma cadeira dura, de espaldar alto e reto, é melhor para o repouso. Sente-se erecta na cadeira como uma estátua egípcia, e descansa as mãos com as palmas para baixo, sobre a parte alta das coxas.

d) Depois, lentamente contraia os dedos do pé e, em seguida afrouxe-os. Distenda os músculos das pernas e,

depois faça-os afrouxar. Faça isso, lentamente de baixo para cima, com todos os músculos do corpo, até chegar ao pescoço. Então deixe a cabeça girar pesadamente, como se fosse uma bola de futebol. E continue a dizer aos seus músculos (vamos, vamos...).

e) Acalme os nervos respirando lenta, em ritmo. Respire profundamente. Os yogis da Índia tinham razão: a respiração rítmica é um dos melhores métodos já descobertos para acalmar os nervos.

f) Pense nas rugas e contrações do seu rosto e procure desfazê-las todas. Desfaça os sulcos das preocupações que você sente entre as sobrancelhas e nos cantos da boca.

Fonte: arquivo da autora

Os exercícios deveriam ser realizados duas vezes ao dia, conforme recomendação feita na sequência do texto.

As mulheres, durante os períodos de guerra na primeira metade do século XX, foram para o mercado de trabalho, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos, porém após o término das guerras houve a necessidade de retorno das mulheres ao ambiente privado de seus lares, para que houvesse emprego para os homens que estavam voltando (Archanjo, 1997). Neste sentido, houve um esforço conjunto para transformar a representação feminina, agora como a rainha do lar, e a casa o lugar de plenitude feminina, ao lado do marido e de suas filhas e filhos.

Neste contexto era importante transformar o lar em um lugar maravilhoso e a rotina da mulher dona de casa, cada vez mais prazerosa. Observem que no texto não se cogita o trabalho fora do lar, pois quando o texto lembra a falta de tempo que ela poderia sofrer e que impediria de realizar as atividades, não são por conta de um compromisso fora do lar e sim “porque o assado está no fogão e você não dispõe de

tempo”, reforçando a representação da mulher dentro do espaço privado e responsável pelos afazeres da casa.

Já que entramos no assunto da rotina das mulheres apresentada na coluna “O Assunto é Mulher”, vamos nos aventurar agora na representação do que era visto como trabalho para estas mulheres?

Como já observamos, coube às mulheres o papel de donas de casa. São elas as responsáveis pela educação das filhas e dos filhos, pelos cuidados com a casa, alimentação da família, entre outros afazeres, dentro do espaço privado do lar. De todas as colunas que mencionam o trabalho das mulheres, apenas duas citam o trabalho fora de casa, a edição nº 02 de 1976, ao abordar os cuidados que a mulher deve ter com seu bebê ao retornar da licença maternidade e a edição nº 234 de 1980 quando cita a opinião de mulheres que já estão no mercado de trabalho.

Hoje, o que você pensa quando fala em trabalho feminino? Quais são as profissões, na sua opinião, voltadas às mulheres? E em relação a coluna, o que era visto como trabalho para elas?

Acertou quem pensou no trabalho do lar. Os artigos jornalísticos, as propagandas, no decorrer da história, sempre veicularam um discurso de gênero que inferiorizava as mulheres, discriminando e excluindo-as do espaço público e deixando apenas o espaço privado, o lar para elas. (PIRES, 1997).

No artigo abaixo temos um exemplo disto. A autora, a partir do texto publicado em 1976, faz sugestões de organização que prometem comodidade ao serviço doméstico, como os realizados em empresas.

Os tempos mudaram. Mude você também

Ser dona de casa, esposa e mãe não é tão fácil como muitos imaginam. Para que você não caia na rotina de dona de casa, organize seu trabalho.

Em cada dez donas de casa, nove reclamam das empregadas, dos filhos, da vida cara, do cansaço que deu lavar a roupa, dando razão ao ditado: 'Em casa que muito brilha, a dona de casa se aniquila.'

Vão chamá-la de irascível, e não sem razão. Seu humor desapareceu ao longo do dia. E esse comentário só faz aumentar o mau humor. Falar é fácil, quero ver é fazerem o que eu faço.' Você tem toda razão. Fazer tudo do jeito que você faz, é de endoidar. E todos os dias a mesma coisa, não é mesmo? Pois então ponha um método nisto.

Nas empresas este método chama racionalização de trabalho, que consiste em fazer as tarefas de uma maneira objetiva, menos cansativa e que dê maiores resultados. Para as firmas, o resultado se chama lucro. Para você, será a possibilidade de viver melhor.

Depois de levar as crianças para a escola, pare e trace um esquema de trabalho.

Para começar, esqueça o relógio e divida as tarefas por prioridades. Veja o que é mais urgente. Se for a limpeza da casa, desista de dar conta dela num

dia. Resolva então o que mais a incomoda. Comece por aí. Com um dia inteiro para limpá-la o resultado será melhor.

É bom lembrar que uma casa toda de pernas para o ar, durante o período de limpeza, é muito incômoda. Limpando por partes, o resto da casa ficará pelo menos em ordem.

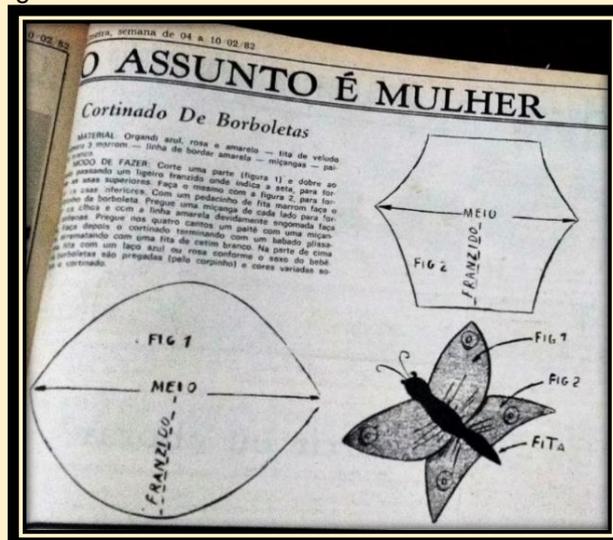
Intercale tarefas. Você sentirá muito menos tédio. Ao invés de passar toda a roupa num único dia, ficando em pé por horas e horas seguidas, divida o tempo em tarefas diferentes. E deixe sempre um horário para se arrumar. (Ed. nº 09, 27 a 03 de julho de 1976).

Quais os papéis que estão sendo atribuídos a mulher neste artigo?

Além da rotina para organizar os afazeres das mulheres dentro de suas casas, os assuntos publicados envolviam economia doméstica, limpeza, organização, culinária, ornamentação de ambientes e decoração, transformando as mulheres nas rainhas do lar, seguindo a lógica das publicações voltadas ao público feminino que eram comercializadas na época. (TEIXEIRA, 2014).

Para auxiliar na ornamentação e decoração, vários artigos foram publicados com o tema Artesanato. A mulher prendada é aquela que organiza as festas de aniversários das crianças, as recepções às amigas e amigos, além de produzir os próprios enfeites de sua casa. Além do passo a passo para confeccionar estes artesanatos, a partir das edições de junho de 1981, foram publicadas as ilustrações, para demonstrar e auxiliar as leitoras na confecção do trabalho artesanal.

Figura 19 - Ed. nº 293 de 04 a 10 de fevereiro de 1982



Fonte: Arquivo da autora

A maternidade e o cuidado com as filhas e os filhos também faziam parte da lista de assuntos relacionados com a representação feita de Trabalho para estas

mulheres. Assim como em outras publicações voltadas ao público feminino, de diversas regiões do país, desde o início do século XX, os “papéis definidores da feminilidade eram os de esposa, mãe e dona de casa.” (PEDRO, 2017, p. 293). Estes papéis tão disseminados pelas instituições “Família, Igreja, Mídia.” (TEIXEIRA, 2014, p. 85).

Isso é expresso nos textos a seguir:

Figura 20 - Ed. nº 04 de 23 a 29 de maio de 1976

Amamentação

Se você tem saúde, o seu leite é o que melhor convém a seu filho. São inúmeras as vantagens, pois durante a amamentação o útero se contrai, voltando assim mais rapidamente ao normal. A amamentação favorece a relação mãe-filho, o amor recíproco, a sensação de segurança indispensável ao desenvolvimento físico e psicológico da criança. A

composição do leite humano é bem diferente da do leite de vaca. Seus elementos são superiores em qualidade. O leite humano é cru, rico em vitamina e proteínas. Tem a vantagem de adaptar-se sempre às exigências da criança. Sua composição varia de acordo com as necessidades do bebê, com as diversas fases de seu desenvolvimento, e até com as diversas horas do dia.



Não tenha dúvidas: seu leite é o melhor para seu filho.

Fonte: arquivo da autora.

Figura 21 – Ed. nº 192 de 04 a 10 de janeiro de 1980

O assunto é mulher

As dificuldades para

Parece muito fácil educar uma criança. Mais fácil do que domar um animal irracional. Mas, se ponderarmos bem sobre o assunto, veremos que não é tão fácil assim. O mundo de hoje, oferece tantos problemas, tantos apelos, tantas modificações que não havia em "nosso tempo" que a educação de nossos filhos se nos apresenta muitas vezes acima de nossas forças e de nossas possibilidades. Ficamos num dilema: soltar não dá certo, segurar em casa não podemos, pois o mundo hoje é outro e a criança precisa ter contato com o mundo "lá de fora" para poder decidir tomar atitudes, resolver coisas que só a ela competem, pois nem sempre poderão estar presos a nós e mesmo porque devem desde cedo aprender a tomar decisões e arcar com a responsabilidade de suas opções. Mas, para isso terão elas de serem bem norteadas, bem guiadas, para que não fiquem por aí dando cabeçadas e viverem num constante desencontro que poderão lhes trazerem sérias e graves conseqüências.

Dal desde cedo, pais e educadores tomarem certas atitudes que servirão de base para a vida futura da criança.

Um ponto básico é a questão de "amizades". Os pais devem escolher suas amizades de acordo com suas possibilidades econômicas e sociais. Nada de viverem em um mundo fictício, pois mais tarde os filhos sofrerão com o impacto da realidade quando quiserem acompanhar seus amigos sob todos os pontos de vista. Admitimos que tal nem sempre é fácil, mas devem os pais procurar intimidade maior com as famílias de mesmo nível educacional, social e econômico. Quantos há por este mundo de Deus que vivem um padrão de vida fictício. Quantos sofrem para acompanhar os outros, por uma simples questão de vaidade, de um falso status, como se isso fosse necessário para se firmarem na vida ou para serem felizes. Vivemos muito mais felizes, quando nossa vida é pautada dentro do orçamento doméstico. Isto porque desta feita não faremos dívidas, nem sacrifícios inúteis, pelo simples fato de querermos "aparecer" na sociedade. Se cada um vivesse dentro de suas possibilidades, muitos problemas e tensões não existiriam.

Um outro ponto que os pais devem observar na questão da educação de seus

Myriam Freire de Freitas

bem educar um filho

filhos é o problema do "castigo". O castigo é inevitável, porém é o mais perigoso ato da educação. Agressões verbais ou desaforos devem definitivamente ser abolidos. Palmadas (que não machuquem, somente assustem) devem ser usadas somente até 3 ou 4 anos de idade. Nunca bater no rosto de uma criança. Isto marca e fere para o resto da vida. Conforme a criança cresce há outros meios de castigos, sem ferir a dignidade e sem tirar o respeito que o filho merece. Restrição de liberdade, mantendo a criança no quarto é uma boa medida, restrição de alimentos é outra forma de castigo que não deve ser usada. Proibição de assistir um programa de televisão, de um cinema ou mesmo de um passeio, é um meio que surte efeito. Quando a criança já tem sua mesada, um meio que poderá ser usado para lhe dar um castigo, será a restrição da mesma.

A aplicação do castigo deve ser justa e exata. Nada de exageros. E nunca castigar "quando o papai vier". O castigo deve ser ministrado na hora da desobediência ou de uma falta grave cometida. Devem ser as faltas castigadas sempre da mesma maneira, isto é, nunca de acordo com o humor bom ou mau dos pais.

O que nunca deve ser descuidado: Procurar "ser justo com todos os filhos" sem privilégios inadequados.

Quais são os temas tratados nos artigos acima? Para quais mulheres eles são dirigidos?

No primeiro, para as mães, faz uma conscientização da importância da amamentação aos filhos pequenos. Já no segundo, que pode ser para ambos, mães e pais, uma preocupação com a educação das filhas e filhos. Quais outros apontamentos podemos fazer ao ler estes artigos?

Através da leitura dos periódicos destinados ao público feminino é possível identificar as representações femininas e masculinas de uma época e para qual classe social a publicação se destinava. Neste segundo artigo da Figura 11, o público ao qual se destinava era o da classe média baixa, pois tratava sobre os problemas sociais que poderiam ocorrer devido a inveja do padrão de vida de pessoas ricas finalizando com a afirmação de que se todos vivessem dentro de seus padrões de vida muitos problemas não existiriam.

Continuando nossa aventura pelas páginas da Gazeta de Palmeira, as relações entre os homens e as mulheres, seja antes do casamento, nos preparativos para a festa, o romance; como também as relações familiares, também foram temas abordados na coluna “O Assunto é Mulher”.

No artigo seguinte podemos perceber esta tentativa, de indicar quais seriam os comportamentos ideais para uma esposa e mãe.

Figura 22 - Ed. nº 165 de 29 de junho a 05 de julho de 1979

<p>Uma verdade atual que podemos constatar, observando algumas famílias de hoje, é que há muita desarmonia entre os casais e conseqüentemente filhos revoltados. Num antigo livro dos Samurais, isto já estava escrito.</p> <p>O Prof. Masaharu Taniguchi fundador da Seicho-no-iê nos conta:</p> <p>A Sra. Mitiko Otsuka, residente na cidade de Sendai, é mãe de duas filhas. A expressão mais difícil que a sua filha de dois anos aprendeu é a seguinte: “Meu respeitável pai”. Isto aconteceu porque a sua mãe sempre que se referia ao seu marido nas conversas com as filhas falava: “O seu respeitável pai”... Por exemplo quando surgia um problema difícil, ela dizia para as filhas: “A mamãe não sabe como resolver este assunto. “Vamos perguntar ao seu respeitável pai”. E quando alguma coisa de bom acontecia, ela dizia: “Que bom! Vamos contar isso ao seu respeitável pai”.</p>	<p>Os filhos que tem mãe como a Sra. Otsuka, têm garantido um futuro feliz. Eu irei dar uma “dica” para que a leitora possa representar o seu papel de boa esposa: aconteça o que acontecer, continue louvando o seu marido o dia todo, com palavras como esta: O meu marido é maravilhoso! É aconselhável representar o papel com persistência, tal como aquela velhinha de um conto de Anderson, que continuou acreditando e dizendo: “O que o meu velho faz está tudo certo!”</p> <p>Se por exemplo o seu marido toma um copo de uísque e adormecer, você louvará: “O meu marido é maravilhoso! Ele dorme tranqüilo sem nenhuma preocupação. Se ele “soltar o gás” durante a refeição, não precisa se assustar; você mentalizará: Oh isso é sinal de saúde. O meu marido é o melhor marido do mundo! Desta forma aconteça o que acontecer, você louvará o seu marido o dia de hoje, com uma voz suave porém firme: “Meu marido é o melhor do mundo!”</p> <p>Creio que muitas coisas seriam solucionadas, se aprendêssemos a ceder um pouco...</p>
---	--

Fonte: arquivo da autora

Através de ensinamentos da Filosofia **Seicho-no-iê** a autora apresenta para suas leitoras qual seria o comportamento ideal para que um relacionamento fosse harmonioso e conseqüentemente que os filhos obtivessem uma boa educação. Ao lermos com atenção, percebemos que o problema, apontado no texto, como causa das dificuldades que os casais da época encontravam se dava principalmente por falta de harmonia entre o casal e que a culpa era da mulher, pois é ela quem deve respeitar seu esposo, independentemente de seu comportamento, é ela também que deve educar as filhas e os filhos sobre a forma de tratar **“o seu respeitável pai”**.

SEICHO-NO-IÊ - filosofia que transcende o sectarismo religioso, pois acredita que todas as religiões são luzes de salvação que emanam de um único Deus.

www.sni.org.br/oque.asp

Em pesquisa feita por Maria de Fátima da Cunha (2001) sobre o tema casamento nos jornais da década de 1960, aparecem artigos que demonstravam a importância de se manter a qualquer custo a harmonia doméstica, nem que para isso a mulher tivesse que desistir de suas ambições. Na Gazeta de Palmeira, na década de 1970, isso ainda permanece, como no artigo da Figura 15, o jornal retratava este tema dizendo que a mulher sempre deveria “ceder” para o bem do casamento e da família.

Aqui identificamos os padrões de comportamento esperados entre o casal, o homem é o líder a casa, o patriarca, e a esposa submissa e que deve ser a responsável pela educação dos filhos e filhas.

Apesar do contexto de lutas feministas por igualdade, presente nos grandes centros urbanos no período de publicação da coluna, o estereótipo de mulher submissa ao marido ainda está presente no conteúdo dos artigos publicados que retratam as relações entre as mulheres e os homens, ficando a mulher a serviço das decisões do marido. O homem é o provedor e a esposa submissa aceita esta condição e ainda educa suas filhas e filhos para que mantenham este ordenamento.

Esta característica, daquilo que é considerado comportamento do homem, pode também ser enquadrado no que alguns autores chamam de masculinidade hegemônica, que para Connel e Messerschmidt (2013) seria um conjunto de práticas que possibilitou que a dominação histórica dos homens sobre as mulheres

continuasse. Este comportamento dominador não é praticado por todos os homens, porém, influencia na representação que se tem e se propaga dos homens.

Assim, nas colunas que retratam o tema casamento e as relações entre marido e mulher, o marido é referenciado como alguém a ser cuidado e zelado, e o relacionamento, para dar certo, é responsabilidade da mulher. A edição nº 221 de 1980, aborda exatamente este ponto ao publicar para as leitoras dicas de como poderiam mostrar aos seus maridos como eles são “especiais”.

Figura 23 - Ed. nº 221 de 15 a 21 de agosto de 1980

GESTOS DE CARINHO

Algumas maneiras de você fazer com que seu marido perceba que é muito especial para você.

- 1.º — Consiga a receita daquela torta ou daquele bolo que o deixa deslumbrado e prepare a surpresa para ele.
- 2.º — Ofereça-lhe um desfile de modas particular... Só com as suas camisolas mais românticas.
- 3.º — Tire algumas fotos suas, bem charmosas e distribua pela casa, nos lugares mais inesperados.
- 4.º — No dia dos namorados dê a ele um presente que você mesma tenha feito ou um sueter de tricô, ou um quadro onde você pintou qualquer coisa de romântico.
- 5.º — Num domingo chuvoso coloque almofadas no chão, faça sanduíches, ponha um disco com as músicas que ele gosta e convide-o para ouvir com você.

Fonte: Arquivo da autora

Podemos perceber que existia uma preocupação com a manutenção do casamento. Os estudos feitos pela autora Maria de Fátima da Cunha (2001) ao analisar jornais e revistas de décadas anteriores a da coluna que estamos explorando, já demonstrava que o tema casamento tinha lugar de destaque. Para esta autora, nestes periódicos,

As mulheres, por sua vez, são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (principalmente mães, donas de casa e esposas) e das características consideradas “próprias das mulheres” englobadas no termo “feminilidades” (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc.). Aos pais de família cabe sustentá-la com o seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido. (CUNHA, 2001, p. 202).

Assim, podemos observar que a representação veiculada nos artigos da coluna sobre o relacionamento entre marido e esposa, em um período após o estudo de Maria de Fátima Cunha, também reforça os padrões de mulher mãe e dona de casa, e homens, como os provedores que devem ser respeitados.

Carla Bassanezi (1993) ao analisar revistas femininas no período de 1945 a 1964 aponta que o discurso das revistas era que a felicidade conjugal, ambição de todas as mulheres, era alcançável para as *boas esposas*, ou seja, a felicidade do casamento e do marido era responsabilidade feminina.

Já que estamos falando sobre felicidade, vamos agora para nossa última aventura. Vamos explorar o tema Lazer na coluna. No decorrer do período de publicação da coluna, as leitoras realizavam trocas de ideias a respeito de indicação de Livros, informações sobre eventos culturais, além de enviarem trechos de Livros e Poemas para serem compartilhados com as demais.

A primeira edição que apresentou estas indicações foi a de número 119 de 1980, com a publicação de uma Crônica de Carlos Torres Pastorinho²⁵, retirada de um jornal feminino, a qual tratava sobre a felicidade feminina.

²⁵ Ex-padre católico, se converteu ao espiritismo em 1950, era escritor e radialista, publicando mais de 50 obras, entre elas “Minutos de Sabedoria”. Informações disponíveis em < <https://www.mensagemespirita.com.br/autor/carlos-torres-pastorino/biografia/>>.

Figura 24 – Ed. nº 119 de 11 a 17 de agosto de 1978

Para início de conversa, aqui está um trecho muito bonito de uma crônica de Carlos Torres Pastorino dedicada às leitoras de um jornal feminino, e que eu achei interessante, transcrevê-lo para nossa coluna.

“Você prezada leitora, tem o direito de ser feliz. Muito mais que isto: tem o dever de ser feliz; Deus é a felicidade máxima do universo, e nós que somos feitos a sua imagem e semelhança nós que temos obrigação de ser semelhante a Ele, temos a obrigação de buscar a nossa felicidade, porque estaremos buscando o próprio Deus.

Entretanto a nossa felicidade é combatida pelos outros, pelo que “dizem” pelos outros que julgam, nos atingindo como setas envenenadas, martirizando nosso coração. Ciúme, inveja, calúnias isto virá sempre que nossa felicidade aparecer, porque a humanidade ainda não compreende que alguém possa ser feliz.

Olhe tudo com bons olhos; se algo a assusta um momento, reflita que talvez no caso dessa pessoa, você fizesse o mesmo. Compreenda com amor e carinho; seja generosa em palavras e em pensamentos. Tenha coragem; enfrente a vida e o mundo, e construa a sua felicidade porque é um dever do qual você terá que prestar contas se podia realizá-lo e não fez; porque não se esqueça: ser feliz é viver unida a Deus que é a Suprema Felicidade”.

Fonte: arquivo da Autora

O artigo traz uma forte concepção religiosa ao dizer que a felicidade era uma obrigação, pois nós somos a imagem e semelhança de Deus, e Ele é a “felicidade máxima do universo”. Em continuidade o artigo apresenta o que as leitoras podem fazer para encontrarem esta felicidade, demonstrando que atitudes de amor, carinho e generosidade são o caminho para enfrentar as adversidades que impedem a nossa felicidade; ou seja, novamente ações de submissão feminina, padrões de docilidade já abordados como atributos de feminilidade.

Na continuidade das publicações referentes a este tema foi possível identificar o hábito de leitura destas mulheres. Elas tinham diversas dicas para compartilhar entre si, tanto elas como a própria autora da coluna, gostavam das indicações do “Círculo do Livro” (Edições nº 125 de 1978; 145 e 154 de 1979). Este Círculo foi um Projeto iniciado em 1973, formado pelas Editoras Bertelsmann e Abril, tendo seu auge em meados da década de 1980 com alcance nacional. Os sócios e sócias escolhiam os livros através de catálogos e compravam estes com um valor menor do que se comprado da livraria. (CÍRCULO DO LIVRO, 2015).

Relacionado aos livros, a edição nº 156 de 1979 merece destaque, conforme próxima Figura:

Figura 25 - Carta e Resposta para Leitora Sônia – Ed. nº 156 de 27 de abril a 03 de maio de 1979

MYRIAM, estou fazendo uma pesquisa particular sobre escritoras brasileiras, seus livros etc., pois gosto muito de leitura embora não tenha estudado muito a respeito. Já li algumas escritoras e agora eu lhe pediria a "dica" de uma das melhores. Um abraço da
Sônia

Adorei a sua pergunta Sônia, e noto que você é uma mo-

cinha muito inteligente. Sabe, a primeira escritora que me despertou a atenção, foi RAQUEL DE QUEIROZ.
Eu era então uma mocinha como você, que colecionava a última página da revista O CRUZEIRO, onde lá estava a crônica daquela cearense que me fascinava com o seu estilo inconfundível e seu jeito maravilhoso de escrever falando da sua terra e da sua fazenda — "Não de Deixes" no Ceará.
Ela foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras. Estreou em 1930 com o romance O QUINZE, depois dele vieram CAMINHO DE PEDRAS, AS TRÊS MARIAS, A DONZELA E A MOURA TORTA, e as peças para o teatro, LAMPIÃO, A BEATA MARIA DO EGITO.
Em 58 publicou 100 CRÔNICAS ESCOLHIDAS, e O CAÇADOR DE TATU.
Na literatura infantil ela estreou com O MÁGICO.
Além de escritora, é uma excelente tradutora de várias obras como Os Irmãos KARAMAZOVI de Dostoiévski, O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Bronte.
Ela é sem dúvida uma das grandes escritoras brasileiras. Procure ler as suas crônicas.
Outra boa escritora brasileira, é ADALGISA NERY. Seus livros: POEMAS A MULHER AUSENTE, CANTOS DA ANGÚSTIA, AS FRONTEIRAS DA QUARTA DIMENSÃO. Leia dela, A IMAGINÁRIA, que Jorge Amado se referiu: "Ao meu ver, um grande romance, desses que depois de lidos nunca mais podem ser esquecidos".
Eu fui presenteada com este livro, e a dedicatória que veio escrita foi assim: "Myriam, Imaginária é a Vida, que passa pregando blefes..."
Continue lendo Sônia, bons livros e você nunca estará perdendo tempo.

Fonte: Arquivo da Autora

Aqui podemos observar que esta leitora se interessa por trabalhos escritos por outras mulheres. As autoras indicadas, Raquel de Queiroz e Adalgisa Nery, já estavam, mesmo que indiretamente, como protagonistas de suas histórias e até sendo força para o movimento feminista na luta pelo direito das mulheres.

Rachel de Queiroz é citada como uma das mulheres que foi além de seu tempo, mesmo não admitindo a legitimidade do movimento feminista brasileiro. Segundo Duarte (2003, p. 164),

Como outras mulheres, Rachel colocou-se na vanguarda de sua época ao penetrar no mundo das letras, na redação dos jornais e na célula partidária, espaços entranhadamente masculinos. A estréia em livro, ocorrida em 1930, com o romance O quinze, que trata do drama dos flagelados e de agudas questões sociais, provocou tal impacto nos meios literários que houve até quem duvidasse de sua identidade [...].

A outra autora citada, Adalgisa Nery, foi uma poetisa, romancista, contista e jornalista brasileira, publicou sua primeira obra em 1937, *Poemas*. Outra obra de destaque foi *Mulher Ausente*, obra marcada por um certo erotismo libertário²⁶.

Outro campo importante que não podemos esquecer é a Espiritualidade compartilhada entre as leitoras da coluna. A partir da edição nº 150 de 1979 a autora passou a publicar, quase todas as semanas, trechos e reflexões de Seicho-no-iê.

Estes “ensinamentos”, normalmente em forma de pequenas reflexões, eram sempre publicados em uma linguagem genérica voltada para o masculino e foram publicadas durante todo o ano de 1979 e início de 1980. Muitas vezes as leitoras pediam à autora que publicasse trechos relacionados a temas específicos como para ter um “bom Trabalho” (edição nº 155 de 1979), “para você começar bem o dia” (edição nº 157 de 1979), “oração do motorista” (edição nº 161 de 1979) e uma “oração para abençoar o lar” (edição nº 178 de 1979).

Já no que se refere aos momentos de divertimento e descontração para as leitoras foram encontrados artigos relacionados a dicas sobre viagens em família e informações sobre a organização de espaços para receber amigos ou organizar festas.

Apesar do teor destes artigos estar relacionado ao divertimento e lazer, é perceptível que na organização de viagem em família, cabe a mulher, esposa e mãe a organização dos preparativos de viagem, para que assim toda a família possa gozar de um momento de relaxamento e que na volta também não encontre surpresas desagradáveis conforme a figura 16:

²⁶ Informações disponíveis em < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3195/adalgisa-nery>>.

Figura 26 - Ed. nº 38 de 16 a 22 de janeiro de 1977

Para viajar com tranquilidade

É a vez dos preparativos indispensáveis a serem feitos nos oito dias que antecedem a partida:

1. Malas — verificar o estado das alças, fechos e fechaduras. Não esqueça de retirar as antigas etiquetas para que não haja confusão. Separe chaves, cadeados e notar etiquetas.
2. Pagamentos — tenha cuidado de pagar antes de partir as contas de luz, telefone, condomínio, etc., evitando cortes e taxas de acréscimo por atraso.
3. Chaves — deixe uma chave extra com um parente ou amigo para o caso de algum imprevisto: cano de água que inunda a casa, janelas quebradas durante a ausência, ou outro problema no gênero. Avise os vizinhos ou porteiro do prédio com quem está a chave. Deixe telefone e endereço da pessoa a ser chamada em caso de emergência.
4. Correio — se acha que vai necessitar de alguma correspondência, deixe uma pessoa encarregada de remeter suas cartas para um endereço certo. Avise o carteiro.
5. Coloque os vasos de plantas dentro do tanque ou da banheira com um nível bom de água. É importante que o local seja arejado e iluminado. É o único procedimento para tentar salvar as plantas durante sua ausência, caso não fique uma pessoa encarregada de cuidá-las.

Fonte: Arquivo da autora

Algo familiar com o que já conversamos anteriormente? Quem é apontada novamente como responsável pela felicidade familiar?

Era comum que jornais e revistas destinados ao público feminino apresentassem a felicidade da família como responsabilidade da mulher, que deveria priorizar primeiro a felicidade do marido, depois dos filhos e por último a sua, que seria então consequência da felicidade e do bem-estar da família (BASSANEZI, 1993).

Outro assunto destinado ao lazer era a organização de eventos entre amigos, como por exemplo o citado neste artigo:

Figura 27 - Ed. nº 141 de 12 a 18 de janeiro de 1979

Um joguinho despretenso de buraco, acompanhado de docinhos, de música, é um passatempo agradável para quem recebe amigos numa reuniãozinha informal no verão com refrigerantes ou no inverno com um gostoso chocolatezinho quente. Todos se animam, e vibram com as “canastras”, ou se entristecem quando o parceiro “bate” sem a menor chance de se fazer mais alguns pontinhos. Mas nós iremos falar aqui, como o seu joguinho ganhará um charme especial; quem vai lhe dar as “dicas” é Maria José de Carvalho:

“Lembre que o grupo que vai jogar em sua casa, deve ser homogêneo em idade, grau de intimidade, com afinidades comuns. Não vá convidar amigas que estiverem ressentidas ou as que detestam “cartas”...

MESA PARA O JOGO:

Se não a possui, adapte a da copa ou a do escritório. Que seja de boa altura; cubra-a com feltro ou toalha grossa de preferência sem desenhos ou bordados que atrapalham a visão das cartas. Uma baihna larga com elástico forte à volta do feltro faz excelente arranjo. O verde é a cor tradicional, mas você pode usar caramelo, marrom ou azul-marinho.

CADEIRAS CONFORTÁVEIS: Passar várias horas mal sentada provoca cansaço geral. Não vale pois, usar aquele banquinho da cozinha ou empilhar almofadas molengas.

SEU BARALHO ESTÁ SUJO?: As cartas de papelão podem ser limpas com miolo de pão, passando em seguida uma camada de farelo e esfregando levemente. As de plástico podem ser lavadas numa bacia com água morna e sabão em pó.

MARCADORES: Blocos para jogo são encontrados no mercado. Você poderá usar folhas limpas grampeadas com uma capa interessante. Evite utilizar cadernos usados e tenha lápis apontados ou canetas que não manchem.

CINZEIRO: Que não sejam muito pequenos e rasos, pois costumam derramar cinza e queimar o feltro da mesa. Prefira os cinzeiros de vidro ou louça, pois será demorado o polimento dos de prata.

ILUMINAÇÃO: Lâmpadas fortes e bem colocadas proporcionam melhor visão das cartas.

MÚSICA ALEGRA O AMBIENTE:

Desde que seja baixinha e de bom gosto. Se tiver que levantar-se a todo o momento para lidar com os discos é melhor esquecê-la ou ligar o seu rádio de pilha.

SEU BANHEIRO ESTÁ EM ORDEM?

Verifique se há toalhas limpas, papel sanitário, sabonete. Alguns comprimidos, analgésicos, lenços de papel, lixa de unha, algodão, gaze, mercúrio-cromo, podem ser solicitados.

ESCOLHA BEM O LOCAL PARA A MESA:

Veja qual o melhor lugar para armar a mesa de jogo de modo a permitir a circulação. Evite colocá-la à porta da cozinha, da entrada ou em lugar de passagem.

Fonte: Arquivo da autora

Leiam com atenção e observem: Será que está apresentando apenas dicas para um jogo “despretenso” de buraco? São, também, apresentadas regras de comportamento e etiqueta?

Por se tratar de um momento de distração, através da opinião de **Maria José de Carvalho**, a autora cita que para o sucesso do evento é melhor ter precaução na hora de escolher as

MARIA JOSÉ DE CARVALHO Formada em história pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foi poeta, tradutora, atriz, diretora de teatro, pianista, cantora de câmara, professora de música e teatro, declamadora, poliglota, pesquisadora, crítica teatral e *promoter* de vários eventos culturais. Nasceu em 1919
<http://www.allaboutarts.com.br/default.aspx?PageCode=12&PageGrid=Bio&item=0805L5>

convidadas, selecionando apenas aquelas que são consideradas realmente amigas. Isto demonstra toda uma preocupação com o comportamento dos participantes do jogo, deixando, então, a anfitriã responsável por escolher bem as convidadas e os convidados e assim evitar problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas amigas e amigos de aventura, chegamos ao fim de nossa jornada desbravando as páginas do jornal Gazeta de Palmeira, através de algumas edições da coluna “O Assunto é Mulher”.

Eu, Gazetinha, espero que vocês tenham conseguido compreender como a imprensa constrói e mantém os estereótipos veiculados sobre as mulheres em um determinado período. Através de conteúdos despretensiosos são ditados padrões de comportamento e normas que as mulheres devem seguir dentro da sociedade. Infelizmente, na maioria das vezes, estes padrões, estas normas, são vistas como verdade para aquele público que está lendo o jornal ou a revista, que passam a exigir que na vida real estes comportamentos sejam realizados.

Considerando que no período apresentado, Palmeira, uma cidade pequena do interior, com um centro urbano restrito, no qual todos se conheciam, estes valores e passaram a ser lei perante a sociedade, e aqueles que não seguiam estes preceitos, acabavam sendo “banidos”.

Espero que vocês, a partir de agora, ao abrir um jornal, uma revista, uma notícia da Internet, do *Facebook* e até mesmo do *WhatsApp*, analisem e pensem, quem escreveu? Qual era o propósito? Será realmente verdade?

Estes questionamentos servem para que possamos identificar se ainda existe o compartilhamento de padrões daquilo que se espera de uma sociedade, e para que possamos compreender que estas normas não são imutáveis, elas mudam, evoluem ou retrocedem com o passar do tempo.

Então, vamos jogar fora o preconceito e entender que tanto o lugar das mulheres, como o dos homens é aonde elas e eles quiserem e estiverem felizes. Que todas e todos são livres e que ninguém é superior a ninguém.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS

Professoras e Professores, o material apresentado é fruto da pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sobre gênero e representações femininas na coluna “O Assunto é Mulher” do jornal Gazeta de Palmeira no período entre 1976 e 1982.

O intuito deste trabalho é o de levar para a escola as discussões sobre gênero, além de ampliar o uso de fontes no ensino de história. A imprensa, o jornal mais especificamente neste caso, é um objeto de grande riqueza no que se refere a fonte história, pois traz informações sobre o cotidiano de uma sociedade. Além disso, a união entre imprensa e ensino de história, permite trazer ao cotidiano escolar o trabalho de historiadoras e historiadores, já que para a construção do saber científico, o uso de Fontes Históricas em sala de aula, se torna indispensável, uma vez que assim, as alunas e alunos podem ter a possibilidade de analisar e compreender as construções sociais, observar como a história ensinada é construída.

Outro apontamento importante está nas questões sobre as representações sociais e os padrões de comportamento compartilhados em uma determinada sociedade. Ao levarmos para sala de aula os Jornais, possibilitamos que as alunas e alunos entendam o porquê de determinados padrões de comportamento e como estes são criados, disseminados ou até mesmo eliminados na sociedade. A quantidade de informações que podem ser extraídas das fontes, justifica seu uso para o enriquecimento da prática pedagógica, contribuindo para um melhor aprendizado, pois auxilia na contextualização do conteúdo com a prática. (VALLE; ARRIADA; CLARO, 2010).

Cerri e Ferreira (2010) discorrem também sobre a importância da fonte, ao pensarmos em uma história que dá condições para que a aluno e o aluno tenham um pensamento crítico, quer percebam, através do documento, que o conhecimento histórico não está pronto e acabado, mas que sim, podem participar desta construção. Essa reflexão é válida para o uso da fonte histórica de maneira geral, inclusive para o jornal.

O texto jornalístico traz várias vantagens, conforme a escolha feita e a utilização desenvolvida pelo professor: pode ser capaz de dar visibilidade ao cotidiano, ao registro contemporâneo do evento estudado, ao tipo de atenção ou análise que tal evento despertou em sua época. Permite acompanhar dados ausentes na “grande história”, como o acompanhamento do cotidiano, a parcialidade e a velocidade das mudanças, o desenrolar das polêmicas e

seu esquecimento. Por ser uma fonte relativamente acessível, o jornal pode aproximar a história ensinada da história local, ajudando a relativizar a ideia de processos históricos amplos (nacionais) submetidos a apenas uma lógica. Permite algum acesso à opinião pública, pois, apesar das seleções operadas pela linha editorial do jornal, o sucesso de vendas está ligado a atender os interesses de informações da população – seja a polêmica, os crimes ou as mudanças políticas e econômicas. (CERRI; FERREIRA, 2010, p. 53).

Ao analisar fontes jornalísticas é possível abrir um leque de possibilidades, com informações e abordagens variadas, enriquecendo o trabalho em sala de aula e trazendo a prática histórica, pois a imprensa possibilita “ultrapassar os limites da pesquisa em história que privilegiam questões em detrimentos de outras, ampliando assim os horizontes do conceito de fonte.” (ZANLORENZI, 2010, p. 65).

Desta forma, o ensino de história se tornaria acessível e prazeroso, enriquecendo o aprendizado das alunas e alunos, que passariam a entender os processos de construção do conhecimento histórico.

Atividades

Professoras e professores, a fim de complementar a reflexão e discussão apresentada no material didático, aqui você irá encontrar atividades complementares que irão auxiliar no processo de problematização e interpretação da fonte jornalística, no caso a coluna “O Assunto é Mulher” do jornal Gazeta de Palmeira, para que as alunas e alunos possam identificar os padrões de comportamento e as representações retratadas ao público feminino.

É importante que antes e durante o processo de execução das atividades seja solicitado às alunas e alunos pesquisas complementares sobre o movimento feminista no Brasil e no mundo, principalmente no período da década de 1960 até os dias atuais e sobre a diferenciação entre imprensa feminina e imprensa feminista.

No que se refere a identificação do público alvo da coluna, você poderá apresentar estes artigos complementares:

Figura 28 – Ed. nº 124 de 15 a 21 de setembro de 1978

Myriam, um abraço antes do nosso assunto, e votos de contínuo progresso; estou adorando a coluna, não só pelas receitas culinárias que não me amarro muito, mas pelos artigos e, as “dicas”; olhe estas são as que mais “curto”; por isso estou lhe enviando umas sugestões. Louise — Curitiba.

Fonte: arquivo da autora

Figura 29 – Ed. nº 135 de 01 a 07 de dezembro de 1978

Estou recebendo do Acre, mais propriamente de Cruzeiro do Sul, cartinha de uma leitora da Gazeta de Palmeira; ela nos cumprimenta especialmente ao “Assunto é Mulher” e nos manda as suas lembranças do centro da selva amazônica. Nos fala acerca da região, dos seus rios, das suas crenças, da selva que inicia próxima à cidade, conservando-se ainda primitiva, hostil e misteriosa com suas enormes árvores trançadas de cipós onde só se penetra com o auxílio do Terçado. Estamos muito satisfeitos em saber que o nosso jornal leva até vocês as nossas notícias e o nosso assunto feminino. Esperamos que o Natal traga vocês Alexandre e Iracema de volta ao convívio de todos nós. Nossos agradecimentos pelas palavras de carinho e a atenção dispensada ao nosso jornal.

Fonte: arquivo da autora

Figura 30 – Ed. nº 144 de 02 a 07 de fevereiro de 1979

MYRIAM, estou enviando para o assunto é mulher, uma poesia minha, dedicada ao Dia do Carteiro, e como sei que você tem marido e amigos na EMPRESA de CORREIOS E TELÉGRAFOS, gostaria que ela fosse publicada na sua Coluna. Um abraço, da ANGELA MARIA PIGATTO. (E.C.T. P. Grossa)

Fonte: arquivo da autora

Figura 31 – Ed. nº 146 de 16 a 22 de fevereiro de 1979

D. Myriam, estou indecisa quanto a escolha de uma jóia que irei ganhar e será um anel; acha que deverei escolher um brilhante, uma água-marinha ou um topázio?
Felicitades, Iracema

Um brilhante eu diria sem indecisões!!
O clássico anel de brilhantes nunca perderá seu lugar de honra!
O brilhante não é como muitos dizem, como aquele sabonete que Vale quanto Pesa; ele valerá pela cor, pureza, tamanho e qualidade na lapidação; eu já tive a oportunidade de admirar os mais lindos diamantes no sertão baiano e lhe asseguro que os chamados de “fancy colours” que são os de cor “azeite-doce” são os mais lindos que já vi. As água-marinhas, os topázios são pedras maravilhosas também de acordo com o seu quilate; existem ainda o Onix, que combina muito bem com o cristal; tem o marfim, ágata, lápis lázuli, malaquita, coral, safiras, esmeralda, e por aí vão o “rosário” de pedras preciosas. Escolha aquele que você goste e que possa comprar; o diamante minha amiga é ainda o melhor e o mais distinto.

Fonte: arquivo da autora

Através da interpretação destas imagens será possível identificar o alcance da coluna, já que são enviadas ao jornal cartas de Curitiba, Ponta Grossa e até uma

do Acre; e além desta informação, para corroborar com a imagem do material, o público alvo, mulheres das classes mais altas, pois conforme o conteúdo da Imagem 04 e 05 no qual são relatados os comportamentos ideais para uma pessoa elegante, sendo um deles o tratamento ideal que se deve dar àqueles inferiores, na Imagem 20, a leitora solicita informações sobre joias de brilhante para um presente. Qual classe social tem condições de comprar joias caras, ou então pensa em como tratar “pessoas inferiores”. Todos estes pontos podem ser explorados com as alunas e alunos para que estes possam identificar quem eram as principais leitoras e os principais leitores da coluna.

No que se refere a abordagem sobre as donas de casa e a concepção de trabalho, o artigo abaixo, no qual a autora publica dicas para se contratar uma empregada doméstica, pode ser utilizado com as alunas e alunos para identificar as contradições no que se refere a ser mulher de classe média alta, e mulher mais pobre, em relação as concepções de trabalho. Observe a imagem:

Figura 32 – Ed. nº 258 de 20 a 26 de maio de 1981

María do Carmo Fontenelle, jornalista e professora de Economia Doméstica nos ensina como contratar e tratar uma **empregada doméstica**.

O assunto empregada é para algumas donas-de-casa, uma questão de vida ou morte. Para a maioria uma fonte de contrariedades e em geral o ponto fraco da organização do lar. Você observe o aspecto quando for contratá-la e a maneira de responder. Você pode usar mais ou menos o seguinte questionário:

1º — O que você sabe fazer com perfeição?

2º — Há quanto tempo trabalha em serviços domésticos?

3º — Quantos empregos teve?

4º — Você sabe ler e escrever?

5º — Deixe-me ver seus documentos.

6º — Onde e com quem mora?

7º — Quanto você espera ganhar?

Enquanto ela responde você deve observar:

1c — O aspecto geral e o seu grau de asseio corporal.

2º — As suas roupas, só para determinar seu grau de capricho externo.

4º — O tom das suas palavras para julgar o grau de disciplina e respeito.

5º — As causas de saídas dos empregos anteriores e o tempo que ficou neles.

Também procure meios de ajudar a sua empregada nos seus problemas pessoais. Pode ser alfabetização ou aprender corte e costura, etc...

●

RECEITAS

BOLO DE MAIZENA

1 xícara (chá) de margarina
 1½ xícara (chá) de açúcar
 3 gemas
 1 xícara (chá) de maizena
 1 xícara (chá) de farinha de trigo
 1 colher (chá) de fermento em pó
 1 xícara (chá) de leite
 3 claras.

Modo de preparar

Bata a margarina até ficar cremosa, junte o açúcar aos poucos e as gemas uma a uma, batendo sempre. Peneire a maizena, a farinha de trigo e o fermento, misturando tudo à massa, alternadamente com o leite. Adicione as claras batidas em neve. Mexa a massa delicadamente e despeje em uma forma própria para bolo inglês, previamente untada com margarina e forrada com papel. Asse em forno médio, durante 45 minutos.

CREME CHANTILLY ECONÔMICO

3 claras
 10 colheres (sopa) de açúcar

Fonte: arquivo da autora

Ao analisar este artigo é possível indagar junto às alunas e alunos sobre esta empregada; ela também não é mulher? Ela também não tem uma vida particular que precisa ser organizada? Ao abordar estes questionamentos, é possível também verificar a questão que se refere as diferenças de gênero também quando o assunto é cor de pele. Sarti (1988) relata que o costume das famílias de classe mais alta, em ter empregadas domésticas em casa, é uma particularidade da sociedade brasileira ou até da América Latina. O estudo desta autora vai ainda mais longe, pois segundo ela a modernização da mulher a partir da década de 1960 aconteceu dentro de um contexto hierarquizado, principalmente nos campos: classe, gênero e raça, gerando então um avanço para as classes mais altas e brancas e uma continuidade de exploração por parte da classe mais baixa, mulheres e homens e muitas vezes negras

e negros. Um dado importante trazido por esta autora, é que havia muitas empregadas domésticas negras no país.

Solicite as alunas e alunos que façam pesquisas sobre o tema e organizem murais com gráficos e curiosidades sobre os números de profissões exercidas por mulheres brancas e negras, para identificar estas hierarquias.

Ainda no que se refere ao contexto das donas de casa segue mais alguns artigos da coluna que podem ser explorados para identificar a valorização do lar, e a figura da mulher como responsável pelo bom andamento do espaço privado.

Figura 33 – Ed. nº 124 de 15 a 21 de setembro de 1978

Eu li que certa vez, um sábio chofer de caminhão, escreveu no pára-choque que “é pela estrada da cidade, que se conhece o prefeito” e mais, que esta filosofia se aplica à casa de cada um de nós. Nada mais certo, nada mais exato; então vamos dar asas à imaginação, e pegar aquele cabide de pé, (chapeleiro) pintar numa cor alegre, (vermelho fica uma graça) colocar na parte de baixo uma folhagem, e colocá-lo na entrada de nossa casa; você nem imagina como esta idéia simples será de grande efeito. Quer ver como ficará sofisticada a sua entrada se uma grande cesta de vime cheia de

folhagens lhe der as boas vindas?
E aquela enorme garça pintada, aquelas flores aquáticas na porta do seu banheiro?
Os espelhos? Ah! eles fazem milagres na sua casa; torna o ambiente maior, decora e embeleza.

Fonte: arquivo da autora

Figura 34 – Ed. nº 156 de 27 de abril a 03 de maio de 1979

Quantas coisas poderíamos inovar, como uma espécie de truques que iriam nos facilitar as coisas em casa.

Dona-de-casa é um pouco de tudo; ela é uma artista na supervisão da casa, na decoração, com o seu carinho e a sua dedicação num mundo sem fim de preocupações e naturalmente de muitas alegrias. Aqui algumas sugestões:

Arrume numa bandeja, pequenas coisas como saleiro, pimenta, porta-guardanapos, que são necessários para todas as refeições, tornando mais rápida a tarefa de arrumar e tirar a mesa.

—x—x—x—☆x☆—x—x—x—

Coloque na geladeira uma bandeja com os potes de geléia, manteiga. Assim tudo vai para a mesa do café da manhã de uma só vez.

—x—x—x—☆x☆—x—x—x—

Para facilitar a limpeza das paredes do forno, coloque um prato com meia xícara de amoníaco. Feche a porta do forno e espere pelo menos 1 hora, que você pode aproveitar para limpar outras partes do fogão. Depois deste tempo, as gorduras e sujeiras estarão mais soltas, e a limpeza, com o produto que você está acostumada, ficará pronta mais depressa.

—x—x—x—☆x☆—x—x—x—

Faça um estoque de presentes já embrulhados de lembranças como estojo para lápis, água de colônia, para as festas de aniversário de última hora, para as quais seus filhos forem convidados. Adote também este sistema para casamentos, se você tem vários convites quem merece apenas uma lembrança, como um cinzeirinho bonitinho.

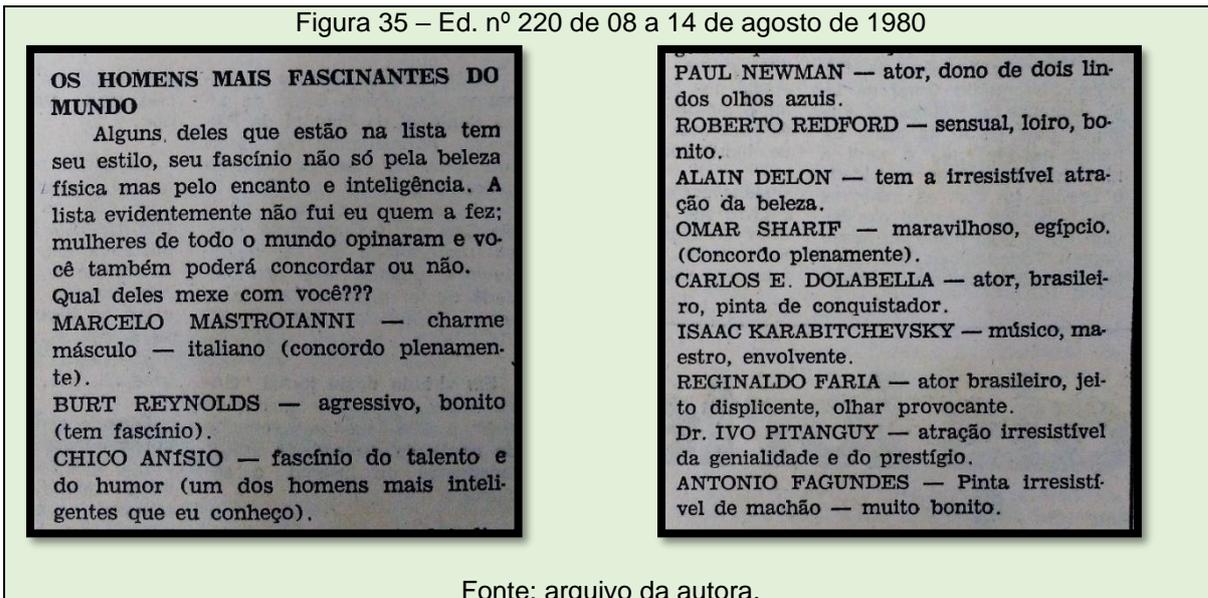
—x—x—x—☆x☆—x—x—x—

Faça uma caixinha de moeda bem bonitinha e deixe bem à mão — na cozinha ou no corredor para facilitar o troco na hora das compras do pão, leite ou pagar a passagem do ônibus.

Fonte: Arquivo da autora

Para aprofundar e ampliar as discussões outros temas podem ser trabalhados com as alunas e alunos. Como exemplo, os padrões de masculinidade e masculinidade hegemônica também são explorados ao analisar os conteúdos da coluna. Observe o artigo da edição nº 220 de 1980, nele a autora apresenta a lista de homens que foram considerados maravilhosos e descreve alguns dos pontos que foram analisados, e entre estes pontos estão os papéis de másculo, sedutor e “machão”.

Figura 35 – Ed. nº 220 de 08 a 14 de agosto de 1980



Indague com as alunas e alunos, qual a visão que elas e eles possuem sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Para enriquecer a discussão apresente o conceito de masculinidade hegemônica, que para Connel e Messerschmidt (2013) seria um conjunto de práticas que possibilitou que a dominação histórica dos homens sobre as mulheres persistisse. Os autores continuam,

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (2013, p. 245).

Neste contexto, apesar do comportamento não ser algo praticado por uma maioria de homens, ao ser indicado como ideal, acaba por fazer parte de uma educação e assim uma certa norma para condutas masculinas consideradas ideais.

No mesmo sentido do artigo anterior, mas agora reforçando o padrão de feminilidade o trecho abaixo, da edição nº 105 de 1978 é um reforço para demonstrar como as mulheres eram retratadas: dóceis, apaixonadas, sensíveis.

Hoje eu li uma mensagem muito bonita de uma garota, que quando viu a esteira de luz deixada no céu por uma estrela, fez três pedidos; raramente na nossa época, acontecem coisas assim, e nem o romantismo chega a ser tão profundo como o desta menina, quando diz: “Meu bom Deus! Tu que és grande e onipotente. Tu que governas os céus e as trevas, aquele que há de ser o eleito do meu coração por toda a vida. Faze também, Deus de doçura, e de bondade, que ele seja belo como a Natureza que criaste; generoso como

o amor que dedicas a nós, humildes mortais e forte como o rochedo que resiste impávido ao embate das ondas. E finalmente, Pai Celeste que meu casamento, o instante solene em que selaremos nossos destinos num juramento de fidelidade e de amor, seja tão bonito como aqueles dos Contos de Fadas...

No trecho a visão romântica de um amor de Conto de Fadas é compartilhado com as leitoras, indicando que esta fantasia ainda era presente no imaginário feminino.

Da mesma forma que ao se referir ao conceito de masculinidade, instigue as alunas e alunos para que eles identifiquem de onde vem suas considerações, seus conceitos sobre o que seria ser mulher ou ser homem em nossa sociedade.

Sugestões de leitura

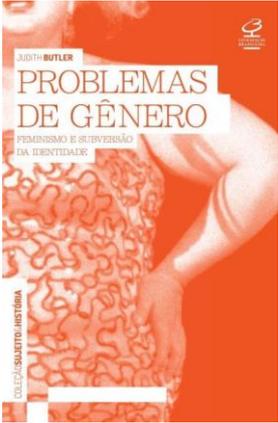
Professoras e professores, a fim de contribuir e enriquecer as discussões acerca da temática gênero e das relações de gênero nas diversas sociedades, segue uma relação de leituras que possibilitarão um aprofundamento melhor sobre a temática além de tratar o assunto com as alunas e alunos de forma lúdica.²⁷

O uso de fontes literárias para enriquecer a prática dentro da sala de aula se justifica por alguns fatores: pela proximidade com o aspecto cultural da sociedade em que a obra foi escrita, além de possibilitar o trabalho interdisciplinar. Cerri e Ferreira (2010, p. 60) ressaltam que as obras literárias,

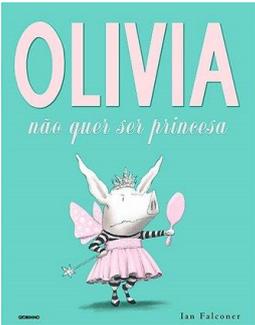
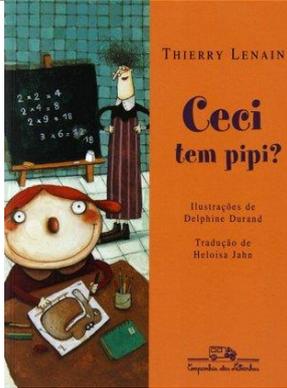
Além de ser pensada como fonte de informação e de reflexão histórica sobre a época em que surgiu, possibilitando o trabalho com questões que outros documentos podem não dar conta, a fonte literária também introduz a perspectiva de trabalhar com elementos de história cultural no ensino de história. É também uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de atividades conjuntas com outras disciplinas, como língua e literatura.

Neste sentido é importante, ao trabalhar com a fonte literária, identificar com as alunas e alunos, que a fonte apresenta uma história fictícia, porém é feita dentro da realidade do autor que produziu a obra, então aborda os elementos culturais do período em que foi produzida.

²⁷ Outras dicas literárias podem ser encontradas em <https://www.huffpostbrasil.com/2015/09/20/11-livros-infantis-que-discutem-genero-e-orientacao-sexual-foto_a_21687368/>, acesso em 27 de julho de 2018.

 <p>Fonte: Google</p>	<p>Sexo de Temperamento</p> <p>Margarete Mead – Este livro, através do relato de três comunidades primitivas, procura retratar sobre as diferenças de comportamento entre homens e mulheres.²⁸</p>	 <p>Fonte: arquivo da autora</p>	<p>O Segundo Sexo</p> <p>Simone de Beauvoir – Neste livro a filósofa francesa procura demonstrar como a mulher foi deixada a margem, o “segundo sexo”, em uma sociedade patriarcal. É dela a célebre frase “Não se nasce mulher; torna-se mulher”.</p>
 <p>Fonte: Google</p>	<p>Problemas de Gênero</p> <p>Judith Butler – Neste livro a autora questiona as relações de poder indicando, indicando às mulheres que para haver uma libertação feminina, esta deve também ocorrer nos aparatos jurídicos que aprisionam e mantem os estereótipos de uma sociedade patriarcal.</p>	 <p>Fonte: Huffpost</p>	<p>Menina não entra</p> <p>Telma Guimarães Castro Andrade – Neste livro a autora conta a história de um grupo de amigos que querem formar um time de futebol, porém não deixam a colega entrar, pois acreditam que menina não joga. Com o passar do tempo percebem que estavam errados e estavam sendo preconceituosos.</p>

²⁸ Informações retiradas dos sites <<https://www.nexojornal.com.br/estante/favoritos/2016/5-livros-sobre-estudos-de-g%C3%AAAnero>> e <<http://renatopompeu.blogspot.com/2010/07/resenha-premio.html>>, acesso em 27 de julho de 2018.

 <p>Fonte: Huffpost</p>	<p>Olivia não quer ser Princesa Ian Falconer – Retrata as imposições sociais feitas nas meninas e no contexto, Olivia não quer seguir estes padrões.</p>	 <p>Fonte: Huffpost</p>	<p>Ceci tem pipi? Thierry Lenain – Retrata as representações entre meninos e meninas, e o estranhamento quando estas não condizem com a realidade.</p>
--	---	---	---

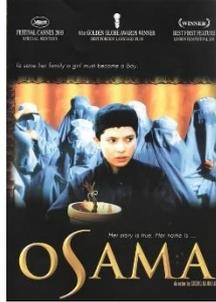
Sugestão de filmes

Outra ferramenta que pode ser trabalhada em sala de aula e que poderá enriquecer as discussões acerca da temática gênero são os filmes. Cabe ressaltar que para ter um bom aproveitamento é bom discutir com as alunas e alunos a questão da interpretação das fontes, pois devido a projeção de imagens esta fonte passa ao receptor uma noção de realidade. Cerri e Ferreira (2010, p. 93) discorrem que

Ao assistir a um filme relaxadamente, somos arrebatados pelas imagens, sons, memórias, e pelo enredo, nos 'deixamos levar' e nos esquecemos de nós mesmos e de nossa vida, experimentando sensações e tendo experiências diferentes das que temos em nosso cotidiano.

Os filmes são ferramentas importantes para o cotidiano escolar, porém é necessário antes do início da atividade trabalhar e preparar as alunas e alunos para que o momento em sala não seja um momento de distração, mas sim um momento de percepção e olhar crítico para interpretar as informações que estão sendo trabalhadas. Segue então alguns filmes que podem ser trabalhados para a fim de ampliar a discussão sobre as relações de gênero.

 <p>Fonte: Tela Crítica</p>	<p>Revolução em Dagenham (2011) – Filme retrata a luta de mulheres operárias por melhores condições de salário e o fim da discriminação sexual. A luta vai culminar na consolidação do Projeto de Paridade Salarial de 1970 na Inglaterra.</p>	 <p>Fonte: AdoroCinema</p>	<p>Histórias Cruzadas (2011) – Filme retrata a vida de mulheres negras vítimas de racismo nos Estados Unidos na década de 1960 e que juntas com uma jovem branca lutam por igualdade.</p>
--	---	--	--

 <p>Fonte: AdoroCinema</p>	<p>Terra Fria (2006) – Conta a história da mulher proponente da primeira ação coletiva por assédio sexual dos Estados Unidos, um marco para as Lutas Feministas neste país.</p>	 <p>Fonte: AdoroCinema</p>	<p>E agora, Aonde Vamos? (2011) – Retrata a vida de mulheres muçulmanas e cristãs no Líbano, que se unem para evitar mais guerras e sofrimentos.</p>
	<p>Persépolis (2007) – Conta a vida de uma garota iraniana que sofre preconceito e a adaptação quando emigra para França e novamente ao retornar à sua Terra natal.</p>		<p>Osama (2003) – Retrata a vida de uma menina, durante o regime Talibã, que é obrigada a cortar seu cabelo e se vestir como menino para proteger sua família que é composta apenas por mulheres.²⁹</p>

Professoras e professores, esperamos que este material contribua positivamente nas discussões sobre gênero dentro do contexto escolar.

Estas discussões são pertinentes para que as alunas e os alunos possam identificar que os padrões de conduta dentro das sociedades, o preconceito e a discriminação que tanto assolam o dia a dia das pessoas são elementos criados e disseminados pelos vários veículos de informação disponíveis; e que estes veículos atendem as demandas de quem os controlam.

Bons estudos e bom trabalho.

²⁹ Informações obtidas em <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/16-filmes-para-debater-os-direitos-das-mulheres/>> e <<https://www.geledes.org.br/20-filmes-sobre-mulheres-para-pensar-em-questoes-de-genero/>>, acesso em 25 de julho de 2018. Nestes endereços eletrônicos estão disponíveis outras indicações de filmes.

REFERÊNCIAS

- ARCHANJO, Léa Resende. Ser Mulher na Década de 50: Representações Sociais veiculadas em Jornais. In: TRINDADE, Etelvina M. C. MARTINS, Ana Paula V. (Org.). **Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.
- BASSANEZI, Carla. Revistas Femininas e o Ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, 1993.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>, acesso em 04/02/2017.
- BUITONI, Dulcília. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina**. São Paulo: Summus, 2009.
- CABRAL, Eugênia Melo. **Primeiras Histórias - O surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2008. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1579>, acesso em 31/10/2017.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Oficina de História III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010. 115p. il.
- CÍRCULO DO LIVRO. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/literatura/circulo-do-livro-am8lluzz9i72d9fkg1yxm5f8>>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O Ensino da História e os Estudos de Gênero na Historiografia Brasileira. **História e Perspectivas**, Uberlândia (53): jan-jun. 2015.p.295-314.
- CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1): 424, jan-abr/2013.
- CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e Mulheres nos anos 1960/70: Um Modelo Definido? **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Editora UFPR.
- DELCOLLI, Caio. **11 livros infantis que discutem gênero e orientação sexual**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2015/09/20/11-livros-infantis-que-discutem-genero-e-orientacao-sexual-foto_a_21687368/>, acesso em 27 de julho de 2018.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, Universidade de São Paulo, 2003.

FERRAZA, Ana. Por que rosa é cor “de menina” e azul, “de menino”? **Super Interessante – Mundo Estranho**. 2018. Disponível em <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-rosa-e-cor-de-menina-e-azul-de-menino/>>, acesso em 24 jul. 2018.

FERREIRA, Júlia Rosa. **Mulheres no Pedestal**: o caso do povo Mosuo, Khasi e Minangkabau. Disponível em <https://www.academia.edu/13636345/Mulheres_no_pedestal_o_caso_do_povo_Mosuo_Khasi_e_Minangkabau>, acesso em 24 jul. 2018.

HANCOCK, Jaime Rubio. Por que rosa é de menina e azul é de menino? **El País**. 2014. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/18/ciencia/1416328918_518343.html>, acesso em 24 jul. 2018.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa Feminina, Revista Feminina. A Imprensa Feminina no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 221-240, dez-2007.

MACHADO, Liliane Maria Macedo; STRONGEN, Fernando Figueiredo. O Agendamento da Greve nas páginas de *A Plebe* (1917). **Rev. Comum. Midiática** (Online), Bauru/SP, v.11, n.1, p. 77-92, Jan./Abr. 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. **5 livros sobre estudos de gênero**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/estante/favoritos/2016/5-livros-sobre-estudos-de-g%C3%AAnero>>, acesso em 27 de julho de 2018.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

_____. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

PIRES, Vera Lúcia. Relações de Gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 32, nº 1, p.103-124, março 1997.

SALVA, Sueli; RAMOS, Ethiana Sarachin; OLIVEIRA, Keila de. Relações de Gênero e Educação: Fronteiras Invisíveis que demarcam modos de ser. **Revista Roteiro**. Joaçaba, v.39, n.1 jan-jun, 2014.p.217-240.

SADA, Juliana. **16 filmes para debater os direitos das mulheres**. Disponível em <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/16-filmes-para-debater-os-direitos-das-mulheres/>>, acesso em 27 de julho de 2018.

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cad. Pesq.**, São Paulo (64): 38-47, fev. 1988.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99, 1995.

SEMIS, Laís. Como o conceito de beleza se transformou ao longo dos séculos? **Nova Escola**, 01 de out. 2014. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/3414/como-o-conceito-de-beleza-se-transformou-ao-longo-dos-seculos>>, acesso em 05 de agosto de 2018.

SIMÕES, Isabelle. **20 filmes sobre Mulheres para pensar em Questões de Gênero**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/20-filmes-sobre-mulheres-para-pensar-em-questoes-de-genero/>>, acesso em 27 de julho de 2018.

SOUZA, Eliezer Felix de. **A Imprensa como Fontes para Pesquisa em História e Educação**. Disponível em <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/LGXlxSF7.pdf>, acesso em 29/12/2016.

TEIXEIRA, Nincia C. R. B. Entre o Público e o Privado: Imprensa e Representação Feminina. **Revista Encuentros, Universidad Autónoma del Caribe**, 12 (2), 2014, pp. 79-92.

TRIGO, Maria H. B.; BRIOSCHI, Lucila R. Masculino-feminino: nada mais “natural”. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero e Educação: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: Ícone, 2007.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane Costa. A utilização de fontes no Ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento. **Momento**, Rio Grande, 20 (1), 2010, p.59-72.

ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. **História da Educação, Fontes e a Imprensa**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 60-71, dez. 2010.

WEIGL, Wilson. Entenda as mudanças de padrão de beleza ao longo da história. **Guia do Estudante**, 29 de abr. 2014. Disponível em <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/entenda-as-mudancas-de-padrao-de-beleza-ao-longo-da-historia/>>, acesso em 05 de agosto de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulher! A famosa mulher! Figura mítica que despertou e ainda desperta um certo temor dentro de uma sociedade patriarcal. Mas afinal, o que é ser mulher? Por que tanto receio e ao mesmo tempo tanta preocupação no que se refere aos seus comportamentos?

A categoria mulheres – uma evolução, construída pelo feminismo. O poder destas mulheres reside em suas diversidades, nas raças, etnias, classes culturais, sexualidades, políticas, lutas...

Com diversas inseguranças, diversos questionamentos, esta pesquisa foi tomando forma, foi se desenvolvendo e aqui estamos, na fase final. Foram idas e vindas até a sede onde hoje é o jornal Gazeta de Palmeira, 1422 fotografias que foram catalogadas, divididas, tratadas e separadas em categorias. Todo este processo para identificar as representações de gênero na coluna “O Assunto é Mulher”, que fora publicada no período entre 1976 e 1982.

Ao iniciar o processo, ficávamos imaginando, o que estas fotografias, os artigos, iriam revelar. Quais seriam as imagens femininas passadas a uma parcela da população palmeirense. Com o desenvolvimento das análises as informações ficaram mais claras, a visão de que a mulher era vista e retratada como uma pessoa **Bela**, que está sempre cuidando de sua pele, de suas roupas, saúde, além disso, que saberia se portar com elegância. A mulher também deveria ser **Prendada**, criando colagens, ambientes para as festas de aniversário de suas filhas e filhos, para receber amigas e amigos, e, para manter sua casa sempre linda, enfeitada, com ambientes decorados por elas mesmas. E, para fechar com chave de ouro, a mulher deveria ser **Do Lar**, a rainha da casa, aquela que estaria disposta a se sacrificar para o bem-estar de sua família, marido e filhas e filhos.

A investigação das representações de gênero na coluna “O Assunto é Mulher” do jornal Gazeta de Palmeira demonstrou exatamente isto, que os papéis sociais esperados para mulheres e para os homens diferem, pois para elas se destina o mundo privado de seus lares, e para eles a esfera pública.

A primeira separação dos artigos da coluna foi referente aos temas a que estes referenciavam. A dificuldade foi grande, pois, principalmente a partir da edição nº 100 de 1978, em uma mesma edição vários temas eram abordados. Ao término desta catalogação, foi possível verificar que a análise por temas ficaria extensa e

cansativa, então seria necessário o agrupamento em Categorias, sendo estas Beleza, Trabalho, Cultura e Lazer.

A partir desta separação foi possível identificar que a maioria dos artigos era voltada para assuntos relacionados a Beleza, Artesanato e Casa. Sendo os temas Trabalho, Casamento, Filantropia, Relações entre homens e mulheres e saúde os que apresentaram o menor número de edições. O trabalho no ambiente público, fora da esfera do lar, apresentou apenas dois artigos, ainda dando enfoque não a carreira profissional da mulher, mas sim ao lado mãe.

Ao comparar estes dados com os trabalhos acadêmicos existentes que também analisaram as representações femininas em periódicos voltados a este público, identificamos que o jornal Gazeta de Palmeira apresentava os padrões de comportamento que já eram compartilhados, em décadas anteriores, por publicações dos grandes centros brasileiros. É dado um enfoque ao ambiente privado, conforme os trabalhos de Bassanezi (1993), Archanjo (1997), Cunha (2001) e Teixeira (2014), transformando a mulher na rainha do lar, e responsável por toda a felicidade conjugal e familiar.

Todas estas constatações corroboram sobre a importância de se trabalhar gênero no contexto escolar. Debater com as meninas e meninos todas estas construções que foram sendo disseminadas no decorrer da história que colocaram as mulheres em um status de inferioridade em comparação aos homens, os padrões de comportamento que se esperavam das mulheres além da visão de submissa, dócil e mãe.

Além da importância de se debater estas discussões em sala de aula, a fim de se construir um conhecimento histórico sobre a temática gênero, o uso de fontes para o ensino de história é outra questão que deve ser pensada e trabalhada. Ao demonstrar as construções sociais, das representações femininas, através da imprensa, neste caso do jornal, faz com que aproximemos as alunas e alunos do ofício de historiadoras e historiadores. As crianças terão a oportunidade de interpretar, desenvolver o senso crítico e produzir conhecimento histórico acerca das relações de gênero observadas por esta pesquisa.

Porém, vale ressaltar que as representações sociais analisadas neste trabalho, não têm a pretensão de serem um reflexo fidedigno da realidade, mas sim uma tradução, uma versão desta realidade. (ARRUDA, 2002). Estas representações estão presentes no cotidiano da sociedade e como afirma Moscovici, “sempre e em

todo lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes.” (2003, p. 40).

Outras considerações, sobre este trabalho, ainda podem ser aprofundadas futuramente, como a problematização da entrevista realizada com a autora Myriam Freire de Freitas, as redes de sociabilidade formadas através das cartas enviadas pelas leitoras, o protagonismo feminino conservador, a questão da autoria feminina e, não menos importante, a concepção de imprensa interiorana. Estes apontamentos demonstram que, conforme Scott, “longe de estar resolvido, como uma vez eu pensei que estava, gênero é uma questão perpetuamente aberta: quando pensamos que foi resolvido, sabemos que estamos no caminho errado” (2012, p. 347). Ou seja, gênero, é uma categoria de análise que ainda tem um longo caminho a ser percorrido, com diversas abordagens a serem realizadas e contextualizadas.

Trabalhos que envolvam a temática gênero são importantes, demonstrando que aquilo que se espera de homens e mulheres, são construções históricas e que estão em constante transformações, mas para isso temos que ter em mente que

Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias porque não tem nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quanto parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas. (SCOTT, 1995, p. 93).

Daí a importância da historicização de gênero e sua inclusão no contexto escolar, para assim entender que as categorias homem e mulher não são fixas e sim transformadas no decorrer da história.

Além da historicização de gênero, hoje o debate acerca desta temática se faz extremamente necessário no que se refere ao combate do preconceito, na luta pela igualdade e equidade de gênero, e principalmente no sentido de produzir conhecimento científico com as alunas e alunos, assim, desmistificando conceitos mal-intencionados, como por exemplo a falsa ideologia de gênero.

FONTES

Edição nº 01 de 02 a 08 de maio de 1976.
Edição nº 02 de 09 a 15 de maio de 1976.
Edição nº 04 de 23 a 29 de maio de 1976.
Edição nº 09 de 27 de junho a 03 de julho de 1976.
Edição nº 12 de 18 a 24 de julho de 1976.
Edição nº 13 de 25 a 31 de julho de 1976.
Edição nº 15 de 08 a 14 de agosto de 1976.
Edição nº 16 de 15 a 21 de agosto de 1976.
Edição nº 23 de 03 a 09 de outubro de 1976.
Edição nº 29 de 14 a 20 de novembro de 1976.
Edição nº 34 de 19 a 25 de dezembro de 1976.
Edição nº 38 de 16 a 22 de janeiro de 1977.
Edição nº 43 de 20 a 26 de fevereiro de 1977.
Edição nº 51 de 17 a 23 de abril de 1977.
Edição nº 55 de 15 a 21 de maio de 1977.
Edição nº 67 de 14 a 20 de agosto de 1977.
Edição nº 78 de 27 de outubro a 02 de novembro de 1977.
Edição nº 84 de 08 a 14 de dezembro de 1977.
Edição nº 100 de 31 de março a 06 de abril de 1978.
Edição nº 101 de 07 a 13 de abril de 1978.
Edição nº 105 de 04 a 10 de maio de 1978.
Edição nº 107 de 18 a 24 de maio de 1978.
Edição nº 109 de 01 a 07 de junho de 1978.
Edição nº 115 de 12 a 18 de julho de 1978.
Edição nº 119 de 11 a 17 de agosto de 1978.
Edição nº 120 de 18 a 24 de agosto de 1978.
Edição nº 121 de 25 de julho a 03 de agosto de 1978.
Edição nº 122 de 01 a 07 de setembro de 1978.
Edição nº 123 de 08 a 14 de setembro de 1978.
Edição nº 124 de 15 a 21 de setembro de 1978.
Edição nº 125 de 23 a 28 de setembro de 1978.
Edição nº 127 de 06 a 12 de outubro de 1978.

Edição nº 135 de 01 a 07 de dezembro de 1978.
Edição nº 141 de 12 a 18 de janeiro de 1979.
Edição nº 142 de 19 a 25 de janeiro de 1979.
Edição nº 144 de 02 a 07 de fevereiro de 1979.
Edição nº 145 de 09 a 15 de fevereiro de 1979.
Edição nº 146 de 16 a 22 de fevereiro de 1979.
Edição nº 150 de 16 a 22 de março de 1979.
Edição nº 153 de 06 a 12 de abril de 1979.
Edição nº 155 de 20 a 26 de abril de 1979.
Edição nº 156 de 27 de abril a 03 de maio de 1979.
Edição nº 157 de 04 a 10 de maio de 1979.
Edição nº 161 de 01 a 07 de junho de 1979.
Edição nº 162 de 08 a 14 de junho de 1979.
Edição nº 165 de 29 de junho a 05 de julho de 1979.
Edição nº 166 de 06 a 12 de julho de 1979.
Edição nº 172 de 17 a 23 de agosto de 1979.
Edição nº 176 de 14 a 20 de setembro de 1979.
Edição nº 178 de 28 de setembro a 04 de outubro de 1979.
Edição nº 180 de 12 a 18 de outubro de 1979.
Edição nº 191 de 28 de dezembro de 1979 a 03 de janeiro de 1980.
Edição nº 192 de 04 a 10 de janeiro de 1980.
Edição nº 214 de 20 a 26 de junho de 1980.
Edição nº 220 de 08 a 14 de agosto de 1980.
Edição nº 221 de 15 a 21 de agosto de 1980.
Edição nº 234 de 14 a 20 de novembro de 1980.
Edição nº 243 de 30 de janeiro a 05 de fevereiro de 1980.
Edição nº 254 de 22 a 29 de abril de 1981.
Edição nº 258 de 20 a 26 de maio de 1981.
Edição nº 259 de 27 de maio a 02 de junho de 1981.
Edição nº 263 de 25 de junho a 01 de julho de 1981.
Edição nº 275 de 17 a 23 de setembro de 1981.
Edição nº 293 de 04 a 10 de fevereiro de 1982.
Edição nº 305 de 29 de abril a 05 de maio de 1982.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. et al. Cultura e imagem corporal. **Motricidade**. Fundação Técnica e Científica do Desporto. 5 (1), 1-20, 2009.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ARCHANJO, Léa Resende. Ser Mulher na Década de 50: Representações Sociais veiculadas em Jornais. In: TRINDADE, Etelvina M. C. MARTINS, Ana Paula V. (Org.). **Mulheres na História: Paraná – Séculos 19 e 20**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa / Portugal: Edições 70, 1977.

BASSANEZI, Carla. Revistas Femininas e o Ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, 1993.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRABO, Tânia S. A. M. (Org). **Gênero e Educação: Lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: Ícone, 2007.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>, acesso em 04/02/2017.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2000.

BUITONI, Dulcília. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina**. São Paulo: Summus, 2009.

_____. Revistas femininas: ainda somos as mesmas, como nossas mães. **Revista Comunicare – Dossiê Feminismo**. Volume 14 – nº 1 – 1º Semestre de 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 12ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

CABRAL, Eugênia Melo. **Primeiras Histórias - O surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2008. Disponível em < http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1579>, acesso em 31/10/2017.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa Feminista Brasileira Pós-1974. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12, 264. Set-dez. 2004.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. Apontamentos Metodológicos acerca da crítica das fontes há Historiografia. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 42, p. 296-300, jun. 2011.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Oficina de História III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010. 115p. il.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CÍRCULO DO LIVRO. Disponível em < <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/literatura/circulo-do-livro-am8lluzz9i72d9fkga1yxm5f8>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O Ensino da História e os Estudos de Gênero na Historiografia Brasileira. **História e Perspectivas**, Uberlândia (53): jan-jun. 2015.p.295-314.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1): 424, jan-abr/2013.

CONRADI, Carla Cristina Nacke. **“Memórias do sótão”**: vozes de mulheres na militância política contra a ditadura no Paraná (1964-1985). 2015, 267 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

CÔRTE-REAL, Maria Alexandra S. M. **Escola, Inclusão e Responsabilidade Pessoal e Social...que papel para o desporto?** 2011. 97f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Faculdade do Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2011.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e Mulheres nos anos 1960/70: Um Modelo Definido? **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Editora UFPR.

DAL RI, Neusa Maria. Lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras: movimento feminista em debate. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero e Educação: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: Ícone, 2007.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, Universidade de São Paulo, 2003.

FERREIRA, Angela Ribeiro. **Representações da História das Mulheres no Brasil: em Livros Didáticos de História**. 2006, 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, UEPG, Ponta Grossa, 2006.

FIGUEIRA, Márcia L. M. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serv. Soc. Rev.**, Londrina, v. 12, n.1, p.122-134, jul/dez. 2009.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu** (38), jan-jun., 2012. p. 367-394.

KYRIAKOS, Norma. Movimento Feminista em debate. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero e Educação: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: Ícone, 2007.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa Feminina, Revista Feminina. A Imprensa Feminina no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 221-240, dez-2007

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MACHADO, Liliane Maria Macedo; STRONGEN, Fernando Figueiredo. O Agendamento da Greve nas páginas de *A Plebe* (1917). **Rev. Comum. Midiática** (Online), Bauru/SP, v.11, n.1, p. 77-92, Jan./Abr. 2016.

MANINI, Daniela. A Crítica Feminista à Modernidade e o Projeto Feminista no Brasil dos anos 70 e 80. **Cadernos AEL**, Campinas, n. 3/4, p. 45-67, 1995/1996.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MATSUE, Regina Yoshie. A Expansão Internacional das Novas Religiões Japonesas: Um Estudo sobre a Igreja Messiânica Mundial no Brasil e na Austrália. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, nº 4, p. 01-19, 2002.

MAYER, Teresa Wansovicz. **Tropeirismo**. Prefeitura Municipal de Palmeira.

MELO, Hildete Pereira. Mulheres, Educação, Ciência e Políticas públicas. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana M.; AREND, Silvia M. F. **Diversidades**: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.22, n.37, 1999.p.7-32. Disponível em <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>, acesso em 12/05/2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOURA, Fernanda Pereira de. **“Escola sem Partido”**: Relações entre Estado, Educação e Religião e os impactos no Ensino de História. 2016, 188 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

NUNES, João Renato. Discutindo Gênero na Escola: por uma abordagem científica e interdisciplinar. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana M.; AREND, Silvia M. F. **Diversidades**: dimensões de gênero e sexualidade. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

_____. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

PICCHETTI, Yara de Paula. Sexualidade e relações de Gênero na escola: um diálogo com a orientação à queixa escolar. **Estação Científica** (UNIFAP). Macapá, v.2, n.1 jan-jun, 2012.p.69-79.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Do feminismo igualitarista ao feminista diferencialista e depois. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero e Educação: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: Ícone, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2003.

PIRES, Vera Lúcia. Relações de Gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 32, nº 1, p.103-124, março 1997.

PRIORI, Claudia. **Mulheres fora da lei e da norma: controle e cotidiano na Penitenciária Feminina do Paraná**. 2012, 217 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

REIS, Toni. EGGERT, Edla. Ideologia de Gênero: Uma Falácia Construída sobre os Planos de Educação Brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº 138, p. 9-26, jan.-mar., 2017.

RIAL, Carmen; Pedro, Joana Maria; AREND, Silvia Maria Fávera (Org). **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v. 38, n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2015.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. Gênero e Diversidade na Escola: notas para a reflexão docente. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana M.; AREND, Silvia M. F. **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

SALVA, Sueli; RAMOS, Ethiana Sarachin; OLIVEIRA, Keila de. Relações de Gênero e Educação: Fronteiras Invisíveis que demarcam modos de ser. **Revista Roteiro**. Joaçaba, v.39, n.1 jan-jun, 2014.p.217-240.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Do Glamour ao "Sex-Appeal": notas sobre a história do embelezamento feminino entre 1940 e 1960. **História & Perspectivas**, Uberlândia, (23): 99-114, jul./dez. 2000.

SARTI, Cynthia. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. **Cad. Pesq.**, São Paulo (64): 38-47, fev. 1988.

SCALA, Jorge. **Ideologia de Gênero: O neototalitarismo e a morte da família**. Artpress Indústria Gráfica e Editora Ltda, São Paulo, 2011.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

_____. O enigma da igualdade. **Estudos Femininos**, Florianópolis, 13(1), jan-abr, 2005.p.11-30.

_____. Os Usos e Abusos do Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, pp. 327-351, dez. 2012.

SILVA, Rosimeri Aquino da; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 –2007.

TAQUARY, Catharina O. de Britto. Direito e Desigualdades: Síndrome da Alienação Parental e o Aborto Paterno. **Revista de Direito de Família e Sucessão**. Brasília, n. 1, v. 2, p.94-112, jan/jul 2016.

TEIXEIRA, Nírcia C. R. B. Entre o Público e o Privado: Imprensa e Representação Feminina. **Revista Encuentros**, Universidad Autónoma del Caribe, 12 (2), 2014, pp. 79-92.

THOMSON, Ana Beatriz Accorsi. Os paradidáticos no ensino de História: uma reflexão sobre a literatura infantil/juvenil na atualidade. **Revista do Lhiste**. Porto Alegre, num.4, vol.3, jan/jun. 2016.

TRIGO, Maria H. B.; BRIOSCHI, Lucila R. Masculino-feminino: nada mais “natural”. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero e Educação**: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras. São Paulo: Ícone, 2007.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane Costa. A utilização de fontes no Ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento. **Momento**, Rio Grande, 20 (1), 2010, p.59-72.

VÁSQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero. (Artigo). In: **Café com História** – história feita em cliques. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/>>. Publicado em 27 de novembro de 2017. Acesso em 15 de novembro de 2018.

VIANNA, Cláudia; UNBEHAUM, Sandra. Diferenças, desigualdades e conflitos de gênero nas políticas educacionais: o caso do PNE. In: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero e Educação**: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras. São Paulo: Ícone, 2007.

VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** (33), p. 265-283, julho-dezembro de 2009.

ZAMBONI, Ernesta. O conservadorismo e os paradidáticos de história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.13, nº 25/26, pp. 175-192, set. 92/ago. 93.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. As estratégias do uso do Gênero no ensino de História: narrativa histórica e formação de professores. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, n.8 jan-jun, 2015.p.49-65.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. PUC/SP, p. 89-102, 1985.

APÊNDICE A – Tabela dos dados das categorias

Edição	Data	Qnt. De Fotos	Assunto	Tema	Citações
4	23 a 29-05-1976	1	Beleza	Sono Importante para sua Beleza	"Não há mulher no mundo que não se preocupe com sua beleza, e que não tenha um pouco de verdade." "Nada melhor para conservar o que Deus lhes deu do que uma noite bem dormida." "Não se deve esperar o aparecimento das rugas ou do primeiro pé de galinha antes de passar um dos muitos cremes nutritivos próprios e eficientes que existem em todas as linhas de fabricação."
5	30-05 a 05-06-1976	3	Beleza	Descubra qual o seu tipo de pele Dicas para proteção da pele oleosa.	"Leve ainda uma vida sadia, evitando cansaço excessivo, preocupações, e os tóxicos (álcool, fumo). Sua pele envelhecerá muito menos, pois é o reflexo da saúde física e moral."
6	05-06 a 12-06-1976	1	Beleza	Cuidados com o rosto em casa	
6	05-06 a 12-06-1977	1	Beleza	Sua pele merece cuidados continuação da edição anterior pele seca, pele desidratada.	

APÊNDICE B – Tabela com os dados sobre o Tema Casa da Categoria Trabalho

Edição	Data	Qt. De Fotos	Assunto	Tipo	Tema	Citações
3	16 a 22-05-1976	1	Casa	Limpeza	Como tirar manchas	
9	27 a 03-07-1976	3	Casa	Dona de casa	Os tempos mudaram. Mude você também	<p>"Ser dona de casa, esposa e mãe não é tão fácil como muitos imaginam. Para que você não caia na rotina de dona de casa, organize seu trabalho."</p> <p>"Em cada dez donas de casa, nove reclamam das empregadas, dos filhos, da vida cara, do cansaço que deu lavar a roupa, dando razão ao ditado: 'Em casa que muito brilha, a dona de casa se aniquila.'</p> <p>Vão chamá-la de irascível, e não sem razão. Seu humor desapareceu ao longo do dia. E esse comentário só faz aumentar o mau humor.</p> <p>Falar é fácil, quero ver é fazerem o que eu faço.' Você tem toda razão.</p> <p>Fazer tudo do jeito que você faz, é de endoidar. E todos os dias a mesma coisa, não é mesmo? Pois então ponha um método nisto."</p>

APÊNDICE C – Tabela com os Dados Gerais

Edição	Fotos	Tema	Assunto
4	1	Beleza	Sono Importante para sua Beleza
5	3	Beleza	Descubra qual o seu tipo de pele
6	1	Beleza	Cuidados com o rosto em casa
6	1	Beleza	Sua pele merece cuidados
7	1	Beleza	Medidas preventivas contra as rugas
8	2	Beleza	Cuidados com a sua pele
11	2	Beleza	Uma aula de manicure
12	2	Beleza	No inverno cuide mais de sua pele
13	4	Moda	Nomes que continuam lutando pela alta costura
14	3	Moda	Conheça o que está comprando
15	1	Etiqueta	Elegância não é Privilégio
16	3	Beleza	Perfumes
17	1	Beleza	Para se perfumar melhor
21	2	Beleza	Beleza reque cuidados
24	2	Etiqueta	As bebidas Indispensáveis
28	2	Moda	Um mundo todo branco e só seu: Courrèges
31	2	Moda	O longo caminho do Short
34	2	Moda	Moda primavera-verão estilos especiais
38	1	Beleza	Vivendo as férias
47	2	Beleza	Essências e Receitas
104	1	Etiqueta	Talheres para servir frutas
111	1	Beleza	Dicas para reaproveitar o batom
112	1	Beleza	Dicas de Beleza
115	1	Beleza	Receita Sabonete de mel para a pele
118	1	Moda	Dica vestido de noite e colar (nordeste)
122	3	Moda	Carta de Leitora de Curitiba com dica sobre moda
122	2	Moda	Moda do baú da vovó
123	2	Saúde	Dicas para melhorar o dia a dia de uma dona de casa
125	1	Beleza	Dica de leitora para cabelos pretos
125	2	Beleza	Dicas de beleza de acordo com os signos: Áries e Touro
125	1	Moda	Dicas diversas costura e moda
126	1	Beleza	Dica de leitora para unhas fracas
126	2	Beleza	Texto de Dale Carnegie sobre auto estima
127	1	Moda	Dicas da última estação
127	2	Beleza	Continuação do Horóscopo da Beleza
128	2	Beleza	Horóscopo da Beleza (Libra e Sagitário)
129	2	Beleza	Horóscopo da Beleza (Escorpião e Capricórnio)
130	1	Beleza	Dicas para cílios forte e para se livrar da caspa

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora Myriam Freire de Freitas,

Gostaríamos de convidá-la a participar de nosso estudo "REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA COLUNA "O ASSUNTO É MULHER" DO JORNAL GAZETA DE PALMEIRA", que tem como objetivo analisar as representações femininas encontradas no Jornal Gazeta de Palmeira no período de 1976 a 1982.

A pesquisa utiliza a metodologia da análise de conteúdo da coluna o Assunto é Mulher e do Jornal Gazeta de Palmeira e para contribuir ainda mais a realização da entrevista com a autora da coluna é fundamental para entender ainda mais os temas encontrados na coluna e também toda a estrutura do Jornal durante o período estudado.

Trata-se de uma Dissertação desenvolvida por **Juliana Cristine Kapp de Oliveira Visnieski** e orientada pela **Profa. Dra. Angela Ribeiro Ferreira**, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

A qualquer momento da realização desse estudo a participante da entrevista poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Todos os registros efetuados no decorrer desta entrevista serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de Dissertação e artigos científicos, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido" no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização dos resultados obtidos nesta pesquisa.

JULIANA CRISTINE KAPP DE OLIVEIRA
VISNIESKI
Pesquisadora
Aluna PROFHISTÓRIA-UEPG

Profa. Dra. ANGELA RIBEIRO
FERREIRA
Orientadora
PROFHISTÓRIA-UEPG

Eu, MYRIAM FREIRE DE FREITAS, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa "A prática de ensino na formação do professor de História no Brasil", permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados.

Palmeira, 05 de julho de 2018.

Assinatura do Entrevistado